FORMAÇÃO ECONOMICA DO BRASIL

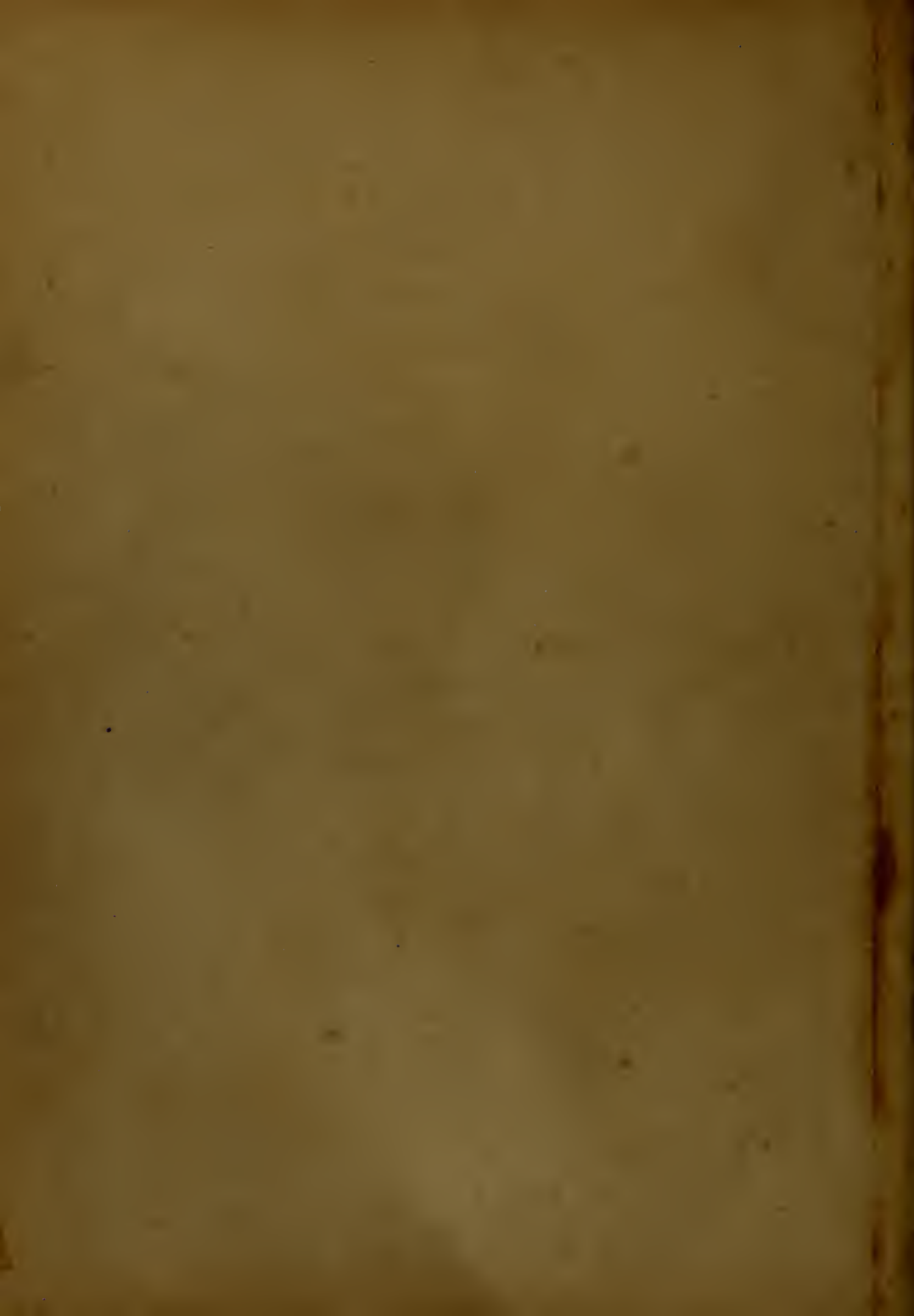
ERRATA

Ha no livro muitos descuidos de revisão.
Alguns vão aqui corrigidos.

Pagina	*Linha*	*Onde se lê*	*Leia-se*
9	27	Já ha quem affirme...	A historiographia moderna vai mostrando...
9	29	1436	1448
11	14	diz	escreve
16	7	e porque	e assim
17	7	a	á
26	26	virtudes ancestrares, o seu magnifico esforço	virtudes ancestraes, de seu magnifico esforço
26	27	de dedicação a moral que era a cruz e a patria que era o rei e que, ...	de dedicação á moral que era a cruz e á patria que era o rei é que
27	7	começou a produzir o que dantes, ia	começou a produzir o que dantes se ia
40	6	e foram concedendo direitos a preferencia nos...	e foram concedendo direitos preferenciaes aos
42	10	de riqueza e força,	de riqueza e força;
82	9	haveres se transmittiu-os	haveres transmittiu-os
84	21	sociaes que se lhe offerece.	sociaes que se lhe offerecem.
86	31	é contra esses lugares communs dos desanimados	é contra esses lugares communs desanimados
103	3	em 1843 mudou	em 1843 fundou
103	16	Yves Guiot,	Yves-Guyot.
111	18	Eram nos...	Eramos nos.
113	12	têm mais de 2 milhões de pretos	tem mais de 10 milhões de pretos
123	21	dos tribunaes modernos era muito grande.	dos tribunaes modernos não era muito grande.
129	8	mestiços ou não como escravos...	mestiços ou não ficavam como escravos...
140	25	fez o pagamento	pelo pagamento
141	2	citado revolucionario	estado revolucionario
150	29	de capitanias.	de capitaes.
152	16	e para os recemvindos e foram creando...	e para os recemvindos se foram creando...
155	7	liberdade do commercio e e da industria...	a liberdade do commercio e da industria...
156	28	Depois, dispersos em terri-	Depois, dispersos os colonos em...
165	11	da intervenção e direcção. Foi o nosso Colbert.	da intervenção e direcção.
166	9	Comtudo o proteccionismo...	Como todo o proteccionismo...
222	13	estado do ouro.	estalão do ouro.
237	31	em 1800.	em 1808.
239	19	brancos movidas	homens brancos movidos...

HISTORICO

DA

FORMAÇÃO ECONOMICA DO BRASIL

MINISTERIO DA FAZENDA

Commemoração do 1º Centenario da Independencia do Brasil

HISTORICO

DA

FORMAÇÃO ECONOMICA DO BRASIL

POR

VICTOR VIANA

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1922

Ao Sr. Dr. Homero Baptista

CAPITULO I

Como e porque os homens da Europa vieram para a America

1º — A PREDESTINAÇÃO AMERICANA

ODO o continente americano surgiu ao conhecimento maravilhado dos homens da Europa com uma grande predestinação de ordem economica e commercial.

A colonisação em toda a America obedeceu a esse objectivo previsto e desejado pelo devaneio dos negociantes das Indias, pelas observações dos navegantes e geographos e pelo ideal dos politicos.

Os gregos e os romanos tiveram colonias prosperas, muitas das quaes ultrapassaram em riqueza e poder as metropoles, mas o seu ponto de vista era differente do que queriam navegantes e colonisadores nos tempos modernos.

Os hellenos fundaram colonias mais para dar expansão ao excesso de população de suas cidades do que com qualquer intuito imperialista ou commercial.

Assim as colonias da Italia, da Sicilia, do Mar Egêo e da Asia Menor só tiveram por fim attender á necessidade natural dos nucleos de onde se originaram.

Os romanos cuidaram da colonisação na Italia para resolver um problema social interno. Apesar de todas as leis de limitação e divisão de terras, a differença de caracteres não permittia que todos conservassem a mesma fortuna. Assim, só os homens livres ficavam ricos, os outros empobreciam.

Naquelle tempo quasi todo o trabalho manual estava entregue aos escravos.

Os homens livres não poderiam concorrer com elles, e por isso, para evitar as explorações da demagogia, os governos romanos trataram de offerecer facilidades para o estabelecimento em terras conquistadas.

Naquella época, entretanto, os precursores da colonisação moderna eram os aventureiros do commercio, os conquistadores, que iam buscar longe o que era indispensavel para o consumo das grandes explorações.

Os diversos povos já trocavam actividades, e nessa necessidade de intercambio estavam em potencia todos os actos que concorreram depois á descoberta da America, ás viagens de Colombo e de Cabral.

Na época moderna, quando as viagens e os estudos cosmographicos já indicavam as possibilidades da circumnavegação, as necessidades commerciaes aguçavam a coragem e o espirito de iniciativa dos navegantes e cosmographos.

A Europa precisava do Oriente para o consumo de uma porção de mercadorias a que se havia habituado. As especiarias, os tecidos finos, gommas e resinas, já necessarias á industria e ao estabelecimento das populações civilisadas da Europa, não eram produzidas sinão no Oriente. Tudo isso era importado, atravez do deserto, pelas

caravanas, vindas da India, da China, da Asia Menor, da Africa. A Europa, antes da descoberta da America, era tributaria das industrias e das culturas Orientaes. A tomada de Constantinopla pelos turcos difficultou as communicações e dahi nasceu o ideal de viagens maritimas para alcançar o Oriente.

Os portuguezes foram os grandes iniciadores dos caminhos maritimos de longo curso. O que os nossos maiores fizeram então encaminharam, naturalmente, as suas expedições para a America.

O Brasil não foi descoberto, portanto, por mero acaso. A arribada de Cabral foi intencional e resultou de um esforço systematico e seguido.

2º — A' PROCURA DE NOVOS MUNDOS

A colonisação portugueza havia, portanto, de obedecer a esses principios primordiaes:

Audacia de navegação, dilatação da fé, novos caminhos commerciaes, padrão e gloria para o rei. A colonisação propriamente dita foi, assim, uma consequencia e não um elemento directo nos primeiros tempos. Houve a preoccupação da posse, da *extracção*; não havia no primeiro contacto com a terra o objectivo de uma colonisação systematica. Disso resultou para o Brasil a sua grandeza e a sua integridade. Por que? Porque em pouco tempo uma nação pouco populosa como Portugal póde tomar conta de um territorio vasto como o Brasil, espalhando portos por todo territorio.

Já ha quem affirme que quando Colombo chegou ás Antilhas, em 1492, os portuguezes já haviam aportado á terra do novo continente. Em 1436, André Bianco registrou nas suas cartas a descoberta do mar de Baga ou de Sargaços.

Em 1447 um navio portuguez sahe do Porto e chega á Groelandia, onde os marinheiros desembarcam. Em 1448, André Bianco inclue na carta uma terra que só pode ser o Brasil, á distancia de 1.500 milhas, comprehendida entre as ilhas do Cabo Verde e Cabo de S. Roque. Em 1452, Diogo de Teive e seu filho João encontram a ilha das Flores e chegam á latitude da Terra do Lavrador. Em 1472, João Vaz Corte Real descobre a Terra de João Vaz ou Terra Nova ou Terra dos Bacalháos na America do Norte. Em 1473-1484, Affonso Sanches depara as Antilhas. Em 1487, João Dalmo e João Affonso Estreito, acompanhados de Martim Estreito, realisam uma viagem á America e o ultimo prova no seu mappa a existencia da peninsula da Florida, das Antilhas e do Golfo do Mexico. Em 1492, João Fernandes Lavrador e Pedro Barcellos descobrem a Terra do Lavrador.

André Bianco registra que em 1448 um luso pisou a Terra dos Papagaios, cuja latitude e distancia são a do Brasil: o seu nome se perdeu.

Colombo nasceu em Genova em 1450. Dois annos antes Bianco registrava no seu mappa a existencia de uma terra a 1.500 milhas das ilhas do Cabo Verde, terra que não podia deixar de ser o Brasil. Quando Colombo procurou D. João II, este lhe mostrou conhecer as terras de além-mar e nos mappas indicou a situação da Terra Nova e da Terra dos Papagaios (Brasil). Em 1448, André Bianco traçou um mappa. Tinha ido de Portugal. Nesse mappa o Brasil apparece. Apparece porque ao sul das Antilhas dos Hermanos, do archipelago de Cabo Verde, como do Cabo de S. Roque. Por isso, póde dizer-se que, quando Pedro Alvares Cabral aportou a Porto Seguro, o Brasil já estava descoberto 65 annos antes. Outros documentos posteriores á posse de Cabral fallam do descobrimento do Brasil anterior a 1500.

O tratado de Tordesillas prova o que os portuguezes já sabiam e já tinham entrevisto.

A frota de Cabral veio com ordem de, antes de seguir para a India, dobrar do Cabo Verde para o Sul, bordejar o sudeste, até avançar á costa da Terra dos Papagaios. Este rumo é ainda hoje seguido.

O acaso e as calmarias, a que attribuem os autores didacticos o descobrimento do Brasil, são puras invenções. As cartas do Mestre João, o cosmographo da frota, e de Vaz Caminha, o escrivão, não se referem a esses incidentes. Fallam apenas como si tivessem cumprido as ordens de tal forma que não valesse a pena recordal-as e dizem que seguiram o seu caminho.

Pero Vaz Caminha diz mesmo que os indigenas não tinham religião e si os degredados que houvessem de ficar aprendessem bem a sua falla, *segundo a santa tenção de sua alteza,* tornar-se-hiam christãos facilmente.

Colombo seguiu as instrucções de D. João II.

Assim o descobrimento foi mais o resultado de uma sequencia de esforços seguidos de estadistas sabios e navegadores do que um desvio accidental de róta.

3º — NECESSIDADES ECONOMICAS DA EUROPA E A COMPENSAÇÃO AMERICANA

Adam Smith poz em relevo a importancia da adaptação das colonias á vida nova da America. O grande economista inglez merece ser lido e meditado por quantos se interessam pela formação das nacionalidades americanas.

Adam Smith escreveu o celebre *An Inqueriq Into the nature and causes of the wealth of nations* de 1766 a 1776.

Assim viveu, precursor que foi das concepções modernas, em pleno periodo colonial. As suas observações são directas e não há melhor guia para comprehender a

mentalidade dos primeiros habitantes das terras descobertas por Cabral.

A vida na Europa tinha exigencias muito diversas das que hoje; mas o que se póde concluir de todos os documentos que ficaram é que a America precisou ser colonisada mais para attender a uma necessidade de trafego do que de excesso de população ou de immigração. Dahi a instituição da escravidão dos negros, trazidos da Africa para auxiliar os poucos colonos, que não tinham elementos para trabalhar sosinhos.

O homem por toda a parte transforma o local para o habitar. Mas em nenhum lugar como na sua transplantação para a America essa formidavel acção se exerceu com tanta efficacia e successo.

Em dois seculos de occupação, a noção de patria e de nacionalidade foi se espalhando e robustecendo. Então tudo dependeu exclusivamente da questão economica. Tudo passou a se subordinar á relativa independencia de recursos para organisar o movimento emancipador.

Buckle, Humboldt, Spencer, Ranke, Reclus, a moderna escola franceza com Vidal de la Blache, Brunhes, Valdaux, Demangean, e Huntington e Coshring na Inglaterra chamaram a attenção para a influencia do homem na transformação do local geographico.

A geographia humana não é estatica.

A humanidade, no seu longo desenvolvimento, se concentrou num espaço pequeno da terra. Ainda hoje mais de um milhão se agglomera na Europa, na India, na China propriamente dita e o archipelago do Japão: um terço dos habitantes num setimo do globo.

Os grupos que a colonisação moderna creou são ainda dos menores, e na America, apesar da rapida expansão dos ultimos tempos, ainda se reunem uns duzentos milhões dos 1.631.517.000 habitantes da terra.

Errou um pouco Vidal de la Blache querendo attribuir somente a condições naturaes essa distribuição. Essa repartição proveio da proximidade dos nucleos primitivos, e não dos recursos mais favoraveis das regiões. O homem nasceu na Asia e se foi expandindo pelas terras mais proximas, e a travessia da America não foi facil.

Quando as primitivas tribus chegaram a terras americanas, as suas condições de dominio sobre as coisas eram muito fracas, e assim se foram distribuindo sem progredir sufficientemente, sem a fixação que produz o progresso real.

Esses homens tinham pouco avançado na civilisação como os peruanos e mexicanos, quando os europeus, procurando o caminho para as Indias, aportaram á America.

4º — A CONSTITUIÇÃO DO DOMINIO E A CONVENIENCIA DA COMPENSAÇÃO

O trabalho civilisador na America poz em evidencia em poucos seculos o que em outras paragens os homens levaram milhões e milhões de seculos a executar: *a constituição de dominio* de que fallou com tanta eloquencia Vidal de la Blache nos seus *Principes de Geographie Humaine.*

O homem vindo da Europa seleccionou os vegetaes que o envolvem, adaptou, trouxe uns animaes, expulsou, exterminou outros, accommodando ás suas necessidades e conforto toda a geographia.

Em nenhum historiador ou sociologo, encontrei, entretanto, a verdadeira significação da nossa transplantação para a America. O que caracterisa a formação dos primeiros nucleos coloniaes no nosso continente é a sensação de que agiam para corresponder á necessidade de um grande systema economico. Até então, as colonias procuravam

reproduzir os trabalhos da antiga metropole, e não de produzir especialidades para trocar com as de outros paizes.

Os governos metropolitanos foram accusados de prohibir culturas e commercio nas colonias e mereceram por isso a maldição de patriotas e historiadores. Eu considero toda essa legislação feroz e prohibitiva como que a previdencia admiravel de uma espantosa predestinação. Prohibindo certas producções e certo commercio, as metropoles especialisaram o trabalho das colonias, e essa especialisação é que lhes promoveu o rapido progresso.

Sim, foi essa especialisação que permittiu vender á Europa, comprar depois o que precisavamos.

Os estadistas europeus, influenciados pela escola mercantil, não esqueceram, entretanto, o que occasionava o descobrimento das terras americanas, a necessidade de obter artigos que a Europa não produzia. Ora, impedindo que a America concorresse com as metropoles, os dirigentes da Europa foram previdentes, maravilhosamente conscientes, porque obrigaram os americanos a se especialisarem nos artigos que lhes faltavam.

Si na America se fosse fazer tudo como na Europa, como obter os saldos de commercio para o nosso apparelhamento inicial? Ficando differentes, ficamos mais fortes, e os nossos maiores puderam aproveitar em maior escala as condições do nosso continente. A America principiou a commerciar, a compensar a falta do Oriente e a preencher as necessidades que o progresso da Europa ia abrindo e que o velho Oriente, sem a educação européa, sem a virtude do ouro e a ancia de riqueza, não poderia mais satisfazer.

« O primeiro estabelecimento das differentes colonias européas na America e nas Indias Orientaes, disse Adam Smith, não teve por causa um interesse assim simples e assim evidente ao que deu lugar ao estabelecimento das antigas colonias gregas e romanas. »

No meio do seculo XV o espirito de aventura nascido sob as cruzadas se apoderou dos dirigentes, commerciantes e maritimos europeus.

5º — A ESPECIALISAÇÃO AMERICANA COMO SUBSTITUIÇÃO DOS MERCADOS ORIENTAES

Não foi somente o espirito de aventura que motivou o deslocamento para a America. Havia em todo esse movimento a necessidade premente de attender ao abastecimento dos mercados europeus que se enriqueciam.

Negociar com os artigos do Oriente era fazer fortuna certa. Os venesianos, florentinos, etc., o demonstravam em toda a peninsula italica e nas ilhas do Mediterraneo. Assim a procura de um caminho maritimo do Oriente foi um sonho e um negocio. Os nossos maiores sentiam, comprehendiam que na India e na China, nas terras das sedas, das perolas, dos tapetes, dos perfumes, dos diversos tecidos, das especiarias que o paladar europeu cada vez exigia mais, estavam surprezas ainda maiores, prazeres inolvidaveis, riquezas incomparaveis e lucros sem precedentes.

Havia ahi um ideal de expansão da fé, do imperio, uma pesquiza de gloria e de esplendor e tambem muita cobiça, vontade de enriquecer depressa ou de negociar com proveito excepcional.

Errou tambem Adam Smith dizendo que o estabelecimento das colonias européas na America e nas Indias Occidentaes não foi um resultado da necessidade. Não foi o resultado de uma necessidade a grega ou a romana, mas nem por isso deixou todo o movimento de expansão atravez dos oceanos de attender ás mais prementes necessidades dos povos europeus.

Na Europa, até então, certas mercadorias, materias primas, viveres e artefactos que lhes faltavam, iam do Oriente. A viagem, porém, era difficil e demorada, e as caravanas não poderiam de forma alguma conduzir mercancias na quantidade que o consumo europeu carecia. A população augmentava, o trabalho produzia mais, os habitos de conforto se espalhavam, e porque era preciso adquirir em maior proporção e em maior volume o que dantes ia em poucas e raras caravanas.

Ao demais, a tomada de Constantinopla pelos turcos alterou e prejudicou velhas correntes commerciaes.

Assim a descoberta da America foi uma necessidade economica, não de origem demographica, mas commercial. Os povos europeus não poderiam passar sem os artigos que até então só o Oriente fornecia. O essencial então era ir procural-os de qualquer modo para enriquecer, e expandir o imperio e a fé.

Os hespanhoes e os portuguezes tiveram talvez uma grande decepção quando perceberam que as novas terras da America não eram caminho das Indias.

O trafego não parecia tão facil, e os paizes recem-descobertos não poderiam fornecer os productos de que careciam. O ouro em alluvião que logo appareceu, os pequenos objectos usados pelos selvagens deram porém occasião de um novo sonho e de uma nova cubiça.

Não havia as populações ricas do Oriente, as especiarias, os tapetes, os tecidos, os perfumes; mas havia ouro e pedras preciosas. Aqui si o homem parecia pobre e atrasado, a terra era rica.

6º — O " EL DORADO " COMO FACTOR DE CONQUISTA

A lenda de *El Dorado* se formou e a sua influencia economica foi notavel. Sem esse sonho maravilhoso e fe-

cundo, raças de poucos homens como a protugueza e a hespanhola não poderiam de forma alguma attingir ao dominio completo de tão vastos territorios. Si todos viessem para a America colonisar, a fixação no littoral deixaria em abandono o interior e quando no seculo XIX o progresso industrial exigiu nova expansão da especie humana pelo planeta não teria elementos para resistir a conquista dos povos mais fortes. A procura do ouro e das pedras preciosas tentou os pioneiros e os bandeirantes, os aventureiros e colonos e assim, subindo os rios e vencendo as montanhas, os primeiros penetradores se tornaram colonos sem o querer, incorporando á patria um territorio immenso.

Tanto mais buscavam riquezas, quanto mais se embrenhavam pelo deserto.

Essa penetração no Brasil garantiu a posse á nacionalidade oriunda da occupação portugueza de todo o territorio que hoje constitue o maior paiz sujeito a um só governo uno e indivisivel. Essa conquista da terra predispoz o destino do Brasil, porque por toda a parte a geographia prepara a historia. Procurando eldorados e paizes de esmeraldas, os nossos maiores fizeram a conquista de um vasto e ininterrupto territorio. Fizeram essas conquistas sonhando grandezas, e quando desilludidos, faltos de conducção, tiveram de se fixar e trabalhar, guardaram os velhos sonhos deixados pela realidade de uma grandeza formidavel, que é a riqueza do Brasil.

Por isso, na alma do brasileiro, mesmo quando os exaggeros do *snobismo* ou os furores do despeito a transtornam, vive sempre a confiança na força incomparavel das riquezas do paiz. Esse sonho trouxe uma realidade e constituiu em todos os brasileiros, no fundo da nossa organisação mental, por successivas transmissões ancestraes, o instincto de grandeza.

7º — O INSTINCTO DE GRANDEZA

Esse instincto de grandeza palpita nas almas mais ingenuas e brilha nos cerebros mais cultos. Esse *instincto* é a nossa grande força, e nos vem do passado, garante o presente e promette um futuro ainda maior.

Desanimados da riqueza facil, tivemos de tratar da exploração da cultura da terra e da extracção de madeiras. Lentamente evoluiu a colonisação nos primeiros tempos, mas já no meio do seculo XVIII Adam Smith poderia dizer que o Brasil com os seus seiscentos mil habitantes era a colonia mais populosa da America e a mais antiga depois de alguns estabelecimentos hespanhoes. O fundador da economia politica moderna considerava o Brasil a colonia mais populosa porque na America do Norte eram todas divididas e ainda não havia a juncção que deveria apressar a expansão do assombroso paiz de hoje.

O desenvolvimento do Brasil seguiu as tendencias do tempo. Os portuguezes eram homens de audacia, que queriam correr pelo oceano afora como venesianos no mediterraneo. Essa presciencia abriu ao mundo novas perspectivas. Madeira, Canarias, Açores, Cabo Verde e a costa da Guiné, Congo, Angola, Benguela e o Cabo da Boa Esperança eram etapas em caminho de um mesmo ideal.

Colombo é um producto dessa atmosphera portugueza. A cultura italiana augmentou-lhe tambem a cubiça, porque o que Marco Polo descrevera era para maravilhar e desejar.

A decepção da America para Colombo não o fez desanimar. Os indios, chamados assim porque os descobridores pensavam estar na India, não poderiam offerecer as mesmas riquezas do que os indianos procurados, os chinezes e os outros povos do Oriente.

O seu esforço de adaptação ao ambiente estava num periodo rudimentar.

A sua alimentação consistia em legumes, milho da India, couves, batatas, bananas, que não eram de molde a enthusiasmar o europeu daquelle tempo.

O algodão abundava e já era aproveitado.

Mas para que serviria elle para os europeus se ainda não o sabiam fiar e tecer? No fim do seculo XV os tecidos de algodão eram muito estimados na Europa, mas todos elles eram provenientes dos paizes Orientaes.

Os europeus ainda não sabiam fiar e tecer algodão. A riqueza, que parecia inutil a Colombo, seria, porém, mais tarde, uma das maiores da America. Mas foi somente na riqueza nativa da America que lembrou e incentivou na Europa a vantagem de fiar e tecer o algodão. Assim o que se deparou como attracção aos europeos foi o ouro que se encontrou nas terras de alluvião e nos adornos dos indigenas, mas foi uma attracção passageira.

Os que chegavam avidos de conquistas faceis acabavam ficando presos pelas distancias immensas que tinham percorrido. A cultura e a creação arcavam com grandes difficuldades, mas essas proprias difficuldades eram inherentes a um meio que tudo facilitava. Concessões, doações, governos entregavam de diversas formas e sob a modalidade mais diversa as terras aos primeiros colonos. Estes tinham em extensão o que não poderiam possuir em concentração. Procuravam as melhores terras, abandonavam as difficeis, e como não tinham trabalhadores e a construcção e a plantação eram faceis, offereciam naturalmente altos salarios. A cultura extensiva dá a cada trabalhador maiores possibilidades, e assim os primeiros colonos da America que não tinham outro capital do que a propria terra promettiam salarios mais altos do que os proprietarios da Europa. Isto estabeleceu a tendencia para

a immigração, que, depois, no seculo XIX, havia de tomar grande vulto e determinar uma nova orientação a toda vida economica e social da humanidade.

8º — O MEIO FAVORAVEL Á LIBERDADE INDIVIDUAL

A distancia permittiu a liberdade, e a liberdade é sempre a condição melhor do progresso e da riqueza. O regimen legal era o mais severo possivel, mas as difficuldades de communicações o annullavam em grande parte. Muitas vezes até a propria Corôa de Hespanha cedeu com o receio de levantar uma insurreição, cujo aniquilamento não seria facil e muitos regulamentos severos não puderam jamais ser applicados em toda a extensão das colonias e por entre os nucleos dispersos de seu povoamento.

A vida independente, no meio das selvas e do deserto, tendo cada qual de contar com o seu proprio esforço e com a sua propria iniciativa, despertou e robusteceu na alma dos colonos o sentimento da liberdade.

Na Europa, tudo já dependia do Estado que o rei representava. Na America era preciso inventar, crear, adaptar-se para viver. O meio era novo, vasto e desconhecido; nem todas as tradições européas serviam para gerir e garantir quem queria se tornar independente, e assim nos primeiros colonos, nos *creoulos*, nos seus descendentes o espirito de independencia cedo brotou e se desenvolveu pela propria condição da vida local.

Adam Smith, fallando do Brasil, escreveu:

« Depois do estabelecimento dos hespanhoes e dos portuguezes, o Brasil é a mais antiga das nações européas na America. Mas como passou muito tempo depois da primeira descoberta, sem que se encontrasse nenhuma mina de ouro ou de prata, e como por esse motivo não rendesse grande coisa á Corôa, foi muito tempo abandonado e foi na época em que foi tratado com indifferença que se tornou mais rica e poderosa colonia. »

E prosegue:

« No tempo em que Portugal estava sob o dominio da Hespanha, o Brasil foi atacado pelos hollandezes, que se apoderaram de sete das quatorze provincias de que elle se compõe. Elles se dispunham a tomar conta das outras sete, quando Portugal recuperou a sua independencia pela elevação da casa de Bragança ao throno. Os hollandezes então como inimigos dos hespanhóes, assim como dos portuguezes, tornaram-se amigos destes ultimos. Elles consentiram pois a deixar ao rei de Portugal a parte do Brasil que não tinham conquistado, e este conveiu em lhe abandonar o que elles tinham em mão, como um objecto pelo qual não valia a pena brigar com os seus alliados. Mas o governo hollandez começou a opprimir os colonos portuguezes e estes, em logar de perder o tempo em lamentações, tomaram as armas contra os seus novos senhores e por sua propria determinação, só por sua coragem, de concerto, é certo, com a mãe-patria, mas sem nenhum soccorro de sua parte, expulsaram os hollandezes do Brasil.

Estes, vendo que lhes era impossivel guardar para elles nenhum trecho do paiz, acharam melhor vel-o todo inteiro passar ao dominio de Portugal.

Diz-se que ha nessas colonias mais de 600 mil habitantes tanto portuguezes como descendentes de portuguezes, creoulos, mulatos e raças misturadas de portuguezes e brasileiros. Nenhuma colonia na America passa por conter tão grande numero de habitantes de raça européa. »

Transcrevemos estes trechos de Adam Smith, interessantes e caracteristicos, porque foram escriptos setenta annos antes da nossa independencia e por um dos maiores observadores de factos sociaes de todos os tempos.

9º — NOVA ORIENTAÇÃO — A INFLUENCIA AMERICANA NA EUROPA — COMPREHENSÃO DOS INTERESSES RECIPROCOS

O nosso regimen colonial não foi dos mais pesados. Justamente quando a oppressão de Castella tirava de Portugal toda autonomia, o rigor do systema mercantil de

protecção violenta se attenuou, não por liberalismo, mas por negligencia, e a colonia recebeu grande impulso.

Todos os europeus começaram a comprehender as vantagens dos descobrimentos dos caminhos maritimos e de terras, e trataram de conquistar novos pontos de apoio no continente descortinado. A situação geographica facilitava a conquista. A Hespanha e Portugal estavam relativamente em frente ao sul da America, os inglezes e francezes ao norte, aquelles mais bem situados do que estes. Assim, naturalmente, o grande oceano abriu caminho á colonisação. Os hollandezes, suecos, dinamarquezes não puderam sustentar posições conquistadas ou foram de todo expulsos ou se fixaram e permaneceram em pequenos trechos do continente ou em pequenas ilhas. Um mundo novo se abria ao trabalho europeu.

A America deu nova orientação a toda Humanidade. O trabalho estava até então restricto a normas tradicionaes e o que faltava ia se buscar na civilisação decadente dos paizes mahometanos.

A descoberta da America sacudiu todo o mundo christão; a cobiça de desconhecidas e faceis riquezas estendeu o desejo de conquistas á grande massa commum Até então, eram aventureiros e os navegantes, os traficantes atrevidos que contractavam miseraveis e vencidos. Depois, não.

Todos queriam partir; o homem commum já comprehendia as vantagens de um deslocamento, porque tinha o exemplo dos visinhos rapidamente enriquecidos.

Toda essa attracção para além do oceano creou problemas novos na Europa.

Os dirigentes começaram a perceber que alli, nas terras novas, se formavam nucleos poderosos, que convinha subordinar a regras inflexiveis, para que não fossem mais do que fonte de renda e força para as metropoles.

10° — A RECIPROCIDADE COMPULSORIA

Notamos essa consciencia da acção dos primeiros estadistas que de longe presidiram ao nascimento e crescimento da America. Os proprios inglezes muito mais liberaes do que os outros povos, foram severos no seu proteccionismo.

A Inglaterra, naquelles tempos, era, aliás, fervorosamente proteccionista.

Para combater a influencia maritima dos hollandezes, a Inglaterra que se enriquecia, prohibia importação em navios estrangeiros, a não ser se viessem com mercadorias originarias de seus proprios paizes; nacionalisou a cabotagem e a marinha mercante. Londres começava a dominar, a vencer Amsterdam e a ser o primeiro entreposto do mundo.

Os inglezes prohibiram os americanos de fundir o ferro e o aço e restringiram a exploração industrial, commercial e agricola de quasi todos os productos.

Só havia liberdade na America ingleza de cultivar e explorar a canna, o café, o cacau, o fumo, a pimenta, o gingibre, o algodão, o castor, o musgo.

Em tudo o mais havia restricções. Isto demonstra as tendencias mercantilistas que caracterisaram sempre a colonisação da America.

Isto foi, como já vimos, uma predestinação. O descobrimento da America foi uma consequencia de necessidades commerciaes, e si nós no sul não enriquecémos depressa como os Estados Unidos, foi porque as condições de populações de nossas metropoles eram muito diversas, e assim não tinham elementos para conquistar povoando, e para conquistar foi preciso dispersar justamente os nucleos de povoamento.

11º — A ENTRADA DE CAPITAES

A reciprocidade foi, porém, mais compulsoria ainda nos paizes hispanos portuguezes, que não gosaram das vantagens de opportuna applicação de capitaes no principio da propria installação.

São classicas desde Adam Smith as causas de maior prosperidade das colonias inglezas: a livre transmissão das heranças, a modicidade dos impostos, relativa liberdade de commercio, as condições industriaes dos povos colonisadores. Ao demais houve uma differença no desenvolvimento e na implantação das riquezas. Nas colonias hispanos portuguezas tiveram os primeiros cultivadores de ir, aos poucos, creando um capital proprio, local, para desenvolver a sua riqueza. Nas colonias inglezas, não se deu essa circumstancia. O capital enviado não constou das primeiras ferramentas e algumas cabeças de gado e em sementes e mudas. Nos seculos XVII e XVIII, já havia a remessa de capitaes para subsidiar os primeiros encargos resultantes do desenvolvimento das explorações.

Os americanos do norte nas suas plantações de assucar e algodão foram commanditados pelos capitalistas e commerciantes da nação patria, e assim puderam dar a todo o seu trabalho uma expansão que não seria possivel no sul. O progresso posterior dos Estados Unidos foi depois ajudado pela facilidade de encontrar elementos industriaes de extracções simples: hulha, gaz natural, petroleo.

Mas os primeiros impulsos da riqueza norte americana foram dados pela Metropole já opulenta. Assim, a canna de assucar e o algodão e todas as outras explorações puderam assumir um aspecto industrial e moderno em pleno seculo XVIII.

A canna de assucar, que os mahometanos tinham encontrado na Asia Menor, se espalhara no sul da Europa,

maș quando a conquista de Constantinopla prejudicou o movimento das caravanas e o commercio no Mediterraneo, faltou assucar nos grandes paizes do Oriente.

12° — DA INFLUENCIA DA CULTURA DA CANNA NA RIQUEZA E INDEPENDENCIA DA AMERICA

Quando Christovam Colombo, na sua segunda viagem á Europa, levou a canna para S. Domingos, marcou uma época nova.

Os navios portuguezes, segundo affirma o historiador allemão Linpman, o grande reconstructor da historia do assucar, os navios portuguezes trouxeram a canna da Madeira para o Brasil.

Brandenburger conta que, nos primeiros decennios do seculo XVI já tinham chegado á Lisboa assucares de plantações de Pernambuco. E dahi nasceu a grandeza dessa industria. O professor Hamann Waltgen reconhece que no seculo XVII o Brasil foi o principal paiz de industria assucareira.

Foi realmente a canna o maior elemento da nossa velha riqueza, e quando a descoberta do ouro e diamante, no seculo XVIII, distrahiu as energias para a extracção, estava consolidada, relativamente, a fortuna publica.

O cultivo da beterraba na Europa enfraqueceu as novas possibilidades, mas não ha duvida que foi do assucar que, principalmente, retiramos os elementos de riqueza que permittiu a independencia com a formação immediata de um grande imperio. No caso do assucar, como em todos os outros, a America substituiu commercialmente o Oriente e serviu para instituir novos costumes e habitos na Europa.

O uso do assucar se generalisou e popularisou na Europa occidental com a producção mais barata e regular

da America, cuja funcção commercial de complemento das creações européas se predestinava no movel de seu descobrimento e no progresso rapido das culturas de compensação e não de concorrencia.

13° — O ESFORÇO DAS METROPOLES IBERICAS

As metropoles ibericas, não por ignorancia ou maldade, mas por falta de recursos financeiros, faziam dos paizes da America colonias de extracções; a Inglaterra pôde em pouco tempo transformal-as em campo para applicação de seus capitaes. Assim, quando no Brasil se deu a nova desillusão do ouro, na Nova Inglaterra e no sul se proseguiram as plantações de canna. Mas a verdade é que o resultado final, depois de um seculo de vida livre na America, não deprime a nossa raça em confronto com a civilisação realisada pelos outros. Tivemos de vencer obstaculos muito maiores, tivemos de dominar uma situação muito mais difficil. A riqueza das nossas terras era differente e as condições de povoamento diversas.

As luctas religiosas da Inglaterra enviaram á America do Norte, os quakes, esses puritanos admiraveis que o Sr. David Savilhe Muzzey, professor da Universidade de Colombia, Nova York, na sua grande historia dos Estados Unidos, chama de aristocratas da virtude. Elles levaram preoccupações moraes e habitos de virtude. Nós tivemos de formar o meio e a prova da força da nossa raça, de suas virtudes ancestrares, o seu magnifico espirito de grandeza, da dedicação á moral que era a cruz e a patria que era o rei e que, na dispersão do conjuncto de um territorio tão vasto, não perdemos o senso da unidade, a communhão do ideal, a identidade da lingua e da cultura, a noção da posse pelos nossos maiores e portanto da patria *nova commum*, o sentimento da mesma religião, a communicação dos

mesmos pensamentos, os mesmos centros de cultura, de recepção e transmissão de idéas. Isso engrandece tanto a Portugal como ao Brasil.

As descobertas na America foram feitas quando se procuravam os caminhos para buscar os productos do Oriente. A America, pela differenciação *obrigatoria* do regimen colonial, começou a produzir o que dantes, ia procurar e buscar no Oriente. Prohibidas as manufacturas na America, principiamos a desenvolver as materias primas das antigas industrias orientaes, e assim creamos e engrandecemos as industrias européas.

A colonisação da America dispersou o commercio das Indias e isso foi que os governos das metropoles não quizeram comprehender em tempo. Dahi a precipitação da queda de muitos imperios e dominios que serviram para a expansão americana. A differenciação das culturas na America creou parte da industria européa e a desenvolveu depois pela formação de novos mercados e accentuou a decadencia dos paizes orientaes que perderam a maior porção da clientela da Europa.

CAPITULO II

A transplantação dos inglezes

1º — COLONISAÇÃO SYSTEMATICA E CONSCIENTE

Na ordem chronologica da historia da colonisação na America os anglo-saxonios devem vir depois dos hespanhoes e portuguezes. Mas o nosso ponto de vista é diverso. Precisamos antes de tudo explicar a formação do Brasil, o desenvolvimento da nossa nacionalidade, o systema que o presidiu.

Ora, o regimen inglez é o mais diverso do que os nossos maiores applicaram no Brasil, e assim estudando em grandes linhas, os methodos de colonisação devemos partir dos mais differentes para os mais semelhantes. Por isso começaremos do inglez para chegar depois aos dos hespanhoes e dos portuguezes.

Para o progresso rapido da colonisação britannica da America contribuiram factores de ordem diversa, coordenando assim elementos variados para o mesmo fim nacional.

No reinado de Elizabeth deu-se em toda a Inglaterra uma grande transformação social. Por toda a parte, terras que tinham sido dedicadas á lavoura passavam á creação de gado. As pastagens não exigiam, portanto, os mesmos trabalhadores do que as plantações. A industria nascente attrahia gente dos campos para as cidades, mas não era sufficiente para dar trabalho, e assim os antigos trabalhadores ruraes deslocados acceitavam atravessar o Atlantico e procurar nova vida na America.

Os portuguezes e hespanhoes, tendo inaugurado a época dos descobrimentos para garantir o commercio com o Oriente, sonhavam principalmente com paizes já organisados, cujo commercio queriam explorar. Os anglo-saxonios já partiram para a America com ambição mais modesta e a transformação da agricultura e industria pastoril, que William Jacob estudou de um modo definitivo, facilitou a realisação dos planos dos governantes.

Em 1502, Henrique VII concedendo a uma companhia de negociantes de Bristol um privilegio para viagens de descobertas, assim escrevia: "É nossa vontade que nas terras descobertas os homens e as mulheres da Inglaterra possam se fixar livremente e ao demais que o commercio com as colonias seja reservado aos subditos inglezes".

Walter Raleigh já temia a superpopulação e Lord Baccon escreveu no seu—*Essay on plantations*—proposições que eram principios de valor e novidades para a época. O grande philosopho mostrou como seriam perigosas as simples aventuras a procura de metal, a exploração de riquezas, cuja previsão era precaria como a das loterias, recommendando a cultura calma da terra, e de preferencia de terra virgem, não occupada.

Os inglezes trataram de cultivar o algodão, o assucar, o trigo, o arroz, a camomilla, e de extrahir as madeiras de construcções, o ferro e o carvão numa época na qual no sul

só se procuravam ouro, paus para tinturaria, pedras preciosas, madeiras de luxo.

Uma das vantagens da colonisação saxonia como registrou Paul Leroy-Beanlim, é que os cidadãos inglezes foram sempre considerados como levando para as colonias todos os direitos politicos e civis que já gosavam na Metropole.

O estado de civilisação politica era muito diverso, e isso contribuiu para o progresso mais rapido, depois dos primeiros tacteamentos das colonias britannicas.

2º — A COLONISAÇÃO NA AMERICA DO NORTE

A colonisação da America do Norte foi feita pelos inglezes em condições excepcionaes. Em toda a historia da civilisação não se encontra exemplo de reunião tão insigne de elementos de prosperidade e desde os seus primeiros ensaios se denunciava o brilho que os Estados Unidos haviam de ostentar mais tarde. O seculo XVI assistiu á fundação por assim dizer consciente de um grande povo. As conquistas e as concessões não puderam conservar por muito tempo as idéas européas e todas as colonias soffreram a influencia das que se haviam estabelecido para justa expansão de sentimentos de liberdade contrariados na Europa.

Os colonos inglezes eram oriundos de trez categorias principaes: aventureiros de educação aristocratica, espiritos religiosos que fugiam da perseguição dos Tudor e Stuart e a grande massa que ia buscar trabalho, porque com a transformação que soffria a Inglaterra desde o reinado de Elizabeth, transformação de vida economica profunda, obrigava os homens de campo a emigrar. De facto, por toda a parte, a creação substituia a agricultura; os agros metamorphosearam-se em pastagens e como a pecuaria

precisa muito menos de braços do que a lavoura, por toda a parte ficava gente sem trabalho. E, assim, Virginia, Maryland, Plymouth, Massachusset, Rhode Island, Carolina, Georgia foram se fundando. Os hollandezes e os suecos quizeram aproveitar da região esplendida, que tanta prosperidade offerecia aos seus povoadores. Occuparam o que é hoje Nova York, de onde foram rechassados pelo rei da Inglaterra, que concedeu a região ao Duque d'York.

Esses colonos, activos, religiosos e honestos, tinham a nobre preoccupação de proceder bem. Mesmo nas colonias do sul, como Virginia, nas quaes os hollandezes haviam introduzido a escravidão negra, os senhores formaram uma aristocracia culta e dentro da sua oligarchia mantinham as tradições politicas da raça. Todos os principios saxonios de *self government* se implantaram rapidamente no novo mundo britannico, reagindo aqui contra as companhias, alli contra os donatarios, acolá contra a propria corôa.

Os americanos conseguiram em menos de um seculo conquistar as liberdades de autonomia que as Camaras da Metropole não lhes custaram a reconhecer.

3° — O ACTO DE NAVEGAÇÃO E A CULTURA NAS COLONIAS

Pelo acto de navegação (1663) a Grã Bretanha determinou que só por navios inglezes seria permittido fazer o commercio com as colonias da America.

Naturalmente o contrabando prosperou.

A Inglaterra, nos meados do seculo XVII, não exercia sobre a Nova Inglaterra a menor pressão e sua soberania se limitava, afinal, em defender seu caracter e suas instituições da cubiça estrangeira e dos sobresaltos da politica européa.

Nova York, Nova Hampshire, Nova Jersey, Virginia, as duas Carolinas e Georgia pertenciam á categoria de colonias da Corôa. Maryland, doada á familia dc Lord Baltimore, Pensylvania e Delamare, á de Penns, eram de propriedade de donatarios. Connecticut, Rhode-Island e Massachusset estavam a cargo de companhias.

A agricultura era, relativamente, prospera. Por toda parte se cultivam o trigo e o milho. O tabaco era a riqueza de Maryland e Virginia e o algodão se desenvolvia nesta ultima colonia. As Carolinas se especialisavam no arroz. E as provincias do Norte exportavam linho, trigo, pelles c lupulo.

Por toda a parte o commercio de madeiras e as industrias extractivas tomavam grande impulso. O grande futuro americano já se preparava naquelles cnsaios magnificos. Os colonos, protestantes na sua maioria, trouxeram para a America a santa doutrina de que todo homem devia saber ler a Biblia para por si só fazer a sua educação moral. Por isso todo o seu empenho foi dar á instrucção o maior desenvolvimento possivel.

4º — A GUERRA AO ANALPHABETISMO E AS REIVINDICAÇÕES LIBERAES

Os proprios *indented servants*, que chegavam analphabetos, aprendiam a ler e ficavam em pouco tempo cidadãos iguaes aos outros.

Já em 1642 Massachusset decretou que toda a Municipalidade "quando o Senhor tivesse elevado o numero de habitantes a cincoenta chefes de casa, indicasse um dos habitantes para ensinar a ler e escrever a todas as crianças". Para isso esse professor improvisado deveria receber um salario pago ou pelos habitantes em geral, sob a fórma dc allocação fixada pelos que têm a cargo os interesses da cidade, ou pelos paes das crianças.

Em 1700, Connecticut não admittia o analphabetismo e ainda no seculo XVII Massachusset promulgou o ensino obrigatorio e a administração fundou escolas gratuitas. As *grammas school* já pollulavam. As assembléas locaes estavam cheias de varões dignos de Marco Aurelio.

Os mais altos principios de moral guiavam os seus actos. A ethica era a sua unica conselheira.

Esses homens austeros conservavam todas as tradições democraticas de sua raça. O direito saxonio sempre proclamou que nenhum homem livre deve ser obrigado a pagar uma taxa para cuja promulgação elle não tivesse contribuido. Por isso os colonos foram aos poucos augmentando o numero de suas reivindicações, e quando a crise com a metropole começou estavam, afinal, de posse de todos os direitos compativeis com o estado colonial.

« Cada colonia, escreveu Hildulto, se arrogou desde logo a autoridade municipal que constituiu sempre o caracteristico da organisação politica da Nova Inglaterra. Reunido o povo na edilidade, votava os impostos para as necessidades locaes e elegia tres, cinco ou sete dos principaes habitantes conhecidos por diversos nomes a principio, mas logo depois com o de *selectmen*, a cujo cargo ficavam os interesses do municipio. »

Assim os americanos estavam habituados á liberdade que elles proprios ou seus antecedentes haviam vindo buscar e fundar aquem Atlantico.

Por diversas vezes, os colonos já haviam demonstrado seu interesse especial e haviam tido occasião de se reunir por intermedio de seus representantes em congressos geraes. Já haviam eliminado os privilegios dos reis e dos governadores em relação á nomeação dos magistrados e á elaboração das leis. Elegiam governadores e aproveitavam as guerras da Europa para fazer revoluções pacificas que a Metropole era obrigada a homologar.

5° — O GRANDE ERRO DA INGLATERRA PRECIPITOU A SEPARAÇÃO

Depois da guerra dos sete annos, o ministro Grenville achou util para satisfazer os encargos formidaveis do Estado a pedir subsidios á prospera colonia da America. A Inglaterra tinha vencido a França e a Hespanha e alargara o seu dominio na America. Era, como mais tarde disse nos Communs o primeiro Pitt, o terror da Europa. Townshend achava que os *filhos* estabelecidos com cuidados inglezes poderiam bem auxiliar a mãe-patria quando a divida do Estado crescera em virtude das ultimas guerras.

Lord Grenville propoz uma sobre-taxa sobre productos que as colonias americanas não recebiam directamente da metropole: tecidos, musselines da India, chá.

Ao demais mandou estender á America o imposto de sello.

Nas Camaras essas taxas passaram com grande opposição, mas passaram.

Na America todo o mundo as impugnou.

Toda a tradição de *self government* protestava contra a imposição. E os colonos não se quizeram submetter. A opinião americana já se formara e fortalecera por meio dos jornaes, dos *meetings*, das assembléas locaes e dos congressos geraes. Franklin, Washington, Jefferson e outros procuravam, aos poucos, consolidar no povo a idéa da emancipação. As novas taxas foram indignar aquelles que já pensavam que as colonias estavam de facto autonomas. E em *meetings*, jornaes e nas assembléas, protestos surgiam contra a pretenção do Governo Inglez. As colonias só podiam pagar os impostos que votavam; ora, as taxas inglezas tinham sido decretadas a sua revelia e portanto só podiam repellir a tentativa de absorpção dos mais sagrados direitos do povo.

Em vão, Franklin, Adam na *Gazeta* de Boston, Jefferson na assembléa de sua colonia e Pitt, apesar de inglez, no Westminster chamaram a attenção do gabiente inglez para o teimoso erro em que se mettera. As tropas reaes e os governadores dissolveram grupos e *meetings*. Então, o protesto se officialisou. O Congresso de Massachusset declarou em junho de 1764 que só as Camaras locaes tinham o direito de impor taxas ao povo americano. Os outros Congressos acompanharam essa reclamação. E um Congresso geral foi convocado para Nova York.

O Congresso de Nova York confirmou as solennes declarações das assembléas particulares e pediu providencias ao rei.

Como o governo da Metropole demorasse a dar solução ao conflicto, os americanos começaram a impacientar-se, tanto mais quanto iam chegando os empregados para a venda de sellos. O commercio de Nova York decidiu em 1° de janeiro de 1766 não fazer nenhum pedido de generos inglezes; Boston e Philadelphia seguiram seu exemplo; mas não havia nas colonias manufactores, e assim quasi todas as familias, ricas e pobres, se applicaram a fabricar como podiam os objectos que até então só recebiam da Inglaterra.

Muitas familias renunciaram a luxo e commodidades.

Quando começaram a apparecer os sellos o povo os queimou na praça publica.

A situação era, portanto, prejudicial ao commercio inglez e na Inglaterra começaram tambem a exigir do governo a abrogação das medidas que exasperavam os colonos.

6° — A INDEPENDENCIA

Depois de um grande discurso de Pitt, a Camara dos Communs revogou os impostos. Os navios embandei-

raram e illuminaram seus mastros no Tamisa. Na America realisaram-se tambem festejos e assim como se haviam queimado retratos dos ministros dos impostos em plena praça, o nome de Pitt foi acclamado por toda a parte. Mas o contentamento foi rapido. Em pouco tempo se percebeu que o Parlamento, ainda sob a influencia de Grenville, não dera satisfação inteira ás colonias. Abolira as taxas, mas declarara que tinha direito de as lançar e cobrar.

Lord North deixara subsistir a taxa sobre o chá. Era para manter o dogma da supremacia. Um penny sobre uma libra. Mas os americanos protestaram justamente contra esse dogma.

Não compraram mais chá á Inglaterra, e quando o governo inglez abaixou a taxa para poderem os negociantes inglezes concorrer com os contrabandistas hollandezes, os americanos resolveram não beber mais chá.

Os motins succediam-se. Os carregamentos de chá eram atirados ao mar. Os soldados inglezes a mando de Gaje começaram a intervir; os tumultos augmentavam; governadores dissolviam assembléas e o povo depunha os governadores que defendiam a Metropole. Massachusset protestou de novo; Boston foi sitiada e a guerra começou sem organisação.

Em 10 de maio de 1775 reuniu-se em Philadelphia o segundo Congresso colonial e a 2 se resolveu que as "Colonias Unidas", em vista da hostilidade da Inglaterra, denunciassem o crime ao mundo e formassem um continente americano, sob as ordens de Jorge Washington, deputado pela Virginia, para fazer frente ás tropas do rei.

A guerra continuou. Os americanos fizeram prodigios de bravura para sustentar o Exercito quando lhes faltavam alimentos e pratica. Lord North dizia sempre que as colonias não poderiam luctar contra as tropas regulares.

Puderam, e o auxilio dos francezes, si apressou o desenlace, não teve grande influencia na propria acção militar. O rompimento era um facto.

Era preciso consagral-o. A 28 de junho de 1776 Jefferson apresentou no terceiro Congresso de Philadelphia a moção que foi approvada a 4 de julho. Essa moção terminava dizendo:

«Nós, representantes dos Estados Unidos da America, reunidos em congresso geral, appellamos para o Juiz Supremo do Universo que conhece a rectidão de nossas intenções e em nome e com a autorisação do bom povo das colonias declaramos solennemente que as Colonias Unidas são de facto e de direito Estados livres e independentes, que estão desligados de toda obediencia á Corôa da Grã-Bretanha e que ficam rotos para sempre todos os laços politicos que a ella nos uniam; que como Estados livres e independentes têm direito de fazer a guerra, ajustar a paz, contrair allianças, regulamentar o commercio e realisar todos os actos ou cousas que os Estados independentes têm direito a executar, e, para manter essa declaração empenhamos, confiando na protecção da Divina Providencia, nossa vida, nossa honra e tudo quanto possuimos.»

Apesar dos protestos de Pitt a guerra continuou e só em 1783 a Inglaterra reconheceu a independencia americana. Depois de as victorias de Washington haverem amparado a causa da emancipação, o Congresso de Philadelphia approvou, a 9 de julho de 1778, os artigos da Confederação e em maio de 1787 terminou a missão de dar uma constituição á nação, que surgia para vida independente.

7º — LIBERDADE POLITICA E PRESSÃO COMMERCIAL

Os inglezes, como vimos, conservaram na America muitas das liberdades da Europa. Mas não gosaram logo da liberdade commercial que tanto desejavam.

No seculo XVII, o monopolio da Metropole tudo prendia.

«As colonias, disse Merivale, tinham direito ao *Self Government*, e á *self taxation;* tinham ainda a liberdade religiosa; a indenpedencia na organisação e na direcção de suas municipalidades; mas não tinham o menor direito de superintendencia ou revisão dos regulamentos commerciaes da autoridade metropolitana.»

O Governo inglez não cedeu nesse proposito e conservou toda a preoccupação de monopolio exclusivista dos hespanhoes e portuguezes. Na Inglaterra os interesses dos negociantes da Metropole predominavam.

«A unica vantagem das colonias da America e das Indias Orientaes, dizia Lord Sheffield, é a do monopolio de seu consumo e do transporte de seus productos.»

Adam Smith chamou essa politica de politica de *logista*.

As condições dos immigrantes nas colonias da America do Norte não eram das mais livres e serenas. A legislação creou e consentiu a situação de servo contractado. A *escravidão* negra começou em 1620, na Virginia, e depois a entrada dos pretos se avolumou.

Mas os dirigentes continuaram livres. Só as preoccupações mercantilistas da Metropole os prendia e restringia-lhe a actividade.

Vimos, porém, como essa idéa de monopolio foi *factor de differenciação* e portanto um grande bem para todos os habitantes da America.

A Inglaterra prohibiu, no seculo XVII, que as colonias tivessem manufacturas, e foi tão violenta como a Hespanha na prohibição de exportação de colonia a colonia. Tudo deveria passar pela Metropole.

Os colonos não poderiam construir navios nem fabricar um prego que fosse.

Mas em compensação no principio do seculo XVIII, prohibida a cultura de fumo na Inglaterra, foram concedidos premios aos materiaes de construcção, ao tabaco, ao indigo e foram concedidos direitos a preferencias nos productos coloniaes, assucar, café, etc.

Assim em pleno seculo XVIII, mesmo quando as idéas de independencia já se expandiam livremente, os estadistas inglezes mantinham a politica que eu chamo de *differenciação*, que predestinou a producção americana.

Adam Smith condemnou esse systema de monopolio, esse commercio exclusivo das metropoles; mas essa preoccupação mostra a these que levantamos: que por toda a parte, as europeos, querendo garantir o monopolio do commercio das metropoles, forçaram a uma differenciação, que por sua vez apressou a industrialisação da Europa.

8º — A INDUSTRIALISAÇÃO DA EUROPA

O desenvolvimento das plantações e extracções americanas creou á Europa novas necessidades industriaes.

As colonias se enriqueciam, a sua população, em outra terra, duplicava a taxa de crescimento, e a prohibição das metropoles as obrigava a comprar productos manufacturados. Os capitaes disponiveis começaram a preferir as suas applicações na industria, que tomou impulso sem precedente.

Todo o progresso industrial do seculo XIX que principiou no fim do seculo anterior na Inglaterra, proveio do desenvolvimento da producção differenciada dos povoadores da America. Tanto mais augmentavam as suas manufacturas para attender aos proprios americanos, quanto mais precisavam dos americanos para materias primas e generos de alimentação.

Assim a transplantação dos europeus para a America deu um novo curso á civilisação e marcou uma transformação na producção, no commercio, nos habitos e profissões de todo o mundo. Essa differenciação foi se accentuando; e só no do seculo XIX os norte-americanos começaram a ter industria propria, á custa de violenta protecção aduaneira.

As metropoles deram vida nova ás suas industrias, forçando por medidas politicas a differenciação da producção. Obtida a independencia politica, as antigas colonias garantiram as suas manufacturas e prejudicaram relativamente a producção fabril européa, pelos mesmos processos de protecção.

Nós sabemos que sob o ponto de vista economico, em pura doutrina, todo o proteccionismo aduaneiro redunda em destruição parcial de riquezas; mas não podemos, entretanto, negar que essa situação, quando permanece, crêa riquezas novas, porque forma actividades productoras que ás vezes, em certos casos, compensam os primeiros prejuizos.

Ha assim no proteccionismo aduaneiro um sacrificio da grande massa dos habitantes em beneficio de um grupo privilegiado e usurpador; mas as industrias que se geram á custa desse sacrificio e que nascem em atmosphera artificial, tomam vigor graças ao monopolio dos mercados internos e passam depois a ser riqueza de verdade. Toda a historia economica das relações da America e da Europa é a demonstração patente desses principios.

O proteccionismo mais rigoroso prendia a tudo, sacrificando bens de contemporaneos e prejudicando actividades; mas afinal as nações que soffreram das metropoles e de seus proprios governantes esse regimen de excepção prosperaram e se engrandeceram. E' que o proteccionismo estabelece uma differenciação forçada.

Essa differenciação póde ser um bem nesse momento opportuno para accentuar, encaminhar e escolher a differenciação natural.

Foi o caso da America até o final do seculo XVIII.

Depois desse momento opportuno, é um mal; crêa com o seu exaggero um ambiente artificial, favorece a multiplicação de especialidades não adaptaveis naturalmente.

Assim, quando produz uma differenciação, o proteccionismo não prejudica, ao contrario é um elemento de reacção social, de riqueza e força, quando é um instrumento de imitação de industrias estrangeiras, redunda em destruição de capital, porque tira de muitas para dar a outras privilegiadas.

Por isso, protegendo a industria das metropoles mas estendendo a producção nas culturas novas adaptaveis ao clima americano, o mercantilismo exerceu uma funcção benefica em todo o nosso continente.

CAPITULO III

A transplantação dos hespanhoes

1º — PAIZES TYPICOS

No estudo de alguns typos de colonisação na America não estamos procurando fazer a historia de toda a transplantação dos europeus para o novo continente. Não tentamos um ensaio sobre a colonisação, e sim simples caracterisação dos traços e methodos do deslocamento da humanidade para a America. Assim não estudamos a colonisação franceza, que foi brilhante e produziu resultados duraveis, nem a hollandeza, dinamarqueza ou sueca.

Apanhamos sómente os traços principaes das tres grandes colonisações: ingleza, hespanhola e portugueza. Começamos da ingleza, porque é mais diversa para a hespanhola, que é mais semelhante. No estudo da colonisação hespanhola não fizemos analyses de conjuncto, e sim tentamos esboçar o desenvolvimento dos nucleos coloniaes que produziram nacionalidades e sub raças mais typicas.

Por isso, na nossa analyse, fazemos um historico rapido da vida da Argentina, do Perú, do Mexico, do Chile. Não acompanhamos ordem chronologica, e sim a ordem de differenciação que consideramos mais typica.

2º — A COLONISAÇÃO HESPANHOLA

A colonisação na America do Sul, como já consignamos em capitulo anterior, não nasceu de uma necessidade de expansão ou de um decidido empenho de crear no mundo novas sociedades eguaes ás metropoles. As colonias da Hespanha eram simples feitorias, estabelecimento de arrecadação.

O genio dos conquistadores, a situação economica da Hespanha não permittiam uma colonisação como hoje concebemos. Os inglezes que partiam para a America do Norte iam colonisar. Eram dissidentes religiosos perseguidos ou agricultores que não haviam encontrado trabalho na mãe patria.

Sob Elizabeth, por toda a Inglaterra os proprietarios do sólo começaram a preferir a creação ao lavrar da terra. A industria pastoril exige muito menos braços do que a lavoura. A transformação por que passou a Inglaterra poz em disponibilidade milhares e milhares de homens. O exodo para a America do Norte obedeceu a uma necessidade social. Os immigrantes chegavam ao Novo Mundo dispostos a cultivar as terras, a formar nova patria, a construir nova civilisação.

Na America Hespanhola não se deu phenomeno igual. A Hespanha era pobre e despovoada quando descobriu a America. O problema da colonisação interna que hoje lá existe já era premente. De modo que foi o espirito de aventura que sacudiu os conquistadores. As cruzadas

contra os arabes tinham acabado. Os homens de armas ficaram sem occupação. Atiraram-se com enthusiasmo á conquista do Novo Mundo. A troca com as especiarias do Oriente havia accendido o espirito de cubiça. Os hespanhoes, como os portuguezes, queriam encontrar nas terras novas riquezas e mercancias para vender na Europa. Não pretendiam estabelecer-se.

Victoriosa da feudalidade e do islamismo a Corôa de Castella quiz apoderar-se dos paizes descobertos, para arrancar-lhes tributos. Organisou para isso um verdadeiro apparelho de compressão. Tentou fundar uma administração velha numa região nova. Mas não conseguiu. Os *encommederos*, seus parentes e servos deixaram descendencia: os crioulos nasceram com alma nova. A Metropole procurava afastal-o do governo com receios de sua falta de preconceitos e de seu espirito de revolta. Mas os *crioulos*, nos principios do seculo XVIII, já eram patriotas ardentes e tinham um grande orgulho de seu novo *habitat*.

Os conquistadores iam buscar a fortuna, o *El Dorado* que Orellana imaginava com esmeraldas grossas como um pulso. Por isso, a Hespanha sempre teve carinho especial por suas colonias de arrecadação. Teve durante seculos verdadeiro desdem por Buenos Aires. Não havia lá muito ouro, a prata era rara e os campos ferteis só se prestavam a uma exploração seguida e sedentaria.

A Metropole monopolisava todo o commercio, não permittia a compra de productos sinão em Cadiz, prohibia a formação de industrias locaes. Quando a população americana branca era apenas composta de *conquistadores* semelhantes medidas pareciam rasoaveis. Seus descendentes já não poderiam pensar assim. A Metropole continuava a dar preferencia para todos os empregos aos europeus. O vice-rei Gil Lemos dizia: "Aprender a ler, escrever e

contar é quanto basta para um americano". Em 25 de maio de 1810 sobre 160 vice-reis havia apenas quatro *crioulos* e sobre 602 capitães de armas, 14 americanos.

O Rio da Prata, descoberto por Solis, esteve abandonado pela Metropole até quando descobriram que por alli grande contrabando se fazia com o Alto Purús. Buenos Aires foi fundado para servir de posto fiscal.

Os primeiros estabelecimentos no Prata não tinham outra missão. Mas deu-se justamente o inverso do que esperava a Metropole.

O regimen absurdo de monopolios de todo o commercio a algumas firmas privilegiadas de Cadiz e outros portos hespanhoes encarecia de tal fórma a vida que o contrabando ficou sendo o unico contrapeso compensador desse intoleravel estado de coisas. E, servindo de vehiculo entre o Perú cheio de ouro e os contrabandos da costa do Atlantico, Buenos Aires cresceu depressa. Prosperou vendendo seu gado e seus couros aos contrabandistas do Norte e aos corsarios do mar. O territorio do Vice-Reinado do Prata, centro de um commercio prospero embora clandestino, reunio na capital Buenos Aires a maior parte da população. Desde então a Argentina é um paiz macrocephalo. Desde então um quinto da sua população total reside na grande cidade. Os crioulos mesmo viviam na Capital entregando os campos aos *gaúchos*, pastores mestiços affeitos á vida aventurosa dos pampas.

Foi no começo do seculo XVI que o primeiro europeu pisou o sólo fertil da futura Republica Argentina. Depois da descoberta do Mar do Sul (1513) por Nunez de Balbos, o hespanhol Jean Diaz de Solis, crendo que estava diante de um estreito que o conduzia ás Indias, organisou uma expedição e deparou em 1516 o immenso estuario do Prata, que chamou Mar Dulce. Pouco depois Sebastião Jabatto,

explorou o Rio da Prata e seus affluentes, o Paraná, o Uruguay e o Paraguay até o Bernujo.

O grande passo para a colonisação foi, porém, a expedição poderosa de Pedro de Mendoza, o fundador de Buenos Aires (1536). Derrotado pelos indios querandis, elle teve de abandonar o territorio conquistado e enviou Jean de Ayolas a procurar, subindo o Paraná e o Paraguay, um caminho para se communicar com os hespanhoes do Perú. Ayolas não conseguio realisar esse intento, mas fundou Assumpção, outro nucleo de colonisação.

As riquezas encontradas no imperio dos Incas attrahiriam ás terras novas uma multidão de aventureiros e de homens audazes e destemidos. Successivamente cidades foram surgindo dos pastos e dos campos: Santa Fé, Corrientes, Santiago Del Estero, Salta, La Rioga, Catamarca, Mendoza, San Jean e San Luiz. De outro lado os conquistadores do Chile atravessaram os Andes e se estabeleceram em Cuzco. Os hespanhoes do Perú desceram para o Sul até ás margens do Paraná.

Depois da creação dos *adelantazgos*, territorios annexados á Corôa de Hespanha, a terra Argentina foi dividida em tres regiões: Rio da Prata, Tucuman e Cuzco. Essa divisão subsistio até 1776, quando o Vice-Reinado do Rio da Prata reunio os territorios das actuaes Republicas Argentina, Bolivia, Uruguay e Paraguay, sob a autoridade absoluta do vice-rei.

As complicações politicas da Europa vieram por esse tempo dar esperanças aos chefes dos crioulos que ha muito ambicionavam regimen melhor. E na primeira decada do seculo XIX o espirito de revolta espalhou-se e se radicou.

A prohibição da imprensa, a censura sobre a entrada de livros não impediram a revolução que outros agentes estimulavam. A emancipação dos Estados Unidos, a re-

volução franceza, a victoria de Napoleão desorganisando a Metropole, a influencia da trasladação da Côrte do rei de Portugal para o Rio de Janeiro, a abertura dos portos do Brasil ás nações amigas, a acção do embaixador inglez que acompanhou D. João VI precipitaram acontecimentos que seculos de vexames, de compressões e tyranias tinham preparado.

O isolamento de Buenos Aires passou a existir apenas nas leis da Metropole, que se debatia no seu proprio territorio europêu contra a invasão franceza. De facto, Buenos Aires já se correspondia com o mundo. O contrabando fazia-se então em grande escala. E a acção benefica que no Brasil exercia a Côrte tornava a todos os crioulos evidente a necessidade de um governo independente.

3º — A SOCIEDADE COLONIAL NA ARGENTINA

Em 1535, o imperador resolveu guarnecer a embocadura do Prata. Por isso outorgou a D. Pedro de Mendoza os titulos de *Adelantado*, governador e capitão de toda a terra que descobrisse para o Sul. O *adelantado* ficava, porém, obrigado a transportar mil homens, cem cavallos, armas e munições de guerra e bocca para um anno. Os gastos da fundacção dos novos estabelecimentos ficariam por sua conta. Foram-lhe concedidas, em recompensa, uma pensão vitalicia de dois mil ducados e a faculdade de se apropriar annualmente de igual quantia arrecadada no paiz. Si quizesse voltar antes de trez annos, poderia nomear seu substituto. Os tributos pagos pelos caciques e reis lhe caberiam, deduzidos os soldos das tropas e um dizimo para o thesouro real. Mendoza formou em Cadiz uma frota de quatorze velas. Muitos cavalleiros, que a terminação das cruzadas contra os arabes deixava sem occupação, inscreveram-se para partir, destacando-se entre elles primoge-

nitos de grandes familias da nobreza. "Ninguna colonia española del Novo Mundo, diz Coroleu, puede gloriarse de haber tantos entre sus fundadores". A colonia progrediu. Em 1778, o General Ceballos foi nomeado vice-rei e abriu Buenos Aires ao commercio da Metropole. A prosperidade da colonia já era grande em relação à pobreza de sua fundação. Os jezuitas se espalhavam pelo territorio. As lãs, os couros e os metaes já tinham procura. As vastas campinas já estavam cobertas de gado.

A população argentina, segregada do mundo pela Metropole, tinha adquirido certa homogeneidade. O Governo da Hespanha, querendo isola-la para não lhe contaminar as idéas revolucionarias dos Estados Unidos e da França, havia involuntariamente creado uma raça nova. Os crioulos não eram mais hespanhoes. E o Governo protegendo os europeus cada vez mais extremava os homens do Rei dos Americanos.

Os empregados, os chefes das repartições, os fiscaes, os ouvidores, os correspondentes das grandes casas de Cadiz eram peninsulares. Mas a grande multidão dos productores era Argentina de nascimento. E as profissões liberaes já eram exercidas por crioulos.

Na população indigena branca não havia differença e classes. A desigualdade de recursos não implicava desigualdade de viver. A familia do crioulo era sempre proprietaria de um terreno urbano plantado de pecegueiros, que a abasteciam de fructos e lenha. Tinha sempre pequena creação. O colono argentino, pobre, constituia uma sociedade democrata que reagia contra a prepotencia da Junta das Indias.

A unica classe que não era proprietaria era a dos negros africanos. Mas o negro no Rio da Prata não era tão abundante como nas outras regiões americanas. O colono vivia da creação e do contrabando. Não precisava de braços para

a lavoura. A remessa de africanos não foi por isso tão continua como noutras partes do continente. Os proprietarios argentinos não exigiam da Metropole trabalhadores, não pediam escravos. Ao demais, o negro de então com difficuldade se adaptava á vida de vaqueiro. Não era bom cavalleiro. Os escravos da Argentina só serviam nos trabalhos domesticos. Empregavam-se em casas particulares, podiam receber salarios com a condição de dar uma mensalidade ao dono. Negociavam, cultivavam o milho, fabricavam pequenos instrumentos e artefactos e compravam muitas vezes sua liberdade com suas proprias economias.

Tinha havido muitos cruzamentos. Os mulatos abundavam. Tinham fama de loquazes e talentosos.

Além dos mulatos, haviam os *chinos*. Os *chinos*, assim chamados pela amarellidão de sua epiderme, descendiam de crusamentos com indias. Eram soldados prestantes e bravos e os senhores e os partidos politicos procuravam sempre captivar-lhes as sympathias. Todos, porém, crioulos, mulatos, chinos e negros, odiavam os hespanhoes, os *gallegos*. Em Buenos Aires, a vida era assim. Nos pampas, uma sociedade nova começava a formar-se.

Azara deixou algumas informações a respeito dos primeiros estancieiros e dos primeiros gauchos.

Os estancieiros viviam calmamente entre os seus rebanhos, perdidos nas vastas campinas. As casas de habitação eram distantes uma das outras, leguas e leguas. Por isso, os homens dos pampas andavam sempre a cavallo; quando acaso iam a villa e assistiam a algum officio religioso, não sahiam das suas cavagalduras. As portas das igrejas eram abertas e os estancieiros a cavallo, de cabeça descobertas, ouviam as missas e acompanhavam ladainhas. O cavallo era o unico meio de conducção. Para encommendar os corpos — cerimonia naquelle tempo tão em uso — pegavam-se nos defuntos, punham-nos sobre a sella

e os pobres mortos iam balouçando-se com a cabeça pendente.

As reuniões politicas, os comicios, as tertulias entre amigos, os jogos de carta, faziam-se a cavallo, no terreiro. Ninguem se desmontava para saudar um amigo, beber no albergue e o cantar á guitarra. O canto cra uma das divcrsões dos pampas. Cantavam-se melancholicas cançõcs, *jarabi* ou *tristes*, inventados no Perú.

Os gauchos eram a maior a curiosidade da zona. Azara dizia que provinham de foragidos dos carceres da Hespanha e do Brasil. Sua quasi nudez, sua barba larga, "la obscuridad y porqueria de sus semblantes los hacen espantoses a la vista. Por ningun motivo ni interes quieren servir a nadie."

Azara carregava demais na descripção dos bravos gauchos que depois, na industria pastoril e nas guerras contra a Metropole, tantos serviços prestaram á causa de sua Patria !

Humboldt estudou com mais carinho os gauchos destemidos. Para o grande allemão esses nomades dos pampas eram consequencia do local em que viviam. Para elle não ha zona do mundo onde o estado social soffra tanto a influencia do clima e da disposição do sólo do que a America Hespanhola.

A geographia ahi mais do que em qualquer parte explica a historia. Nos extremos do Norte e do Sul, nas provincias interiores do Mexico e nos pampas, de grandes planicies seccas, espalhou-se um povo de pastores. Os animaes domesticos da Europa multiplicaram-se com tal rapidez que em pouco tempo se tornaram a riqueza fundamental dos colonos.

Nos collegios e universidades do vice-reinado já se preparavam homens de lei e sacerdotes. Em Buenos Aires e Assumpção os collegios ensinavam grammatica, leitura e

theologia. Havia escolas de nautica e desenho estabelecidas pelo Consulado.

Em Cordoba a instrucção theologica desenvolveu-se. O Collegio de Montserrat já era celebre. A Universidade de Charcas era o principal estabelecimento de todo o Rio da Prata. Nella se ensinavam litteratura e jurisprudencia e os chefes crioulos da revolução tinham estudado lá.

4º — OS FACTORES DA REVOLUÇÃO ARGENTINA

O tratado de San Ildefonso entregou a Hespanha a Napoleão. O reino tinha de pagar um tributo mensal de seis milhões, tinha de permittir a passagem de tropas francezas por seu territorio.

A Inglaterra procurou tirar vantagem desse estado de cousas, vantagens que lhe recompensassem da marcha triumphal do grande corso.

O commodore Moore andou a crusar em frente ao estuario do Prata, aprisionou varias embarcações hespanholas e conseguiu capturar trez milhões de pesos. A Hespanha quiz reagir, considerou a offensa *casus bellum*.

A guerra foi declarada. Em Trafalgar, a Inglaterra conquistou então o dominio dos mares e pôde principiar as suas represalias.

David Barel e Howe Popham partiram para o Cabo da Bôa Esperança, colonia dos Paizes Baixos, os quaes tinham sido annexados por Napoleão. A victoria foi facil. Napoleão cahiu para sempre nas mãos dos inglezes. Popham, enthusiasmado com o triumpho, pensou em conquistar o Rio da Prata. Obteve de Barel mil e seiscentos homens, ás ordens do Major Bereford.

A esquadra de Popham estacionou algum tempo diante de Montevidéo, mas afinal resolveu atacar Buenos Aires.

As successivas victorias dos inglezes, as successivas derrotas da Hespanha, haviam desanimado as tropas metropolitanas. O vice-rei Sobremonte achou inutil resistir. Não tinha força sufficiente. Não oppoz resistencia e fugiu para Cordoba. Beresford desembarcou, arrecadou os pesos da Thesouraria e proclamou-se governador em nome do rei da Inglaterra. O representante da Hespanha fugira. Mas o partido *crioulo* resolveu resistir. A população de Buenos Aires, indignada com o procedimento do vice-rei, exigia reparação. As praças enchiam-se de gente a protestar. A influencia dos homens notaveis, que mais tarde fizeram a revolução, era patente já. Seu espirito, embaido de leituras americanas, estava disposto a revolta.

Os *crioulos* formaram batalhões patrioticos, de militares e patricios.

O capitão do porto de Enrenada D. Santiago de Liniers, hespanhol de origem franceza, relacionado nos circulos argentinos e sympathico ás suas idéas, foi a Montevidéo arranjar reforços, reunio os voluntarios e assumio a direcção geral da resistencia, Pucynedor commandava os jovens *crioulos* enthusiastas.

A 10 de agosto Liniers intimou a Beresford a render-se. Mas como o inglez recalcitrasse, avançou contra a cidade e depois de dois dias de lucta, Beresford teve de ceder. Os inglezes tinham batalhado contra a cidade inteira, porque logo que as tropas de Liniers começaram o ataque regular de todos os telhados, de todas as janellas cahiam sobre os invasores projectis de toda a especie.

Buenos Aires gosava de certas franquias municipaes, tinha um *cabido*. . .

De modo que, quando as tropas voluntarias tomaram conta da cidade, resolveram convocar o cabido para decidir a quem devia ser entregue o Govèrno.

Os Inglezes tinham sido rechassados. O vice-rei estava

foragido. Era tempo dos proprios argentinos cuidarem da administração da cidade.

Foi um grande passo para a independencia, essa victoria. Os *crioulos*, por seus voluntarios, estavam senhores da cidade. . . Muitos pensavam em uma revolução immediata. Azaga, chefe do partido hespanhol, conseguiu, porém, que se convocasse o cabido. O cabido, por sua vez, mandou chamar os notaveis para uma reunião. Liniers, chefe das tropas, foi encarregado do vice-reinado. Sobremonte sahio então de Cordoba e foi para Montevidéo e lá esperou a nova expedição ingleza. O cabido, impulsionado pelo povo, destituiu Sobremonte. A multidão, agglomerada na plaza Mayo, obrigou a municipalidade a considerar nullos os poderes do vice-rei deposto pela *voz do povo*.

O partido crioulo tinha por si as tropas e o povo.

Quando os Inglezes, sob o commando do general Whitelock, desembarcaram para vingar-se do fracasso da primeira expedição, o enthusiasmo era grande na população buenairense. Os bretões venceram no primeiro encontro (1° de julho de 1801), mas o desespero da derrota não enfraqueceu o animo dos crioulos vibrante de patriotismo, satisfeitos por se sentirem unicos responsaveis pela defeza da Patria. Voluntarios offereciam-se todos os dias a Liniers, a Saavedra, a Belgrano, chefes da resistencia. A população armava-se. Cada casa fortificava-se e se defendia. As batalhas succediam-se e no dia 7 Whitelock teve de capitular.

O povo argentino vencera duas espedições inglezas, apesar da pusilaminidade do vice-rei. A côrte teve então um movimento habil. Demittio Sobremonte e nomeou para seu alto cargo Liniers.

Liniers era, porém, sympathico aos patriotas, considerado um dos seus chefes. Azaga e outros cabeças hespanhoes conjuraram contra elle, intrigaram para a Europa.

O valoroso vencedor dos inglezes foi destituido pouco depois embora o Governo da Hespanha o cumulasse de honrarias entre as quaes o titulo de Conde de Buenos Aires.

A sahida de Liniers não podia mais enfraquecer o partido crioulo. O primeiro impulso estava dado. Os voluntarios, sobre os quaes Moreno, Castelli, Belgrano e Balcarc já influiam, comprehendiam que em suas mãos estava realmente o governo da cidade. Quem derrotara os inglezes não temia mais vice-rei. Liniers ficou em Buenos Aires até 30 de junho de 1809, quando chegou o novo vice-rei D. Balthazar Hidalgo y Cisneros, que deveria ser a ultima autoridade hespanhola do Rio da Prata.

A Hespanha estava anarchisada. O povo hespanhol sacudira a 18 de março de 1808 o jugo de Carlos IV, que cuidava mais de caçadas e cavallos do que de vigiar os negocios do Estado e as infidelidades publicas da Rainha. Fernando VII reivindicava o throno. Napoleão subjugava a todos e dirigia a Hespanha, humilhando-a.

Com communicações difficeis com a Europa, communicações que todos os partidos na Hespanha procuravam tornar mais difficeis, os argentinos não saberiam a quem prestar obediencia se acaso não tivessem aproveitado para a causa da independencia a confusão reinante.

Os *bandos* e proclamações ora partiam de Carlos IV, ora de Fernando VI, ora de um impostor qualquer, ora de um intruso como José Bonaparte.

As juntas, os conselhos coloniaes não se entendiam e se hostilizavam. Havia juntas e conselhos em Cadiz, em Sevilha, em Asturias.

Em Buenos Aires a confusão era natural consequencia da anarchia da metropole. No Brasil, no emtanto, havia uma autoridade central, representante legitimo do throno foragido, que despertava sem querer as energias emancipadoras do paiz. D. João VI trazendo para o Rio de

Janeiro a Côrte de Portugal, deslocara os interesses e dera um impulso extraordinario ás reivindicações sul-americanas. As idéas da revolução franceza vulgarisaram-se depressa.

O rei abrira os portos do Brasil ás nações amigas. O commercio augmentou immediamente; as transacções cresceram; o ouro amoedado affluiu. O Brasil prosperava.

Na Argentina perduravam os monopolios e os chefes do partido da independencia tinham no exemplo do Brasil uma prova das vantagens de um governo autonomo.

Lord Strangford, embaixador inglez, que acompanhou o rei portuguez ao Rio de Janeiro, comprehendeu que, se os portos do Prata fossem abertos como os do Brasil, o commercio britannico maiores fontes de renda usufruiria.

Tratou, portanto, de suggestionar, animar, encorajar os homens patriotas.

No meio dessa confusão, tão fecunda para os amigos de Moreno e Belgrano, leeders da independencia, a infanta D. Carlota Joanna, irmã de Fernando VII e esposa do principe regente de Portugal e do Brasil, lembrou-se de se dirigir officialmente ao Cabido de Buenos Aires, participando o estado de depressão da Hespanha, a desmoralização da familia real.

E então, para impedir a conquista do Rio da Prata por Napoleão, pedia que a reconhecessem como representante e herdeira dos monarchas hespanhoes.

O Cabido não acceitou a suggestão. Mas o manifesto da infanta desvalorizou ainda mais a metropole.

A Maçonaria progrediu muito na America do Sul e nas lojas, por toda a parte, propagavam-se os principios da revolução americana. Quito tentara emancipar-se. O vice-rei Cisneros tinha de enfrentar uma situação complicadissima. Antigo combatente de Trafalgar, homem cauto e prudente, não pôde, porém, conter o grito de independencia do povo, que vinha lutando por sua emancipação. A

maioria das milicias e praticos compunham-se de crioulos e tinham Liniers por chefe e idolo.

O novo vice-rei trazia instrucções severas. Deveria dissolver os voluntarios constituidos para derrotar os inglezes e nomear Elio, então governador de Montevidéo, chefe das milicias. Mas como cumprir essas instrucções? Os voluntarios estavam armados, e o povo todo os acompanharia em qualquer emergencia. Antes, porém, de Cisneros resolver, os proprios voluntarios resolveram tomar a offensiva. Buenos Aires precisava de liberdade.

Não podia mais supportar o jugo da Metropole, depois de ter, sosinha, expellido a invasão ingleza. Os principaes chefes das milicias, Belgrano, Puyrredon, Viamonte, Ferrada, Osmengos, Martin Rodrigues, e outras pessoas notaveis, quaes Bernardino Rivadavia e Ferrada, reuniram-se e declararam-se dispostos a desobedecer ao novo vice-rei. Mas queriam que Liniers se puzesse á frente delles e resistisse a Cisneros. Outros, entre os quaes Belgrano, achavam mais conveniente a escolha de uma junta provisoria que fosse offerecer a D. Carlota, princeza de Portugal e do Brasil, a regencia do vice-reinado. A primeira corrente venceu no conselho dos notaveis, mas Liniers negou-se a auxiliar os patriotas. Foi ao encontro de Cisneros, em Montevidéo, e aconselhou-o a contemporizar com o povo se quizesse ter governo estavel. Cisneros comprehendeu que seu antecessor tinha razão. A revolução avolumava-se. Resistir era impossivel. Só era possivel contemporizar. Não tentou dissolver as tropas crioulas nem enviou Liniers para Hespanha, como tinha instrucção. Que poderia fazer? Os chefes das milicias, impulsionados por Moreno, não o deixavam agir.

Sob pressão de D. Mariano, Moreno Cisneros cedeu, até decretar a franquia dos portos emquanto a guerra na Hespanha perdurasse.

Os conflictos succediam-se. Os motins multiplicam-se. As repressões violentas eram impotentes. Sua autoridade estava abalada e sem forças. As desordens da Metropole, a incompetencia do vice-rei, o exemplo da liberdade do commercio no Brasil, a influencia da diplomacia britannica, o patriotismo exuberante dos crioulos, a audacia bem entendida dos conjurados formaram uma ardente atmosphera de revolta, onde o vice-rei, os funccionarios e os hespanhoes recalcitrantes não se podiam sentir bem.

Cisneros havia opprimido com violencia a sublevação de La Paz e enviara para acabar com um motim patriota em Chaco os proprios patricios.

5º — A CONQUISTA E A FORÇA DO MEXICO

Humboldt deixou interessantes informações a respeito do estado da sociedade colonial pela época da primeira proclamação da independencia.

Em 1810 D. Francisco Navarro y Noviega decompunha do seguinte modo a população da Nova Hespanha:

Europeus e hespanhóes americanos............	1.097.928
Indios..	3.676.281
Castas e raças mixtas........................	1.378.706
Ecclesiasticos seculares......................	4.229
Ecclesiasticos do clero regular...............	3.112
Monges..	2.098

Segundo o Conde de Rovillaggedo, havia em 1793 na capital do Mexico 49 hespanhoes crioulos para cada cem habitantes.

A cidade do Mexico já era então uma formosa capital. Estava cheia de palacios e templos, e granjas, jardins e hortas a rodeavam de verduras e flores. No lugar chamado Mexicoltsingo começava a grande lagôa do Chalco, que tinha cinco leguas de diametro.

Nas suas margens já se cultivavam flores e fructos e nella se fazia o trafego para a capital.

Os abastados iam veranear por aquellas bandas, e no verão organisavam serenatas em canôas que vagavam nas aguas serenas da laguna.

Por alli chegavam a capital os fructos de Chalco, os melados, os assucares, as fructas e as madeiras da Terra Calliente, de onde ia tambem trigo e milho. Santiago de Gueretaro era a outra grande cidade prospera. A 30 leguas da capital, Qaultepeca extrahia ouro, prata e chumbo de suas minas opulentas. Fabricavam-se tambem alli pannos de algodão e seda. A população, em geral, vivia do trabalho das minas, do pastorear do gado, da producção de alguns engenhos de assucar e da cultura de fructas.

Na Nova Hespanha as rendas dos prelados eram fantasticamente elevadas.

O Arcebispo do Mexico fazia 100.000 duros; o bispo de Yucatan 20.000 e o de Guadalajara 90.000!

Os humildes parochos das zonas ruraes, que eram os pioneiros da civilisação hespanhola, não ganhavam mais de cem duros annuaes! Essa formidavel desigualdade, em todas as profissões e classes, era o caracteristico da sociedade mexicana.

E os crioulos e mestiços que não recebiam cargos proveitosos formavam uma classe media, ambiciosa; mas honesta, intelligente e impulsiva, que abandonava o jogo e os processos faceis, que começava a viver sobriamente e ter rancor aos hespanhoes e do seu dominio.

As artes e as sciencias cêdo se desenvolveram no Mexico. A chimica de Lavoisier encontrou alli adeptos enthusiastas. Havia jardins botanicos e zoologicos com esplendidas collecções, e que aliás continuava a tradição azteca. As escolas de minas e a Universidade funccionavam com regularidade. A mathematica tinha cultores e, na astronomia,

Velasquez, Gama e Alzate sobresahiram-se notavelmente, tendo feito observações em relação aos eclipses do satellite de Jupiter. A litteratura florescia. D. Diogo José de Abad latinizava, D. Francisco Luiz de Leon cantou a epopéa do descobrimento do Mexico pelos hespanhoes. Sartena e Navarrete faziam poesias lyricas. Clarizera escrevera a historia antiga do Mexico. Janvier de Alegre publicara a historia da Companhia de Jesus na Nova Hespanha.

Os crioulos mexicanos desenvolviam assim sua cultura, apesar das pressões da Metropole. A guerra, que impedia as communicações, não permittira vigorassem os monopolios. Assim a propria manufactura no principio do seculo XIX estava relativamente prospera.

No tempo de Hildage o producto da manufactura da Nova Hespanha ascendia a sete ou oito milhões. Fabricavam-se tecidos com algodão indigena. Fabricava-se tecido com lã e seda. Em Acambaro, Celaya, Irapuata, trabalhava-se muito bem em colchas e tapetes. No Mexico e em Queretaro beneficiava-se o fumo e em Pueblos e Guadalajara fazia-se bom presunto. Lavravam-se os metaes com inexcendivel proficiencia. Brancos, mestiços e indios, sahidos da Academia de Bellas Artes, e das escolas de desenho do Mexico e Jalapá, rivalizavam-se nesse mistér. A Casa de las Monedas era então a mais rica e espaçosa do mundo e occupava 400 operarios e cunhava 30 milhões de pesetas por anno. O commercio fazia-se com a Europa e a Asia pelos portos de Vera Cruz, e Acapulco, passando todos os artigos importados pela Capital, centro do trafego interior de onde se irradiavam caminhos que iam ter á Vera Cruz por Puebla e Jalapa, a Acapulco por Chilpanzingo; Guatemala por Caxaca; a Daringo, por Santa Fé del Nuevo Mundo.

Os principaes productos exportados naquelle tempo eram: ouro, prata, cochonilla, assucar, farinhas, anil,

carnes salgadas, couros, a salsaparrilha, baunilha e o pau campeche.

Carlos III, pela pragmatica do commercio livre de 12 de outubro de 1778, tirou a Sevilha e a Cadiz o monopolio do commercio com o novo mundo.

De todos os pontos da peninsula podia-se daquelle edito em diante commerciar com a America. E essa relativa liberdade deu movimento novo ao trafego. O luxo, o deboche do seculo passado haviam desapparecido. Na sociedade crioula o equilibrio social se estabeleceu e o odio ao Hespanhol nasceu como consequencia natural delle.

E's crioulo e basta! diziam os proprios pais hespanhoes aos filhos que eram ou julgavam rebeldes.

A idea da revolução se expandia. E o baixo clero, humilhado, mal pago, quasi todo elle crioulo, revoltava-se indignado, contra o alto clero regiamente retribuido, todo elle hespanhol.

Os parochos de aldeia foram por isso os principaes factores da revolução da independencia. As victorias de Napoleão na Hespanha deram pretexto para explosão. Mas o mal estar do pequeno clero foi, realmente, a causa primordial dos levantamentos populares. O fim do seculo XVIII, foi prospero para o Mexico. O Conde de Revillaggedo fez realisar uteis trabalhos, construiu excellentes estradas, illuminou e calçou as cidades principaes, publicou a estatistica geral do paiz.

Depois da paz de Utrecht, e tratado do Oriente permittio á Grã-Bretanha, o direito de transportar, durante trinta annos, escravos negros para colonias hespanholas e o privilegio de enviar mercancias á feira de Porto Bello. A Nova Hespanha, a Guatemala, o Perú e a Nova Granada foram autorisadas a trocar productos.

Mas os acontecimentos, facilitados por essa prosperidade economica, tomavam novo rumo. Na colonia, os

parochos e os homens de leis crioulos, lidos em livros francezes impressionados com a revolução americana, reuniram-se em associações operarias de intuitos subversivos.

Era a lucta pela liberdade e pela independencia.

6º — A LUCTA CONTRA OS INDIOS E A FORMAÇÃO DA ARISTOCRACIA CHILENA

A lucta contra os indios foi o caracteristico de longo periodo de evolução colonial.

Nenhum povo da America teve de sustentar durante tão grande tempo campanha tão porfiada.

Os araucanios eram indomaveis, resistiam, recalcitravam, não desanimavam.

E essas pelejas continuas, mantendo durante seculos o estado de guerra, constituiram traços ethnologicos e estabeleceram a psychologia da raça.

A influencia da Metropole fez-se sentir em toda a America. Mas não se pôde exercer no Chile como nas outras colonias, a sua autoridade lá não pôde ser tão continua e tão systematica. As guerras podem opprimir os povos mas emancipam os guerreiros. Os commandantes, os chefes, os caudilhos se emanciparam das leis que não podiam cumprir em situação tão anormal; formaram distincções de classe, a pouco e pouco formaram uma casta, constituiram uma aristrocacia.

Os araucanios, resistindo durante periodo tão longo, provocaram represalias, lembraram expedições continuas; mantinham em sobresalto a população colonial dos primeiros tempos. E, além disso, a situação geographica do Chile, isolando-o ainda mais da Europa do que dos outros estabelecimentos americanos, deixou que a evolução sociologica se fizesse naturalmente sem a presença dissolvente da administração metropolitana.

«E' assim, como diz o Sr. Ortuzar, que se começou a formar, desde esses velhos tempos, a familia chilena, uma alma solitaria e forte, afastada do mundo, sem necessidades e desejo de relações com o extrangeiro, condemnada, por sua situação geographica e sua vida de combates, a se alimentar de seus proprios recursos.»

Os mestiços, os soldados, pequenos funccionarios e artifices foram sendo extremados dos senhores, e emquanto em outras regiões americanas os crioulos se igualizavam pelos costumes e convivencia, no Chile, a aristocracia se differençava dos *rotos*, e uma physionomia singular na America, meio feudal e meio européa, se desenhava nitidamente.

Faltavam escravos. Os colonos não os mandaram buscar ou os tiveram a mão submissos. Tiveram necessidade de tentar subjulga-os a força.

Foram, por isso, á conquista do Sul. E esse estado perpetuo de guerra construio o caracter social do Chile. Se conquistadores fomentavam a guerra, os missionarios procuravam levar aos indigenas rancorosos a palavra de paz.

Luiz de Valdivia, o grande conciliador, conseguio abolir o serviço pessoal. Nem assim. Tentou dividir os dominios. Nem assim.

« Toda essa região agricola incomparavel, que chamamos *La Frontera*, escreveu ha pouco o publicista chileno Sr. Vicuna Subercasseau, formou, graças ao plano do padre Valdivia, o paiz independente de Arauco, que tivemos de conquistar palmo a palmo, dando grandes batalhas e tendo com os caciques cerimonias parlamentares como se estivessemos a tratar com representantes de qualquer outra nação. Ainda vivem caciques em terras araucanias, agarrados ás faldas das cordilheiras do Sul.

Ainda são livres; envelhecidos e degenarados pelo alcool, levantam a cabeça com o orgulho heroico da raça indomavel.

Ao plano de Luiz de Valdivia, o missionario sublime, mas mau estrategico, devemos esta guerra de tresentos annos. Nos começos da luta, deixando entrar em Araucania os Hespanhóes, poderiamos ter acabado com ella.

Agora vemos ao estudar nosso caracter nacional, que essa guerra servio para formação de muitas das nossas virtudes, virtudes raras nos povos e que nos dão grande superioridade. Assim o periodo nacional teve sobre nossa raça uma influencia menor, graças á guerra incessante com os araucanios. A ella devemos nossas grandes condições militares. Foi esse entretenimento sanguinario, mas sadio, devido a uma torpeza sublime de um prégador. »

Essas virtudes militares, em acção, formaram o caracter e a sociedade chilenos. E a aristocracia que delles nasceu tomou uma feição moderna no seculo passado, desdobrou-se no Parlamento, e impedio as oscillações maleficas do caudilhismo. O Chile independente só teve uma revolução.

E' excepção entre os seus irmãos de origem hespanhola. E isso é devido, afinal, á organisação aristocratica do paiz, que foi á feição ingleza governado no seculo passado por uma casta constituida por uma centena de familias illustres.

Nos outros paizes americanos, as guerras da independencia tiveram á sua frente gente sahida do povo. No Chile, a revolução foi de origem aristocratica e o parlamentarismo, que se lhe seguio, reflectio o mesmo estado social. O presidencialismo, imposto a todos os outros povos americanos, o regimen das grandes massas. O caudilho domina em nome do povo. Póde ser um servilismo democratico, mas é sempre democratico.

E' um só quem manda para que a casta mais semelhante a uma aristocracia sobrevivente dos europeus metropolitanos não governe.

No Chile, só o parlamentarismo poderia vingar, porque

só elle satisfaz a um estado social aristocratico, que a historia tornou necessario e explica. Os representantes das grandes familias fazem parte do parlamento e dirigem o governo. Nos outros povos da America os appellidos de familia succedem-se e passam uma só vez pelos altos postos. No Chile, os grandes nomes patronymicos permanecem atravez das mudanças individuaes e das alterações ministeriaes.

O reino do Chile era, no seculo XVII, uma das colonias mais abandonadas pela Metropole. Não tinha metaes preciosos. Não tinha meios de exportar o restante de sua producção agricola. O gado pouco proveito dava.

Queimava-se a carne dos bovinos e dos caprinos para curtir o couro e exportal-o. Era a unica industria de cortume da occasião e dadas as difficuldades de transportes a unica possivel.

Em 1630, Santiago possuia apenas tres mil habitantes de origem hespanhola. A população e a colonia, que tão rapidamente se haviam desenvolvido nos primeiros tempos, estacionavam, paralysavam-se. Em compensação, porém, a simpleza de costumes dos primeiros tempos começava a desapparecer. O luxo ostentava-se, principalmente, nos vestuarios.

Santiago reconstruira a cathedral. Na grande praça viam-se os edificios da audiencia, da thesouraria, do cabido, da cadeia publica e as habitações do governador.

« As habitações particulares, observa Barros Arana, eram, muito mais modestas, sem elegancia ou grandeza architectural, construidas num só pavimento se bem que não faltassem muitas de dous corpos, cujos balcões serviam para presenciar frequentes procissões e corridas de touros. Os antigos solares, que nos primeiros tempos formavam a quarta parte da cidade, se haviam subdividido em sua maior parte, mas sempre occupavam largos espaços, de tal sorte que cada casa tinha

no seu interior horta e pomar, onde cultivavam plantas uteis ou de adorno e se tinham tambem locaes para criação de aves domesticas. »

Para andar bem vestido, o colono se arruinava, porque os tecidos e as roupas chegavam lá por preços exorbitantes. Em compensação, os alimentos eram baratissimos, porque os productos agricolas não encontravam facil escoadouro. A variola, de origem hespanhola, dizimava a população indigena. O numero de mestiços augmentava muito. E o de brancos havia crescido tambem, embora em menor proporção a outras colonias. Em 1657, a milicia de Santiago contava 388 homens e em 1702 era de mais de 800. E por essa occasião havia mais de 1.400 milicianos em Rancagua, Colchagua e Nauler; 400 em Lingua e Alcancagua, 300 em Serena e seus arredores e 900 no archipelago de Chiloe. A actividade industrial era insignificante e o ensino não passava de algumas tentativas dos missionarios. A população vivia ainda dispersa, e essa dispersão, que servia para a formação da aristocracia, fazia com que só se instruissem crianças cujos paes podiam pessoalmente transmittir conhecimentos ou contractar professores especiaes. A religião concentrava a attenção das classes superiores e ha historiadores que explicam a relativa lentidão do crescimento da população pelo avultado numero de meninas de familias crioulas que professavam nos conventos.

Havia, entretanto, alguns lettrados, Alvaro de Enitra, Fernando Alvares de Toledo, Martmalejo Marim de Lobara, que descreveram episodios das guerras contra os indios invenciveis. Pedro de Ona escreveu um poema — *Arauco domado.*

As cedulas reaes de 1768, 1770 e 1774, permittindo a troca de productos com todos os portos hespanhoes, acabando com o monopolio de Cadiz e com o isolamento

das colonias entre ellas proprias, bastaram para triplicar o commercio em tres annos. Em dez annos quintuplicaram as exportações. O commercio do Chile chegou a ser de cerca de tres milhões de pesos.

Em 1786, crearam-se os capitães generaes para o Chile, capitães generaes que dependiam do vice-rei do Perú. O territorio foi dividido em duas secções ou intendencias. A de Santiago coube a Bonavides. A de Concepcion ficou a cargo de Ambrosio O' Higgins. Bonavides falleceu, e seu successor foi logo depois chamado a outro posto. O' Higgins, em 1788, assumio o governo geral do Chile e resolveu logo inspeccionar todas as comarcas.

Apesar de sua idade avançada e da extensão do territorio a percorrer, o destemido Irlandez, a serviço da Corôa de Hespanha, visitou todos os nucleos de população, arrostando com mil difficuldades. Examinou as aldeias mais modernas ao norte, e os lugares em que mais convinha fundar outras o estado das industrias e os auxilios de que precisavam. O grande governador abolio as "encomiendas". Foi um grande acto civilisador, de extensa repercursão na vida economica e social. Em 1796, O' Higgins foi nomeado tenente general e vice-rei do Perú e deixou o Chile. Seus successores até Carrasco nada tiveram de notavel.

7º — A CONQUISTA E A SOCIEDADE COLONIAL DO PERÚ

Trinta e tres annos depois da descoberta da America tres aventureiros de audacia combinaram, no Panamá, partir em exploração de terras que se deviam estender para além do isthmo.

Pizarro, nascido em Trucido, na Hespanha, filho de pae fidalgo e mãe de baixa classe, não recebera nenhuma

educação e na sua adolescencia fôra mesmo guardador de porcos. Fez-se, porém soldado, combateu nas guerras de Italia, passou depois á America. Diogo d'Almagre, sahido da casa dos expostos, fôra tambem feliz na carreira das armas, Luque, o terceiro aventureiro, padre, era mestre de escola no Panamá. E assim dois soldados e um professor primario, á frente de uma centena de europeus, derrubaram o imperio mais vasto do continente.

Dizem que uma missa foi celebrada pelo companheiro sacerdote para consagrar a associação. Robertson, referindo-se a isso, nota que "um contracto que tinha por objecto a pilhagem e a morte, fôra ratificado em nome do Deus da Paz".

As primeiras tentativas foram sem exito. Pizarro não tinha gente sufficiente para a aventura. Não encontrando apoio apeou no Panamá, recorreu directamente á Metropole, onde conseguiu 180 soldados, dos quaes 36 cavalleiros. Uma questão dynastica dividia o Perú, onde essas cousas eram raras. Usando do terror, violencia, de philaucia e astucia, o aventureiro hespanhol dominou facilmente aquella gente simples e commetteu as maiores depredações da historia.

O povo dos Incas, que perdera na placidez de suas instituições regulares as virtudes militares, não pôde resistir a esse grupo de aventureiros.

Guahualpa, ultimo rei, foi sacrificado com covardia porque tudo fizera para ser amavel e tudo entregara.

O paiz abundava em metaes preciosos. Depredações formidaveis se fizeram, para arrancar o ouro e a prata e os enviar á Metropole. Os conquistadores brigaram entre si, brigaram com o representante da Metropole, e só no secùlo XVIII a exploração systematica do Perú pela Corôa da Hespanha começou. Lima não era somente a primeira cidade do reino. Era a primeira da America hespanhola. Sua traça foi bem delineada, suas ruas rectas e espaçosas

estavam cheias de palacios. O vice-rei Montcclarcs construira uma ponte de pedra sobre o Lima, cm frcntc ao arrabalde de Molambo, a cujo extremo começava a *Alameda* onde as damas e cavalheiros de alta sociedadc sc reuniam á tarde.

Os terremotos não haviam impedido que sc construisscm igrejas e altos campanarios. As casas particularcs cram, porém, cobertas de simples esteiras. Pejano escolhcu com felicidade o sitio para sua capital.

E Lima, fundada em 1535, quando se collocou a primeira pedra de sua cathedral, tinha sob o vice reinado dc Gil Paloada 52.627 habitantes, sendo 17.215 brancos c 8.960 negros.

Era a cidade das carruagens. Havia lá naquelle tempo mais de 4.000 *carretelas*, puxadas por magnificas parelhas de mulas ajaezadas de ouro e prata. A população crioula não estava, porém, satisfeita. Os monopolios asphyxiavam as industrias de tecidos e cordume que, apesar de tudo, pullulavam pelo reino. Os altos funccionarios, vindos da Metropole, tinham todos ares de Pezano diante dos ultimos incas.

O regimen de exploração das minas, as industrias nascentes, os contrabandos não davam resultado grande.

As fortunas eram raras. Humboldt informa que cm Caracas as familias mais' ricas tinham dez mil duros dc renda, emquanto que em Cuba havia algumas com mais de trinta e cinco mil. Em Lima, entretanto, as mais abastadas tinham quatro mil duros. A importação total de Lima orçava por cinco milhões de pesos e a exportação por sete milhões. As grandes riquezas dos incas c das primeiras explorações tinham sido absorvidas pelos conquistadores, vice-rei e Corôa de Hespanha. A' população crioula já não se offerecia a mesma possibilidade de enriquecer. Entretanto o amor ao luxo era enorme.

As damas de tom nunca sahiam á rua a pé, traziam vestidos carissimos e joias. Era commum ver-se uma senhora com adereço de setenta mil duros.

No meio desse luxo dos *senhores*, o povo andava descalço.

No começo do seculo XIX, os artezães e os artifices de Lima eram negros e mulatos livres, que trabalhavam por sua conta. O povo gostava de se divertir. Havia festas quasi todos os dias. O vice-rei, presidente nato da Audiencia de Lima, Chiquisaca, Quito, Panamá, Chile, Tierra Firme, como supremo governador e capitão general, tinha 40.000 duros de renda. Podia ainda cobrar outros dez mil quando visitava as provincias e tres mil cada vez que adoecia em viagem. A Universidade de Lima datava de 1551.

Em 1750, tinha além de reitor eleito, annualmente, doutores em theologia, direito civil e canonico, medicina e artes, philosophia e humanidades.

Dous mil alumnos frequentavam as aulas. Aggregados á Universidade, havia tres collegios reaes com vinte aulas cada um. Sete templos parochiaes, além da cathedral e das capellas. Havia hospitaes; os conventos abundavam.

Os dominicanos, os franciscanos, os agostinos, os mercedarios, os jesuitas, os benedictinos, os minimos, os irmãos de S. João de Deus mantinham estabelecimentos. Para mulheres havia doze estabelecimentos. Santo Toribio fundou um asylo para mulheres religiosas. Era uma necessidade ao que parece.

O bando do vice-rei Pezuela caracteriza tão bem, como a fundação do santo esse estado anarchico. Esse bando é um traço caracteristico da época. Prohibia proferir blasphemias, cantar versos lascivos, ir a bailes deshonestos; usar trajos que não correspondessem á sua condição. Ordenava ás mulheres vestirem-se com honestidade. Considerava crime levar, á noite, mulher á garupa de cavallo.

Determinava que todos os habitantes se recolhessem antes das 11 horas da noite. Ameaçava os roubadores de chapéos e capas de noite ou de dia. Finalmente, declarava que os casados de qualquer povo do vice reinado voltassem aos domicilios de suas mulheres proprias.

E para cada contravenção possivel, o *bando* especificava o valor das multas, o numero de açoites, os dias, os mezes ou os annos de prisão.

O que os hespanhoes destruiram era a mais curiosa sociedade da historia.

Não se conhece bem a origem dos incas. O proprio Garcilano de la Vega, que era mestiço, repetiu que os primeiros hespanhoes vulgarisaram. A Monarchia dos incas, com a riqueza de seus palacios e de seus templos, e a pobreza regulamentada e legal do povo, era um caso unico na historia.

Nem a Monarchia do Mexico antigo se lhe assemelha. O inca, filho do Sol, era uma personagem divina. Tinha uma mulher chefe, *la coya*, que era sempre sua irmã. O filho primogenito dessa união era o herdeiro do throno.

Solenne cerimonial separava o inca do resto dos mortaes. Sua tunica, tecida com a mais fina lã de vigonha, era de côr viva e coberta de pedrarias.

No seu turbante resplandeciam plumas de aves raras.

Quando um inca era chamado *ás moradas do Sól*, seu pae, era carregado para o templo de Tampa, a cinco leguas de Cuzco, e lá se o enterrava em companhia de sua baixella, suas joias, de suas concubinas e servidores.

Havia escolas onde os *amantes*, sabios, ensinavam aos descendentes das familias nobres, parentes de inca. Ensinavam as tradições do ritual religioso, os usos militares, a historia, a chronologia, as leis, os principios de governo. Havia theatros, representações. Os peruanos não tinham ainda escriptores propriamente ditos. As tradições mais

importantes eram conservadas em *guipes*, que pareciam mais um methodo manemonico. As classes populares aprendiam os officios dos paes. A enorme familia dos incas constituia a nobreza. Abaixo della vinha os *curacas*, que deveriam ser os caciques antigos das nações submettidas. Os homens do povo cultivavam a terra, tinham obrigações restrictas, não podiam sahir dos seus respectivos campos e davam tudo que produziam ao inca, que guardava os viveres em armazens donde os tirava para distribuir ao povo, quando julgava necessario.

Tudo estava tão systematizado que só funccionarios especiaes circulavam de cidade a cidade. Toda a população era sedentaria. Esse povo, assim atrophiado por feroz socialismo monarchico, foi facilmente conquistado.

Cieza de Leon dizia que a natureza era tão accidentada entre os valles profundos de 1.400 metros nos planaltos a 2.800 acima do nivel do mar, que se partia de manhã de uma terra onde nunca chovera para chegar á noite numa em que a chuva era diaria. Nessas horas desiguaes ha terras admiraveis que dão tudo, desde o trigo, de que D. Maria de Escobar levou os primeiros grãos, até os tuberculos tropicaes.

Os missionarios hespanhoes, aproveitaram depressa essa aptidão do solo.

« Estudando a historia da conquista, escreve Humboldt, admira-se a gente da extraordinaria actividade desenvolvida pelos hespanhoes do seculo XIV no cultivo dos vegetaes europeus no alto das cordilheiras. As hortas dos conventos e das casas foram o centro dessa acclimação. Os proprios conquistadores apezar de seu barbarismo guerreiro, algumas vezes se dedicavam á vida campestre. Aquelles homens simples, rodeados de indios, cuja lingua não conheciam, cultivavam de preferencia, para consolarem-se, talvez da solidão em que viviam, as plantas que recordavam as terras da Extremadura e das duas Castellas. A época em que amadurecia pela primeira vez a fructa da Europa, era uma

festa de familia. Sente-se certa emoção lendo-se a narração da vida dos primeiros colonos, feita por Gerciliaro de la Vega. Com simplicidade encantadora refere que seu pae, André de la Vega, reuniu um dia todos os antigos camaradas para pastar com elle tres aspargos.

Mas o espirito dos conquistadores era, infelizmente, atirado para seducções.

As missas e as depredações nos templos e escondcrijos dos incas os attrahiam mais. E para o trabalho da extracção dos metaes preciosos obrigavam os pobres indios a um regimen escravizador de tumas (mitos).

A prata e o ouro incitavam todas as cobiças. E essa ancia pelo ouro e pela prata, trazendo o amor do luxo e das grandezas, impediu de algum modo o desenvolvimento do paiz. Os indigenas assassinados, que se rebellavam, encurralados nos *mitos* em climas estranhos aos dos seus districtos nataes, intoxicados pelo alcool, definhavam e diminuiam.

A população branca evoluia tambem lentamente. Os casamentos eram raros e a luxuria dos vice-reis e funccionarios relaxavam os costumes.

Cuzco, antiga capital dos Incas, Lima e centenas de outras cidades, progrediam entretanto. A Lima e a Calláo affluiam tres arpagos. »

CAPITULO IV

Fundamentos da sociologia brasileira

1º — AS RAÇAS INFERIORES

A TODOS os americanos interessa a questão das chamadas raças inferiores.

Dos Estados Unidos á Argentina, todas as nacionalidades do continente de Colombo devem a sua formação ao auxilio dos povos aborigenes e dos negros importados. A pureza dos *yankees* é uma mentira convencional.

Os pioneiros atravessaram largos territorios sem mulheres brancas. Cruzaram-se e o sangue pelle vermelha é flagrante no typo actual. O presidente Wilson tem um esqueleto de autochtone. Os sociologos e anthropologos norte americanos querem attribuir a influencias de climas a semelhança de esqueletos entre *yankees* de hoje e os pelles vermelhas. Não ha fundamento scientifico para semelhante asserção. Em duas ou tres gerações não se poderia dar tão profunda alteração somatica.

A mistura nos Estados Unidos é muito menor do que entre os latinos-americanos, mas existiu e continúa a modificar os traços fundamentaes dos norte-americanos. Na America do Sul não houve mysterios, nem dissimulação. A mestiçagem fez-se em larga escala.

O negro e o indio adaptaram-se em grande parte á civilisação das metropoles e, como os escravos a principio e trabalhadores livres depois, trabalharam na formação das novas nacionalidades.

O Sr. Moore, humorista norte-americano, disse que o *yankee* é um homem que ignora sua estirpe e se proclama saxonio. O Sr. Ingegnieros, escriptor argentino, soffre em mais alto gráo desse daltonismo scientifico e ethnographico. Elle acha que o argentino é, em via de regra, um homem branco e o brasileiro um mestiço. E' uma illusão, que os publicistas argentinos querem agora transformar em mentira convencional. Rosas e seus sequazes eram mulatos. A população rural argentina ainda é toda mestiça. Naturalmente no Brasil, a absorpção dos negros e indios será mais lenta, porque como os volumes a misturar são maiores a fusão não será tão rapida. Mas o fundo ethnico é o mesmo.

A immigração fundiu depressa o argentino das cidades e em Buenos Aires, só no *Bairro de los Ratos* se vêem negros e caboclos. Aqui, os negros concentram-se nas cidades do littoral e como a immigração européa é menor e a população é maior, os effeitos da fusão serão mais demorados.

As condições ethnicas são equivalentes em toda a America. A Europa não se póde gloriar tambem da pureza aryana do seu sangue. Qualquer escavação no sul de Portugal, de Hespanha e de Italia, da França mediterranea encontram-se em terrenos correspondentes a épocas primitivas craneos de pretos.

Além desse sedimento negro prehistorico, nas épocas historicas, toda a Europa mediterranea soffreu a mistura

dos escravos negros e depois do dominio ou commercio dos arabes.

Os homens do norte receberam influxos de outra natureza. A Prussia de hoje já teve população slava, cheia de cruzamentos tartaros e orientaes.

Assim a propria Europa não se póde considerar isenta do sangue das raças inferiores. Ha, entretanto, raças inferiores ?

Não ha. O esforço primitivo da civilisação humana partiu das chamadas raças inferiores. Eram morenos e mestiços os povos da Asia Menor e da Africa, que fundaram a civilisação, que depois floresceu no Mediterraneo.

A China, a Assyria, a Babylonia, as Indias não eram povos brancos.

O Egypto não era povoado de homens altos, claros e louros. Entretanto, o esforço que esses povos desenvolveram para a cooperação do trabalho humano foi muito maior, em proporção a selvageria de que sahiram, do que o que hoje, na época contemporanea empregaram germanos, saxonios, latinos para aperfeiçoar a cultura herdada. De modo que descendentes de raças que fundaram a civilisação humana ou de raças equivalentes não podem ser a causa do entorpecimento de nações mestiças. Todas as nações se cruzaram e foram mestiças na sua origem. As raças chamadas inferiores, que collaboram na civilisação americana, não podem ser, portanto, um elemento de desorganisação e anarchia. Tendem, entretanto, a desapparecer assimiladas. Por que ?

Porque o que caracterisa a raça como consciencia, como nacionalidade, como ideal, não é o fundamento ethnico, anthropologico; é a lingua. O homem vale pelo que pensa e elle pensa na lingua de seu grupo. Por isso o ramo ethnico primitivo que impõe o seu idioma domina sobre os demais e os assimila. O que faz o typo politico e social da raça é a

sua lingua, que mantém as tradições do ramo ethnico, que conserva o espirito e o desenvolve sem o desnaturar. Quem perde a sua lingua primitiva póde ainda guardar caracteristicos de temperamento de seu fundo ethnico, mas esquece o espirito da raça. Por isso, os descendentes slavos e tartaros da Prussia de hoje se proclamam pan-germanistas com orgulho e os descendentes dos mulatos da Italia se consideram puros latinos e desprezam os mestiços da America.

No Brasil, é de estylo fazer piada com os mulatos e negros que com muita razão e fundamento se intitulam latinos. Os negros, caboclos e mestiços da America, descoberta e colonizada por ibericos, aliás cheios de cruzamentos, são latinos, porque assimilaram o espirito latino.

Desde os tempos mais remotos, os povos reconheceram ou sentiram essa verdade e quando queriam dominar tratavam de impor a sua lingua. E' pela escola que essa luta hoje se caracteriza no mundo inteiro. Os pregadores dos preconceitos das raças, os Chamberlain, os Raimers, os Gobineau, os Lebon são anthropologistas que deveriam ser reprovados num exame elementar de historia universal. Porque toda a historia protesta contra o preconceito das raças inferiores.

Quando os germanos viviam como selvagens, os reinos negros da Africa, os morenos do Egypto, os mestiços da Assyria e das Indias, os mongoes da China tinham uma civilisação relativamente adiantada, creavam todas as instituições que hoje na Europa apenas se procura aperfeiçoar.

De modo que é um erro de historia levantar em sciencia o preconceito das raças. Outro erro a theoria dos climas deprimentes. A civilisação humana é um producto dos tropicos e das regiões quentes que lhes ficam proximas.

Como então querer affirmar que o homem decahe e se deprime num clima como o do Brasil, que é variado e

ameno e que mesmo nos sitios mais quentes é mais semelhante ao da Europa de que dos paizes em que o homem começou a civilisação ? A questão do clima já foi, entretanto, estudada em outro ensaio e não convem repetir.

2º — OS FACTORES DO DOMINIO

O methodo evolucionista, que é o preferido das sciencias positivas, depois das demonstrações de Spencer, ainda não foi applicado com consciencia e bôa fé na sociologia moderna. A velha philosophia dos historicos era sob este ponto de vista mais racional e scientifico. Para estudar o *homem verificava a sua evolução atravez da historia* e para encontrar as leis de seu desenvolvimento procurava analysar esse proprio desenvolvimento e não se perdía em soluções unilateraes.

O esplendor e a decadencia dos povos dependem de factores de ordem diversa e não do clima de seu *habitat* e de sua origem ethnica.

O homem idealisa, sonha, deseja maior bem-estar e mais amplas garantias. A realisação desses ideaes, desses sonhos, desses desejos se subordina, porém, a circumstancias historicas, que ás vezes elle pode desviar ou commandar e que outras vezes escapam á sua acção.

O bem-estar, a prosperidade, a riqueza dos povos se desviam da estabilidade de suas instituições e do ambiente historico.

O homem vence, trabalha, triumpha, porque quer. Basta ler os velhos livros da China, da India, do Egypto, da Grecia, de Roma, para comprehender como era consciente a acção de seus dirigentes. A prosperidade nasce ás vezes de situações geographicas no momento historico; outras vezes da imposição da vontade nacional, creando

essa situação. A vontade vale muito, mas só vence quando as circumstancias a favorecem. Mas, ao demais, essa vontade só é efficiente, quando é esclarecida pela cultura. E a cultura é tanto mais util quanto mais accumulada. O equilibrio interno só se obtem pela cooperação voluntaria na ordem juridica, na juxtaposição das classes, na consciencia do mandato dos que governam, na regularidade das permutas. A grande prosperidade só surge com o commercio. Quando um povo fica mais ou menos numa posição central, mundial, tanto em relação ao movimento de transporte quanto ao de producção, naturalmente se enriquece.

Os phenicios, os carthaginezes, os gregos, conseguiram naturalmente essa posição privilegiada, e depois a procuraram manter pela força das armas. Roma impõe-se; o seu commercio mundial foi um producto de uma vontade, mas a propria acção muito centralisou a sua posição.

Os turcos foram poderosos quando com as suas caravanas faziam o intercambio do Oriente. Os caminhos maritimos para India marcaram o começo de sua decadencia.

A Inglaterra deve a sua hegemonia economica e politica no seculo XIX á sua posição insular, que lhe deu a facilidade do dominio maritimo, e ao carvão. A prosperidade da Allemanha começou com a transformação industrial da Inglaterra.

A agricultura enriqueceu os allemães, que principiaram a vender os seus productos aos inglezes. Depois, a posição central na Europa creou para o imperio tedesco a situação que soube tão bem aproveitar.

O equilibrio interno é sempre um resultado de cultura. Percorrer a historia é ter a confirmação desse postulado.

O Egypto da grande época não conhecia analphabetos

senão entre os escravos estrangeiros. O mesmo acontecia á Grecia. É o que se verificava em Roma e entre os arabes. Hoje, os povos mais letrados são os mais efficientes na sua acção. Todas as épocas de esplendor politico e mundial, de prosperidade economica e de força foram precedidas e acompanhadas pela cultura de espirito, pelà disseminação do ensino. Os povos, conscios de suas necessidades, iam outr'ora buscar pela guerra os resultados das culturas dos outros. Quem não podia receber directamente o ensino de uma cultura ia, esmagando-a apparentemente, assimilar a sua essencia. Foi destruindo a Grecia politica que Roma acabou por absorver a Grecia culta.

Os Pangermanistas tentaram renovar em época moderna essa façanha, em relação á França e á Inglaterra. A guerra, porém, se foi o maior instrumento de assimilação, não é o de mais continuo e salutar effeito. Pélos livros, pelas viagens, pela migração os povos se communicam e assimilam.

A Grecia absorveu nos seus tempos heroicos todos os ensinamentos do Egypto, sem necessitar de conquistas. Na America vamos desenvolvendo a cultura dos antepassados e assimilando a dos outros sem choques militares e desapropriação directa. Os livros, os jornaes, os estudos dos publicistas e dos professores, as viagens, a collaboração dos immigrantes transportam para este continente as tradições, os ensinamentos, os habitos, a sciencia, as artes, a technica, toda a cultura dos povos europeus. Por isso, podemos dizer, que estamos perante a historia numa situação privilegiada.

E' preciso apenas saber aproveitar das circumstancias. É' preciso pelo ensino popular e pelo ensino universitario e technico fixar e desenvolver de um modo racional essa transplantação que, numa sociedade instavel, pode se dispersar e perder.

3º — A ACCUMULAÇÃO DAS CULTURAS

Gross, num ensaio que ainda não tem a celebridade que merece, mostrou como no homem, animal social, o aperfeiçoamento biologico se transformou em aperfeiçoamento sociologico. A transmissão dos predicados adquiridos na luta pela vida mudou de classe de phenomenos. A herança não é apenas biologica, é tambem social. Assim, uma geração deixa á outra toda a cultura que recebeu e produziu e o individuo que accumulou haveres se transmittiu-os aos seus descendentes. Assim, os aperfeiçoamentos adquiridos na ordem social se herdam como os da ordem biologica. As nações tambem assimilam e herdam as civilisações. E' o que podemos chamar a accumulação das culturas.

O Egypto recebeu da Asia e da Africa negra ensinamento e cultura. A força cultural da Grecia proveiu da accumulação das culturas orientaes. Roma crystallisou as civilisações mediterraneas. As sociedades européas modernas assimilaram a cultura latina e arabe e as foram desenvolvendo, determinando voluntaria ou involuntariamente, caracteristicos nacionaes.

Harden, estudando, sob outro ponto de vista, esse phenomeno, disse com razão, que a civilisação caminhava como o sol, do Oriente para o Occidente. Realmente, a humanidade nasceu no Oriente, domina a Europa e se desloca agora para a America. Com a facilidade das communicações modernas, essa accumulação não é só successiva. Nos tempos antigos as accumulações simultaneas e reciprocas, eram, relativamente secundarias. Hoje, a interpenetração das culturas é simultanea e successiva. Por isso, não ha o povo *leader* de Hegel. Ha varios povos *leaders*.

Si os povos são tanto mais fortes e poderosos nas sciencias, nas letras, nas artes, nas industrias, quanto

mais souberam aproveitar os ensinamentos de todos os homens, os que maiores possibilidades de accumulação offerecem com maior confiança poderão encarar o futuro e trabalhar para produzir e saber.

Na Europa, a França, a Inglaterra, a Italia, a Allemanha, etc., accumularam a cultura antiga e desenvolveram essa cultura apropriada, realisando a interpenetração e trocando ensinamentos. Crystallisaram, porém, ha seculos, as suas caracteristicas culturaes, de modo que assimilando simultaneamente as culturas contemporaneas, não podem abandonar tradições nacionaes. Procuramos absorver tudo que nos convem.

Os Estados Unidos, conservando as predilecções britannicas que lhes marcam a individualidade, recebem e assimilam a cultura francesa, allemã, scandinava, italiana, hespanhola, além da que accumularam directamente dos pelles vermelhas, e dos negros e acceitam, ainda hoje, dos orientaes, europeus e asiaticos. E por isso são cada vez mais fortes.

Na Argentina dá-se o mesmo phenomeno em menor escala.

No Brasil ha tendencia de espirito para a maior accumulação de cultura da historia. Conservamos e devemos conservar as caracteristicas que a lingua portugueza fixou, mas vamos recebendo o influxo de todas as civilisações da terra. Recebemos, directa e indirectamente, todos os esplendores classicos. Sabemos do que se faz na França, na Inglaterra, na Allemanha, na Italia, no resto da Europa. Começamos a assimilar a transformação norte-americana e já não somos alheios ao esforço de argentinos, uruguayos e chilenos. A leitura de um livro didactico brasileiro é caracteristica. Em nenhum outro paiz como o nosso ha tanta universalidade de fontes. O proprio norte-americano se reduz, muitas vezes, ao estudo do que se faz actualmente

na Inglaterra e só se refere em trabalhos technicos, a um ou outro resultado da Allemanha, da França, da Scandinavia e da Italia. Nós outros somos incontentaveis.

Ao estudar historia estudamos a historia de todos os povos, mesmo contemporaneos, e ao destacar um caso scientifico vamos procurar as origens na litteratura de todos os paizes cultos.

A immigração facilita essa obra de accumulação cultural. Homens de todas as raças, de todos os recantos da terra, dos mais ousados entre os aldeões vêm trazer, vêm nos offerecer, a par de seu esforço pessoal, o acervo da experiencia de seus antepassados.

Vamos assim formando, constituindo a maior cultura da terra. Vamos crystallisando toda a experiencia humana. Por que, então ainda somos tão fracos ? Porque estamos ainda crystallisando e ainda não crystallisamos.

Ha apenas circumstancias, possibilidades, tendencias, factores historicos sociaes e geographicos. Para que essa accumulação se possa executar é preciso que a vontade intervenha, que a politica saiba aproveitar os elementos sociaes que se lhe offerece.

A propria situação geographica será, mais tarde, um elemento de riquezas. O Brasil é, de todos os grandes paizes meridionaes do continente, o mais proximo da Europa e será, naturalmente, depois de ligado por linhas de navegação e cortado por caminhos de ferro, o entreposto geral entre o velho mundo e a America do Sul.

4º — A ORGANISAÇÃO INTELLECTUAL

As sociedades dependem, entretanto, da organisação politica.

Os homens, seres contingentes, que agem, trabalham, enriquecem, prosperam conforme as circumstancias que os

rodeam, não são simples machinas impulsionadas por agentes extrinsecos. Os homens dirigem a sua propria acção.

A historia registra as épocas gloriosas. São sempre as de instrucção disseminada e de ordem juridica. Logo que a legislação não corresponde ás necessidades do povo, ha um desequilibrio momentaneo, para accelerar o progresso. Quando, porém, a corrupção de caracter é tão forte, que as leis não se cumprem, ha desequilibrio que ameaça a sociedade de dissolução.

Sob o ponto de vista geral da historia da especie humana, descobrindo a directriz da propria evolução da humanidade, tudo indica, mostra e prova, que a suprema crystallisação da cultura vai se dar nos paizes meridionaes dos novos continentes. A America do Sul será a terra do futuro.

Os desequilibrios de occasião são simples crise de crescimento. Tivemos escravos e os libertámos, sem cuidar de sua instrucção e de sua localisação. Conquistando terras e procurando eldorados, nos espalhamos por territorios immensos. Houve assim dispersão de esforços; nucleos differentes de população se formaram a grandes distancias uns dos outros.

A cultura européa decahiu em muitos pontos, permaneceu em alguns, melhorou em outros. As trocas se tornaram difficies e, portanto, não se creou riqueza. Só depois de muitos decennios de indecisão, as communicações se estabeleceram e a noção de patria se firmou. É preciso naturalmente reeducar e instruir todas as populações do interior e dar, nos grandes centros, um verdadeiro impulso á grande cultura. Só assim os ensinamentos da Europa serão recebidos com proveito. Para isso é necessario instruir as grandes massas e reeducar a *élite*.

Não temos ainda cultura nacional. Accumulamos a dos outros, mas não soubemos ainda dar concatenação geral, tirar os principios salutares da nossa propria independencia

intellectual. Não pode haver riqueza, estabilidade, economica e politica, sem instrucção disseminada e cultura na *élite*.

Mas convem frizar que, accumulando as culturas de todos os povos, a *élite* nacional só terá comprehensão exacta dessa utilidade, assumindo a responsabilidade exclusiva de seu pensamento.

Os povos, como os homens, precisam das licções dos antepassados e só podem agir com segurança crystallisando as culturas anteriores. Mas os povos como os homens, só podem ser fortes, e prosperar pensando com independencia. Não ha contradição entre a assimilação da cultura universal e a consciencia altiva das variantes nacionaes. A accumulação de culturas só fructifica quando as assimila. Os brasileiros só terão energia para agir, para crear as grandes forças economicas que o seu territorio promette, quando tiverem coragem moral, independentecia de caracter para pensarem sósinhos. Já apparecem os primeiros symptomas da reacção salutar. Entre os intellectuaes surge uma geração conscia de sua missão, anciosa de soluções, estudiosa dos exemplos estrangeiros e confiante nas applicações nacionaes.

Os velhos fundadores da nacionalidade tinham todos igual sentimento.

Como a primeira falla do throno, os brasileiros de outr'ora tinham certeza e esperança de que este paiz seria o *assombro do mundo velho e novo*.

Só nos ultimos trinta annos appareceram dirigentes e intellectuaes com a cobardia intellectual sufficiente para repetirem os erros, os abusos, as mentiras convencionaes dos europeus. É contra esse snobismo suicida, é contra esse pedantismo doentio, é contra esses lugares communs dos desanimados de cobardes intellectuaes, que a nossa geração se levanta e protesta, affirmando a serena confiança no futuro e na grandeza da patria.

É preciso, porém, para que o nosso destino se cumpra, que a politica se encaminhe para um encadeamento de soluções. Os problemas da ordem moral valem mais do que os de ordem material. A prosperidade economica dos paizes depende do seu systema de educação. Todas as crises que vamos affrontando são crises passageiras. A nossa raça, idealista, bôa e virtuosa, vence facilmente a amoralidade de alguns e a ignorancia de muitos.

Temos todas as condições sociologicas para a realisação do grande destino que almejamos. Tudo depende, portanto, da politica e da instrucção.

A reforma dos costumes politicos fará, entretanto, comprehender o valor das escolas, que hoje são abandonadas, e a reforma da instrucção publicas aneará o meio politico.

Convem não esquecer a formação do grande professorado de altos estudos, composto de pesquizadores e eruditos, fóra das concurrencias quotidianas. Só com *élites* intelligentes os povos se comprehendem e sabem agir.

5º — O APPARELHAMENTO TECHNICO

Os descrentes, que não sabendo pensar copiam phrases dos livros europeus, não poderão negar a evidencia das verdades que enunciamos.

O Brasil offerece todas as condições sociologicas para ser uma grande e nobre patria, *leader* entre as nações.

O seu triumpho depende do tempo, do desenvolvimento de sua população e da crystallisação de sua cultura e do aproveitamento politico das circumstancias. Temos as mesmas condições materiaes de exito? Por certo que sim. "A terra é farta e generosa e, se a querendo aproveitar, dar-se-ha nella tudo". Pela variedade dos climas podemos

cultivar quasi todas as plantas uteis aos homens e podemos crear todos os animaes domesticos.

A falta de combustivel não é absoluta, é apenas relativa e a solução dos problemas industriaes dos fornos electricos ainda facilitará as applicações da metallurgia.

A prosperidade e o dominio dos povos, como já vimos, são simples resultado do momento historico e do valor relativo de sua cultura. O progresso da technica vai tambem alterando as hegemonias economicas e dando novos elementos de riqueza a regiões até então abandonadas.

Assim, como disse o Sr. Enrico Ferri, a hulha negra, o carvão, fez a força economica dos paizes septentrionaes no seculo XIX, a Inglaterra, a Allemanha, os Estados Unidos, a Belgica. A hulha branca, a cascata, será o elemento primordial da prosperidade e pujança industrial dos paizes meridionaes, no seculo XX, o Brasil, a Italia, o sul da França.

Os desenvolvimentos de uns não inutilisarão inteiramente a prosperidade dos outros, mas á proporção que a accumulação das culturas for coincidindo com o organismo intellectual e o apparelhamento technico, os povos irão dominando progressiva e successivamente.

É inutil repetir os lugares communs relativos ás grandes riquezas latentes do Brasil. Não ha duas opiniões a respeito.

O que queremos provar é que as condições sociologicas dos brasileiros dão-lhes capacidade para realisar com exito o aproveitamento dessas riquezas latentes. O que queremos accentuar é que a acção politica, educando, instruindo e construindo, apparelhando, póde desenvolver a capacidade que as nossas condições sociologicas apresentam. Basta, portanto, uma politica de construcção, intelligente e elevada, para que o Brasil se sinta feliz dentro de seu destino...

6° — DECALOGO DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

A *élite* brasileira venceu a crise de confiança. Nas novas gerações se nota a reacção salutar a que alludimos. Esse mal terrivel de sceptismo, que gera a cobardia intellectual, que arruina a coragem sadiá de pensar para agir e restringe a capacidade mental na comprehensão para rir, apontou sempre os vicios fundamentaes da climatologia e da raça como as condições esmagadoras da nossa inferioridade.

De modo que quando alguns patriotas, quando ingenuos interpretes da raça procuravam propagar idéas ou convidavam os outros a uma acção fecunda, os scepticos, incapazes de pensar e de lutar, recuavam, sorriam e repetiam os feios lugares communs dos sociologos europeus de fancaria, que não sabem geographia e ignóram a historia.

As doutrinas são explicações do ponto de vista utilitario, são resultados da experiencia. Accumulando as culturas alheias, nós só podemos acceitar dellas o que não for contrario ao nosso ideal e á nossa razão de dizer. As abusões degeneradas de litteratos europeus a respeito das raças e dos climas só podem e só devem encontrar nos brasileiros conscientes a mais energica repulsa e a mais cabal contestação. O dever da nossa geração, neste momento em que a especie humana atravessa uma das maiores crises historicas, é de preparar a mentalidade brasileira para a comprehensão do seu destino e para a sua acção: A nação que duvida do valor intrinseco de sua capacidade perde a coragem para pensar e agir.

Para reeducar as *élites* e sanear os costumes politicos é necessario refundir as noções sociologicas de alguns intellectuaes brasileiros, que muita gente do povo já repete.

Os dados da sociologia moderna, da anthropologia, da ethnographia e da historia não contestam, ao contrario

affirmam a verdade que estabelecemos nos curtos paragraphos anteriores. Só mesmo obra longa será possivel acompanhar, com exposições compactas, os exemplos a que alludimos da maneira mais breve possivel. As reivindicações da sociologia brasileira constituem uma obra de arte e patriotismo, porque são uma obra de confiança e são o melhor elemento de propaganda do Brasil.

Pelos dados e principios que recordamos acima póde dizer-se que a sociologia moderna, que a sociologia que os brasileiros devem acceitar e proclamar, reconhece um decalogo de verdades que desmentem todos as abusões européas. Assim convem fixar esse decalogo:

1°. Não ha raças inferiores. Todos os povos actuaes são constituidos de raças primitivas diversas e a civilisação foi fundada pelas raças chamadas inferiores.

2°. Não ha climas hostis á civilisação, que aliás é um producto originario dos tropicos.

3°. Os povos se engrandecem pela accumulação das culturas antigas e estrangeiras, aproveitada sob o ponto de vista nacional.

4°. A prosperidade de uma nação depende do momento historico, das condições do commercio mundial e do apparelhamento technico.

5°. Os povos que triumpharam na civilisação em todos os tempos pertenciam a raças diversas e antagonicas; todos, entretanto, possuiam cultura mais elevada e disseminada do que seus visinhos.

6°. O gráo de civilisação dos povos está na razão directa da assimilação e accumulação das culturas que recebem.

7°. Os factores de prosperidade economica variam de accôrdo com as suggestões da technica e as facilidades das permutas.

8°. A situação geographica influe de accôrdo com as communicações commerciaes e não de accôrdo com o clima.

9º. A decadencia das raças é proveniente do deslocamento de centros commerciaes, de desapropriação de cultura e de uma accumulação retardada em relação aos povos visinhos.

10. A prosperidade dos povos depende do equilibrio de sua ordem juridica em coincidencia com a centralisação commercial e a accumulação aproveitada das culturas.

Assim a collaboração das raças chamadas inferiores não nos póde ser prejudicial. Assim a nossa latitude não será obstaculo ao nosso progresso e a nossa posição geographica será no futuro um penhor de grandeza. As condições sociologicas promettem e garantem ao Brasil o grande destino que os fundadores da nacionalidade desejaram e annunciaram. Cumpre á politica aproveitar das soberbas circumstancias.

CAPITULO V

O meio geographico e o meio economico

1º — O FACTOR GEOGRAPHICO

VELHA citação de Aristoteles de que o homem era um animal politico exprimiu uma verdade, que não escapou aos mais antigos observadores das sociedades humanas. Sociedade é communhão e communhão se realisa atravez de phenomenos economicos. O homem, quando se emancipou pela evolução biologica da bruteza animal, creou a civilisação, que precisa de cooperação e se nutre das correntes economicas.

Senhor da mão prehensil, da palavra e do pensamento, o homem primitivo começou a aperfeiçoar os seus sentimentos de dominio pelo cultivo da intelligencia e pelo desdobramento das artes, dispensando assim o esforço de novas adaptações biologicas. Hoje, o homem, animal social e economico, só prospera quando póde trocar productos

e vive numa communhão de interesses reciprocos. A civilisação se baseou sempre nos phenomenos economicos e todos os grandes acontecimentos da historia não têm outra origem.

Os paizes progridem ou decahem em relação ao gráo de sua instrucção, da força de sua producção e das correntes commerciaes que commandam. Não ha prosperidade sem os elementos physicos para produzil-a, mas não ha capacidade de producção sem cultura da intelligencia. A civilisação é uma obra de cultura. Todos os grandes embates historicos, mesmo quando são apresentados sob outros aspectos, encobrem ou denunciam os verdadeiros interesses economicos dos povos. Os tyrannos só se perpetuam quando defendem sem querer o commercio de seus dominados; e os conquistadores só triumpharam quando exprimiam necessidades de expansão economica de seus patricios. O esforço do trabalho de cada um contribuiu sempre para o progresso geral e desse progresso geral aproveitaram todos. Mas, seres individuaes na sua formação biologica; os homens carecem de estimulo individualista para trabalhar, e por isso si a solidariedade social é uma condição de progresso o communismo é um elemento de empobrecimento e ruina.

Os mais previdentes accumulavam o que produziam e nasceu dahi o capital. Trocavam o que tinham e não precisavam pelo que não possuiam e que necessitavam, e surgiu o commercio. Os mais cautelosos tornaram-se intermediarios e assim os capitaes foram se desenvolvendo. Depois, quando se quizeram fazer emprehendimentos grandes que exigiam um espaço de tempo entre a sua elaboração e a sua utilisação, appellava-se para os que tinham sobras e assim o capital tomou uma feição productiva. O homem, á procura de conforto e de bem estar, expandiu a civilisação e tantas novas construcções teve que levantar que

se evidenciou a impossibilidade de aproveitar immediatamente do que se dispunha produzir. Assim tanto mais complexa, progressista e rica uma sociedade maior é a funcção do capital na sua actividade. O desenvolvimento das nações fez com que se emprestassem de paiz a paiz, commanditando uns aos outros. O maior esforço dos homens conscientes depende do meio physico em que elles se encontram. Quando um agrupamento de homens attinge a um grão de cultura e de technica mais alto que o dos seus clientes, póde emancipar-se relativamente do meio physico e produzir e enriquecer com as transformações de materias mandadas buscar em lugares longinquos.

Mas quando começa o seu trabalho, a sua installação num local qualquer fica, naturalmente, subordinado ao quadro natural que o envolve.

Depois da creação de uma civilisação intensa e complexa, as nações se libertam relativamente do seu ambiente, mas sempre a sua actividade se prende ás condições geographicas e ao impulso recebido pelas primeiras industrias mesologicas.

A geographia predestina a historia, e o meio physico crêa as industrias. Dahi, pela diversidade de climas e condições locaes, os paizes continuarem em pleno progresso, a ter necessidade dos outros, porque a civilisação, creando para o conforto do homem utilidades complexas e indefinidas, reclama para sua composição elementos que se espalham por todos os recantos do mundo. Foi essa complexidade que accelerou a technica nos ultimos annos.

Os povos dos climas temperados, pelo proprio desenvolvimento de sua sciencia e de suas industrias, carecem, para conservar e melhorar o conforto a que se habituaram, de productos dos climas mais variados. Para extrahir esses productos, emigram elementos capazes que depois se fixam na terra e ahi se habituam e se tornam patriotas. Sem essa

complexidade da industria moderna, o globo não ficaria coberto como vai ficar de povos civilisados. Os paizes do sul carecem dos productos dos do norte; estes dos daquelles, no oéste a industria para se completar necessita de materias primas de léste; no oriente compra-se o que se produz no occidente, e assim as correntes commerciaes se espalham, se cruzam e se equilibram e compensam por toda a parte. Todas as zonas da terra produzem, trocam e consomem. Uma parte é produzida e consumida no local. Outra é produzida e exportada para pagar o que se compra fóra. Os trabalhos complexos exigem naturalmente a divisão das tarefas e a producção, logo que se estabeleceu a troca entre os homens, procurou a lei do menor esforço. O homem trata sempre de obter o maximo de resultados com o minimo de esforço.

Si é mais facil a A ou a região A produzir a utilidade B do que todas as outras de que necessita, naturalmente se especialisa na sua producção, na producção de B e troca essas sobras com o que precisa para consumir.

Nasceu assim a divisão do trabalho, e della toda complexidade das trocas nas sociedades humanas. Assim, ha productores que do seu producto só tiram a utilisação de seu poder de troca. Como o podem produzir, empregam nisso a sua actividade e adquirem assim tudo o que carecem para viver.

Quando os previdentes tiveram sobras e os imprevidentes não tinham com que passar, aquelles deram a estes o necessario para viver, comquanto que empregassem a sua actividade nas tarefas que lhe determinassem.

Nasceram assim a escravidão, o salario, o empregado.

Quando pela complexidade de trocas se viu que era mais commodo escolher um producto como seu instrumento ou representação, com um poder de acquisição mais ou menos uniforme appareceu a "moeda".

Tudo isso depende, entretanto, das condições locaes, do progresso, da complexidade da civilisação. O homem foi sempre governado pelas necessidades economicas, embora elle se desviasse de seus verdadeiros interesses para attender ás superstições, aos mythos, aos sentimentos que, no seu entender, representavam o que mais lhe convinha.

Hoje, as noções da influencia dos phenomenos economicos são cada vez mais espalhadas e vulgarisadas.

A economia politica está na moda, mas apesar de suas regras inflexiveis, de seus maravilhosos descobrimentos, não é tão comprehendida como elogiada. Póde dizer-se que, si a economia politica nasceu no seculo XVIII e só tomou corpo no seculo XIX, embora sob outra denominação sempre existisse, no seculo XX vai ter um predominio muito maior.

O homem sempre produziu e commerciou, mas agora a producção e o commercio tornam-se conscientes. A vulgarisação da sciencia economica fez com que todos sentissem que, si ha uma sciencia da riqueza, para enriquecer é preciso não ignorar as suas regras.

O mundo vem evoluindo neste sentido ha muito tempo, mas depois da guerra as preoccupações economicas se accentuaram. Nos jornaes, nas revistas, no parlamento sobresahem artigos e discursos de ordem economica e financeira. Os oradores famosos da nova geração na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Allemanha, são especialistas em questões commerciaes e financeiras; velhas revistas litterarias e artisticas abrem rubricas de economia, finanças, agricultura, industria, commercio; e assim tudo demonstra que para corrigir as perturbações da guerra os homens se preparam para emprehender com consciencia uma grande obra de creação de novas riquezas.

No Brasil, as preoccupações não são differentes, mas é preciso que todos que estudam esses assumptos procurem

aperfeiçoar os methodos e tratem de vulgarisar o pouco que sabem, para conter desvios e orientar com acerto.

O que deve ser objectivo de hoje, na complexidade crescente da vida internacional moderna, é a determinação das correntes commerciaes.

A riqueza das nações provém de seu maior intercambio e este depende de uma producção bem manejada e de um commercio bem dirigido. Assim tudo se subordina, na primeira etapa do desenvolvimento, ao intelligente aproveitamento dos elementos naturaes fornecidos pelo meio physico.

Ainda não se fez sciencia economica para uso dos brasileiros de cultura média que queiram assimilar os principios e as noções a que se allude, mas pouco se define e esclarece. Os especialistas podem meditar sobre as complexidades e as abstracções das grandes leis economicas e financeiras, mas para vulgarisação convém fixar os verdadeiros principios, para que todos possam depois usar desses instrumentos de clareza, de elucidação e de verdade.

Definidos esses principios, é necessario principalmente saber como funcciona agora, na complexidade crescente da vida moderna, o jogo instavel dos abastecimentos e dos fornecimentos em todos os paizes e pela terra toda.

O progresso está na razão directa da intensidade do intercambio, e nos paizes novos, onde a riqueza depende ainda de formidaveis installações por fazer, é indispensavel *crear* para fixar e *exportar para comprar*...

O aproveitamento desse meio geographico é uma questão de apparelhamento e de cultura de um lado e das correntes commerciaes de outro. Correntes commerciaes favoraveis de nada servem quando não se póde fornecer o que ellas solicitam; mas, producção que não se escôa attrahida pelas correntes commerciaes, é causa de crise e não de prosperidade.

O meio geographico do Brasil é esplendido, e tem sob muitos pontos de vista a vantagem de ser differente dos outros.

Precisamos conhecer, entretanto, a situação geral e determinar as correntes commerciaes e mostrar como a "arte" politica, commercial, agricola e industrial, póde e deve aproveitar dos ensinamentos da "sciencia" economica.

2º — A SCIENCIA E A ARTE — A FUNCÇÃO DO ESTADO

A arte politica, agricola, commercial e industrial depende do meio social. Um precisa do outro. Chegamos a um grau de desenvolvimento que sabemos agora que nos convem ter consciencia disso tudo para agir com segurança.

Ha leis economicas que não podem ser esquecidas e que resumem todos os conhecimentos humanos. E' preciso não confundir a *arte* com a sciencia.

A arte varia de accôrdo com as circumstancias, tendo de escolher muitas vezes o menos prejudicial; a sciencia evolue, mas já tem principios certos que descobrem leis. Essas leis exprimem relações infalliveis.

Ora, havendo uma *sciencia*, e uma *arte* é um crime que a *arte* não seja sempre os preceitos da sciencia.

E' dispersivo e perigoso que politicos, agricultores, industriaes, commerciantes não trabalhem sempre na sua *arte* de accôrdo com a *sciencia*.

O inventor de machinas não ignora mecanica, e é triste que nos trabalhos de todo o dia, nos campos, nos escriptorios, nas revistas, nos parlamentos e nas secretarias de Estado se desconheçam as regras scientificas!

Si ha uma sciencia da riqueza, da troca e do trabalho social, como consentir que os que produzem e fazem commercio, e os que pretendem legislar a respeito ignorem

os mais comesinhos principios verificados na observação secular e demorada dos factos?

O charlatanismo já foi banido dos campos biologicos da medicina; é lamentavel que ainda não se tenha eliminado nas discussões politicas e na concurrencia economica. Passou o tempo em que no commercio se dizia *que tanto mais mudo mais peixe*. Agora, o que é indispensavel é ter todos os conhecimentos para poder agir, saber para prever, prever para prover.

No Brasil, como em toda parte, falla-se de questões economicas sem conhecimento de seus principios classicos e de material posto á disposição do homem para desenvolvimento das artes de producção e distribuição da riqueza. Assim precisamos definir as principaes leis economicas, de sciencia economica; resumir depois os factos e as conquistas primordiaes da producção e da repartição das utilidades e depois mostrar o que existe no paiz e no mundo para ser convenientemente aproveitado.

Para vulgarisarmos esses conhecimentos, o publico carece de um compendio de economia politica que o seja tambem de finanças e de geographia commercial. Ha no mundo inteiro sobre o assumpto um *equivoco*. E' o que podemos chamar o grande *equivoco economico*. Esse *equivoco* consiste em considerar *escolas economicas* o que apenas são formulas de applicação. Não ha diversas escolas economicas; ha uma *sciencia*, que é a escola classica e ha então *economistas* de *applicação*, isto é, formuladores de uma politica de occasião. Os grandes nomes na *sciencia* são raros, como são raros na physica, na chimica ou na biologica.

Os grandes scientistas, os formuladores das verdades são em grande parte os physiocratas, depois Adam Smith, J. B. Say, Malthus, Ricardo, Bastiat, Molinari, Paul Leroy Beaulieu, Yves Guyot, etc. Na Allemanha, Neumann

Wagner, Schmoller são *artistas*, no sentido de applicadores, porque procuram tirar dos principios que aproveitaram ou desenvolveram normas de politica de accôrdo com as necessidades do meio ou da occasião. O mesmo se póde dizer na Inglaterra de Kingsley, e até do professor Pigou.

Na França, os Srs. Charles Gide, Bourquin, Renal Tog, são dessa tendencia, como nos Estados Unidos, os Srs. Clark, Tansig, Patter e Elly.

Os economistas classicos dizem verdades universaes, como se relacionam os phenomenos, como se repetem, como são necessarios. Fazem sciencia e quando applicam não querem sahir das verdades naturaes. A sua politica, a sua arte consiste em pedir que cada qual proceda de accôrdo com as leis naturaes em busca de um conforto e isto constitue o melhor esforço social.

Os outros são muitas vezes grandes scientistas, porque tambem descobrem leis. Mas todo o seu trabalho tem por fim mostrar que convem fazer isto ou aquillo, canalisar os phenomenos de uma ou de outra maneira. Wagner, por exemplo, quiz fazer o programma da moderna Allemanha de então e foi nesse sentido que tentou refundir a economia politica. Adam Smith mostrou, sem idéa preconcebida, como as nações enriquecem e depois então indicou como modelo as regras que deduziu desse estudo.

O *equivoco*, como vimos, é considerar *hostis*, esses diversos modos de ver. E' preciso fazer sempre a distincção: em linhas geraes, a escola classica é a sciencia; as outras a applicação. Naturalmente muitos classicos formularam regras e aconselharam medidas e muitos economistas de outras escolas estabeleceram principios geraes. Mas não deixa de haver a distincção que definimos.

No Brasil, para fazer a economia politica nacional, consequencia da sociologia brasileira, carecemos de reconhecer esta distincção, que é fundamental. Devemos

antes de tudo firmar as *leis geraes da economia politica* formulada em grande parte pela escola classica, mas para cujo desenvolvimento em alguns pontos as outras contribuiram; e depois mostrar, dentro das regras dessas leis e dos elementos materiaes e da população que temos, o que podemos fazer para augmentar a nossa riqueza e engrandecer economica e socialmente o Brasil.

A economia politica, como sciencia, é universal, como bem disse o Sr. Yves Guiot:

«por toda a superficie do Globo, o ser humano tem necessidade de comer, de beber, de digerir, de se abrigar e de se reproduzir. Para procurar esses objectos necessarios á sua existencia, elle emprega processos que podem caber dentro de tres typos: a captura, a producção e a troca.

Seus modos variam, mas seus effeitos são constantes. Sobre todos os mercados do mundo, tanto para a negra do Kano, como para o negociante de trigo do Winnipeg, si a offerta ultrapassa a procura, ha baixa; si a procura ultrapassa a offerta, ha alta.»

O homem trata por toda a parte de obter o maximo de resultados com o minimo de esforços. A escola classica não se limita a descobrir e formular as leis. O proprio Adam Smith considerou tambem a economia politica como a sciencia do homem de Estado e do legislador tendo dois objectos distinctos: 1°, dar ao povo uma subsistencia abundante ou, para melhor dizer, o collocar em condições de a procurar por elle proprio; 2°, prover para que o Estado tenha uma renda sufficiente para os encargos publicos.

Por isso J. B. Say dizia que a economia politica abraçava o systema social inteiro.

Molinari deu uma definição excellente, dizendo que o ideal era assegurar um meio livre. Mas nem sempre é possivel. A escola allemã historica é, porém, uma simples

escola politica, embora com o seu fim particular descubra muitas verdades, estabeleça principios scientificos.

Foi Boscher que em 1843 mudou a escola historica allemã que Oppinheim chamou de socialismo de cathedra.

Emquanto os economistas classicos pregavam as vantagens da liberdade dos contractos, os socialistas de cathedra, inspirados em Hegel, reconheciam no Estado um "poderoso agente de civilisação e de progresso".

Para elles é preciso pensar nos homens e não nos bens e sua preoccupação principal é o soccorro das classes pobres.

Para nós outros, nos paizes novos, a preoccupação é diversa. Precisamos principalmente *crear o meio favoravel, apressar as installações technicas* e para isso faltam capitaes. Reconhecemos com a escola classica, de accôrdo com a definição magistral do Sr. Yves Guiot, que o movimento das sociedades progressivas consiste em passar do estatuto ao contracto e que o progresso está na razão inversa da acção coercitiva do homem sobre o homem e na razão directa da acção do homem sobre as coisas.

Reconhecemos em Adam Smith, Spencer, Molinari e o Sr. Yves Guiot que o ideal nas sociedades humanas é a forma de contractos e que o melhor seria limitar a influencia do Estado em tornar o meio favoravel, livre, afim de que as actividades individuaes se desenvolvessem em toda a plenitude. O socialismo é uma utopia e o Estado raramente crea e quando é chamado a crear é pessimo creador. Em geral, as suas creações são meros deslocamentos das riquezas de uns para outros.

Mas reconhecemos que assim como nas sociedades antigas o Estado precisava ampliar a sua acção para garantir o bem-estar, nos paizes novos, sem capital organisado, necessita estimular, dirigir, encaminhar a creação da riqueza, assumindo encargos que os particulares por falta de re-

cursos não podem assumir. Sem sermos socialistas, temos portanto de admittir o alargamento da funcção do Estado. Ha trabalhos, serviços, funcções, apparelhamentos de tal magnitude que não podem ser iniciados e custeados pelos particulares. Si grandes emprehendimentos modernos já exigem companhias, syndicatos, combinações, *Kartells*, *co-operativas*, outros ainda maiores só podem ser levados a cabo pelo Estado. Nos paizes de riqueza em formação, cabe, portanto, ao Estado uma funcção de estimulo e de coordenação e auxilio.

E' o que reconhecia o nosso Lafayette, cujo espirito conservador era dos mais solidos. Ao Estado não incumbia, segundo disse, sómente a garantia do direito, incumbem tambem os serviços e melhoramentos de utilidade commum quando não podem ser executados por iniciativa individual, ou porque não dão lucro que conpensem os capitaes empregados. E' o que convem aos paizes novos e aos momentos de crise e de creação.

3º — A POLITICA E A SCIENCIA ECONOMICA

A politica e a acção dos particulares nos diversos officios de producção e distribuição de utilidades só se tornarão verdadeiramente conscientes quando applicarem todos os principios da sciencia economica. Infelizmente ha ainda na politica, no commercio, na industria, na agricultura, muito charlatanismo, muito empirismo. Mas, incontestavelmente, as noções geraes vão sendo cada vez mais vulgarisadas e comprehendidas. Os economistas de applicação desviam muitas vezes a educação do publico, porque voluntaria ou involuntariamente trocam e alteram os valores, dando como sciencia o que não é mais do que um projecto de *arte*. Essa differenciação é muito importante, porque si a *sciencia* é *verdadeira*, *incontestavel*, *as-*

senta em *principios universaes*, a *arte varia* na sua applicação conforme o paiz, o tempo, as circumstancias e as o portunidades.

O *proteccionismo*, o *estadismo*, a *economia social*, são formulas de arte que procuram se servir da sciencia economica para defender ou melhorar a sociedade. Não queremos condemnar essas applicações, cúja utilidade varia com as opportunidades; queremos dizer que estabelecem desdobramentos de occasião e não *verdades universaes*.

No momento em que vivemos, 90 % dos trabalhos sobre economia politica versam sobre *arte* e não sobre *sciencia*. E' natural. E' que os grandes principios já foram consagrados e reconhecidos e agora a controversia gyra em torno da melhor maneira de os aproveitar para o bem da humanidade.

Por exemplo em França e na Italia, os economistas catholicos são applicadores que querem praticar o socialismo moderado sem todas as consequencias moraes e economicas do marxismo. Tanto que o P. Ch. Antonine, no seu *Cours d'Économie Sociale* proclama que "o movimento social deveria existir mesmo si o socialismo não existisse".

Vimos que os *historicos* allemães não pensam de modo mui diverso.

Na Inglaterra, o movimento que o professor Pigou chama de "Welfare economics", economia do bem estar — manifesta as mesmas tendencias.

Para o professor Alfred Marshall, de Cambridge, "a nova sciencia economica é mais dogmatica, menos abstracta, porque considera que o bem-estar do grande numero é mais importante que o bem-estar do pequeno numero."

Nos Estados Unidos, as tendencias de um grupo notavel não são diversas. O professor inglez M. A. C. Pigou, da Universidade de Cambridge, fez a respeito o estudo mais

calmo, mais seguro e mais scientifico. O seu livro *Wealth and Welfare* é sob este ponto de vista uma verdadeira obra prima. O notavel professor mostra que tanto maior é o volume médio do dividendo nacional maior é a parte média que cabe ao pobre e tanto mais variavel o volume annual do dividendo nacional mais augmenta a parte annual do pobre. Assim o professor inglez, embora soffresse as criticas dos representantes da escola classica na Inglaterra e na França, não se afasta dos principios scientificos. Elle não quer uma distribuição arbitraria.

Cuidando do pobre, elle prova como o bem-estar das classes proletarias depende da prosperidade geral e até do esforço consciente dos individuos.

A *politica* não póde deixar de prover esse bem-estar e assim a applicação moderada e com verdadeiras bases economicas como as do professor Pigou não se afastam da verdadeira sciencia.

A necessidade da applicação vai modificando as cogitações dos economistas.

A 2 de novembro festejou o "Political Economy Club" de Londres e seu centenario. O "Political Economy Club" é uma das instituições que mais honram a Inglaterra e que mais contribuem para o senso economico dos seus homens de Estado.

A iniciativa foi de Ricardo. O grande economista reunia em jantares intimos professores, todos os especialistas da economia politica e os vencedores em todas as classes. Alli se discutia tudo, divulgando principios, trocando idéas, sem que lavrassem actas e se publicassem resumos.

Depois a pedido de Tooke as reuniões passaram a ser num clûb, porque numa casa particular permittiam a influencia excessiva do amphytrião.

O "Political Economy Club" reune-se assim a um

seculo em jantares intimos. Em cada jantar, um socio levanta uma questão, todos discutem com liberdade. A importancia e a efficiencia do Club estão justamente no recrutamento de seu pessoal: economistas de profissão, publicistas, homens de Estado, politicos, commerciantes, industriaes, capitalistas, banqueiros, agricultores, juizes, altos funccionarios, armadores, nobres, advogados, generaes, almirantes. . .

O fim é coordenar o pensamento dos grandes directores da sociedade ingleza. Mas isso é feito sem espalhafato, sem proclamação de proposito, mais como resultante da comprehensão de sua necessidade do que de qualquer objectivo de reclame ou de interesse particular.

Por occasião do centenario do "Political Economy Club" appareceram varios estudos sobre a util e modesta instituição. Sir John Mac Donnel notou num ensaio a respeito que a historia do Club se divide em tres periodos, a saber:

« 1°, de 1821 a 1846, qualificado de *idade do dogma*, com o predominio das figuras celebres de James Mill, Ricardo, Malthus, Tooke, Mac Culloch e Cobden, periodo do livre cambio; 2°, periodo de transição, 1846-1871, durante o qual sobresahem John Stuart Mill, Chadwick, Senior, Lowe, Thorton, onde já se discute a questão social; 3°, periodo contemporaneo, 1871-1921, no qual se affirma cada vez mais a tendencia para discutir questões de menos envergadura, mas que são de actualidade onde as questões theoricas cedem cada vez mais logar ás questões do dia. »

Essa divisão da historia do Club, é typica: no principio do seculo passado ainda era necessario definir as grandes leis e principios, assentes, o que é preciso é tratar da sua applicação. E por isso, as theses discutidas passam dos grandes principios theoricos, dos *dogmas* para as questões do dia. No Brasil, o que prejudica muito as nossas discussões

e soluções, é que nem em conjuncto da sociedade nem em particular no cerebro de muitos dirigentes essa evolução não foi logica e não seguiu uma linha natural.

Trata-se das questões do dia, de applicação, mas não se definiram ainda os problemas theoricos. Os propinantes de medidas de occasião resolveram as difficuldades, eliminando os grandes principios e proclamando que elles não mais merecem fé. Esses grandes principios estão, entretanto, todos de pé.

No Brasil, todavia, as applicações não podem ser as mesmas dos paizes da Europa. Na Europa, as preoccupações politicas obrigam os economistas, para salvar a sociedade actual e impedir a barbaria do socialismo, a cuidar da economia social, da economia do bem-estar.

No Brasil, o grande problema é ainda a creação do capital. Não havendo ainda capitaes circulantes indispensaveis para movimentar todos os emprehendimentos necessarios, só o Estado por via de imposto póde obtel-o na proporção devida. Assim o Estado tem aqui, como em todos os paizes novos e em épocas de crise, uma missão especial de estimulo e de creação de riqueza.

Na França, a escola catholica, por exemplo, com a obcessão do socialismo, esquece a funcção da producção; na Inglaterra, o professor Pigou, procura um justo equilibrio, porque faz com razão depender as obras de beneficencia social do *dividendo nacional.*

Todos concordam nesse grande principio. Entretanto, no estimulo á producção não se pensa devidamente na repercussão das medidas em todo organismo nacional. Ha mais um proteccionismo de classes proprietarias do que da vida nacional em conjuncto. A prosperidade de uns depende da de todos. É o que sempre provou a escola classica e é o que reconheceu na sua obra o professor Pigou.

4º — A POPULAÇÃO DO BRASIL

Adam Smith, que escreveu nos meiados do seculo XVIII, disse no seu famoso livro sobre a *Riqueza das Nações*, que o Brasil era então a colonia que contava na America maior população de raça branca. É uma observação notavel, e que convém frisar com attenção. Adam Smith foi um dos maiores observadores de factos sociaes de todos os tempos; viveu em plena época colonial. Reconheceu que as colonias inglezas do Norte tinham recebido na sua cultura maior impulso; mas accentuava bem que, naquella época, antes da união para a independencia, nenhuma tinha a população do Brasil.

Os 600 mil brasileiros brancos eram para o grande mestre de economia politica moderna o maior nucleo de população de toda a America. Honra aos nossos maiores portuguezes e brasileiros o esforço que fizeram para conquistar para a nossa raça tão amplo territorio e tão populosa nação.

O Brasil prosperou cedo; os piratas, contrabandistas e aventureiros já sabiam vir buscar essencias, rezinas, e plumas antes da propria occupação official com a vinda de Pedro Alvares Cabral e com a primeira colonisação systematica de Christovão Jacques.

Os mappas encontrados ultimamente na Allemanha, provam que antes de Cabral já conheciam os portuguezes terras que só poderiam ser o Brasil. São o inicio de investigações que ainda terão muito que revelar.

O Brasil prosperou, portanto, sósinho, e a colonisação systematica ajudou e contribuiu para um progresso que a propria geographia promoveu.

Num documento que deve remontar do seculo XVI já vi referencias de um hollandez que encontrara japonezes no Brasil e outros mais recentes fallam de indianos e chins.

As raças auxiliares foram procuradas de accôrdo com as necessidades e as concepções da época, mas o que não resta duvida é que os portuguezes trouxeram os negros para o Brasil com uma alta comprehensão da vantagem dessa transplantação. Os velhos lusos em contacto com os arabes, aprenderam a capturar os negros, para tornal-os escravos, e já os tinham aproveitado no continente e nas ilhas atlanticas, quando resolveram transportal-os tambem para o Brasil. Era impossivel sem esse auxilio de raças de cooperação o desenvolvimento rapido do Brasil. Mas é um erro suppor que não povoamos com a gente portugueza todo territorio.

Em 1872 o Brasil tinha apenas um milhão e quinhentos mil negros escravos e a população de brasileiros livres ia além de oito milhões. De 1807 a 1847 a Africa exportou 4.952.000 negros escravos; vieram para o Brasil 1.802.000, para as colonias hespanholas 1.446.000, para outras 1.250.000. Sabe-se como era grande a esterilidade da escravidão. Mesmo se antes do seculo XIX tivessem sahido da Africa os vinte milhões de negros dos calculos mais exaggerados, elles não deixaram traços.

O Brasil por occasião da independencia tinha cerca de 3.600.000 almas, sendo 843.000 mestiços livres, 202.000 mestiços escravos, 159.500 negros livres, 1.828.000 escravos negros e 259.400 indigenas.

Os Estados Unidos tinham pouco mais de cinco milhões de habitantes.

Em um seculo passou o Brasil de menos de quatro milhões de habitantes a 30 milhões.

As entradas e as bandeiras capturaram indios, que os aldeamentos procuravam disciplinar para proveito dos jesuitas, mas os aborigenes não tinham para o trabalho a mesma facilidade de adaptação do nègro. Alguns foram assimilados, de outros só pelo cruzamento se obtiveram

auxiliares. Os negros habituados ao trabalho e á escravidão, não estranharam e serviram admiravelmente á prosperidade de proprietarios de terras. Mas apesar do auxilio das raças de cooperação, o Brasil era, segundo o testemunho de Adam Smith, no meio do seculo XVIII, o maior nucleo uniforme, pertencendo ao mesmo Estado, ao mesmo governo central, de raça branca em toda a America.

Isto garantiu o progresso rapido e o dominio de um territorio tão vasto.

Tinhamos, então, 600 mil homens brancos e essa população fazia então o espanto de Adam Smith. Recebemos depois muitos negros, e incorporamos os mamelucos e mestiços com os indios, os caboclos.

Mas o espirito da raça conquistadora, evoluindo sobre os novos climas, mudado pelas novas necessidades, transformado pelos novos deveres e direitos, alterado pelo conjuncto do ambiente, é, afinal, bem portuguez.

Eram nos meiados do seculo XVIII o mais "europeo" quanto á população, dos paizes americanos. Somos dos velhos paizes da America o que conserva em maior proporção o sangue dos primitivos habitantes.

Os Estados Unidos para os cem milhões de habitantes de hoje receberam 35 milhões de immigrantes, dos quaes oito milhões inglezes. Na Argentina entraram cinco milhões, dos quaes um milhão de hespanhoes. No Brasil vieram em um seculo de independencia 3.500.000 immigrantes, dos quaes um milhão de portuguezes. De modo que os Estados Unidos modernos foram constituidos com 24 % de elementos ethnicos novos, a Argentina com 50 % e o Brasil tendo recebido um miilhão de portuguezes entre os 3.500.000 immigrantes entrados, apresenta quasi uma proporção de 8 % de elementos estranhos. Assim, o Brasil de hoje, é sob muitos pontos de vista, bem o Brasil que os 600 mil brancos do seculo XVIII, com a cooperação das

raças auxiliares, faziam prosperar e encaminharam para a independencia.

Nos nossos recenseamentos modernos não se fazem mais quesitos sobre a cor. Mas é innegavel e patente que, no meio de cruzamentos, de caldeamentos variados e de grande vantagem, o paiz se fortaleceu, sub-raças se formaram, o typo ethnico com variações se firmou e o brasileiro, differente de todos os homens da terra, já tem caracteres proprios atravez de suas diversas modalidades, branco-luso, branco de outras origens, mestiços de varias proporções e raças, mas conservando em todos essas modalidades, atravez das differenças regionaes, os traços inconfundiveis de uma brasilidade commum.

Assim fizemos o Brasil com a maior proporção de elementos ethnicos formadores de toda a America e espalhamos por todo o territorio, por entre variações locaes, os mesmos caracteres de *brasilidade*.

O *brasileiro* que existia no fim do seculo XVI, que demonstrou no seculo XVII o seu patriotismo, agora, por occasião do centenario da separação de Portugal, revigora por toda a parte os traços differenciaes de sua *élite* e das sub-raças auxiliares que tendem a fixar num caldeamento definitivo. O Brasil apresenta tambem outro caracteristico: — é dos grandes paizes americanos o que deve em maiores proporções o formidavel desenvolvimento de sua população ao simples crescimento vegetativo.

Os Estados Unidos para obter cem milhões de habitantes precisaram de 35 % de immigrantes; a Argentina para os nove milhões de hoje, necessitou de cerca de cinco milhões de immigrantes ou mais de metade. O Brasil, para conquistar trinta milhões, não careceu de mais de 3.500.000 immigrantes ou 10.7 por cento. Assim, o crescimento vegetativo do Brasil é o maior.

Póde-se allegar que nós somos o paiz que recebeu maior

quantidade de escravos. É exacto. Mas é preciso não esquecer que os outros grandes paizes da America tambem introduziram nas suas plantações primitivas muitas levas de escravos negros. Mas dando assim como de dous milhões o total de escravos localisados e em um milhão de indios incorporados, cifras sem duvida exaggeradas, encontramos um total de seis milhões e quinhentos mil, o que dá uma proporção de cerca de vinte por cento, muito abaixo da de outros paizes.

E é necessario frisar que não contamos os pretos e os indios na Argentina e nos Estados Unidos. Os norte-americanos têm mais de 2 milhões de pretos e as estatisticas argentinas não consignam os individuos de cor.

Os Estados Unidos subiram de pouco mais de cinco milhões a 100 milhões num seculo de independencia. O Brasil dobrou mais de sete vezes a sua população, recebendo menos immigrantes do que tinha e contando com os negros escravos, pouco mais do que possuia, 1.200.000 negros e 3.500.000 immigrantes. Nos Estados Unidos entraram 35 milhões de immigrantes, ou sete vezes a população primitiva.

O Brasil dobrou sete vezes, mas com muito menos negros e immigrantes; os Estados Unidos vinte vezes, mas dessas vinte, sete foram de immigrantes. De quatro para 30 milhões, com cinco milhões de pretos e immigrantes, temos para o Brasil um augmento de 21 milhões. Os Estados Unidos receberam 35 milhões para o augmento de 95 milhões, o accrescimo excluindo immigrantes é de pouco mais do dobro do do Brasil, quando a nossa população é de menos de um terço.

Assim a população do Brasil, que era de 10.112.061 almas em 1872, de 14.333.915 em 1890, de 17.318.556 em 1900, era de 30.635.605 em 1920.

É um augmento espantoso. Os Estados Unidos dobraram a sua populaçao de 1880 para cá, de 50.155.787

almas para mais de 105 milhões. O Brasil dobrou em 1890 para 1920 em menos tempo, de 14.333.915 almas para 30.635.605.

Os Estados Unidos receberam, entretanto, de 1880 para mais de 20 milhões de immigrantes. O Brasil, de 1890 a 1920 acolheu cerca de dois milhões.

No Brasil os immigrantes contribuem para a setima parte do augmento; nos Estados Unidos, para mais de um terço.

O accrescimo verificado na população do Brasil é, portanto, muito significativo e excepcional. Vimos que os outros dois grandes paizes da America se tivessem igual desenvolvimento de população, deveriam a maior parte do accrescimo á immigração. Isso não aconteceu ao Brasil. Podemos, portanto, assegurar que o Brasil apresentou uma vitalidade espantosa.

Somos, por certo, o paiz americano, que conserva maior proporção da antiga raça, sendo a maior parte dos habitantes descendentes dos formadores da nacionalidade. Isso será um elemento excepcional de força e garante para a raça a posse exclusiva do immenso territorio, que é o maior, sem interrupção, sem solução de continuidade, sob a jurisdicção de um mesmo Estado e ligado pelos mesmos interesses e tradições e o mesmo patriotismo.

CAPITULO VI

A transplantação dos portuguezes. Principios da colonização portugueza

1° — A EXPANSÃO E O COMMERCIO PORTUGUEZES

Os portuguezes não se expandiram com o fim exclusivamente colonizador.

O Estado se tornou commerciante e todo o esforço em busca dos grandes mercados por mares "nunca dantes navegados" tinha um fim mercantil.

Do fim do seculo XV aos meiados do seculo XVI os navegantes e commerciantes lusitanos tiveram todo o apoio do governo, transferido para Lisboa, em todas as suas arrojadas emprezas.

Os descobrimentos maritimos foram marcando etapas de um poderoso commercio que se desenvolvia. Madeira, Cabo Verde, Açores, Guiné, Congo foram encaminhando a navegação para a travessia para além do Cabo da Boa Esperança, para as Indias, para as terras desconhecidas da America, para o Brasil.

Os portuguezes obedeceram em todos os seus primeiros emprehendimentos a um criterio militar. Tratavam de obter monopolios, de garantir a sua posse e seu commercio por meio de fortalezas, de concentrações militares, de organisações compulsorias.

Na China e no Japão faziam o commercio livre, mas o systema militar em toda a Africa, na India, na Persia, prejudicava os lucros das transacções, porque exigia um apparelhamento custoso e difficil.

Entretanto, Portugal, com o monopolio de navegação para o Oriente, ganhou muito com essa transplantação e a Lisboa affluia tudo o que havia na Asia e na Africa e que então a Europa não sabia produzir.

Portugal foi durante esse periodo de quasi um seculo o grande entreposto commercial do mundo. James Mill conta como no seculo XVI as riquezas do commercio maritimo de Portugal deslumbravam os inglezes. Sir Francis Drake tomou um dos navios lusos, no reinado de Elizabeth, e foi um successo em Londres. Ainda em 1593, Walter Raleigh se apoderou de um navio portuguez, e foi um espanto de admiração em toda a Inglaterra. Deslocava 1.600 tolenadas, conduzia 700 homens e 36 canhões. Foi o maior navio que até então se tinha visto na Inglaterra e ia carregado de especiarias, papoula, seda, pó de ouro, perola, porcellana, marfim, drogas, etc.

Portugal assumiu os encargos desse commercio official e por isso não espalhou por toda a população os seus beneficios, lucros e incumbencias.

2° — LISBOA, CENTRO DO MUNDO

Por isso mesmo Lisboa passou, entretanto, a ser o centro commercial do mundo. Do Oriente iam todas as especiarias que os proprios navios de guerra iam buscar, e

os commissarios da Hollanda e de outros paizes partiam para lá, afim de obter o que a sua clientela então exigia.

Os portuguezes não procuraram tirar proveito directo desse commercio; contentavam-se com a funcção de intermediarios.

Paul Leroy Beaulieu quiz ver nessa preoccupação o predominio da escola mercantilista. Os dirigentes de Portugal desejavam fazer de Lisboa o centro commercial do mundo, e assim não procuravam vender directamente.

Que todos fossem a Lisboa!

A verdade é que todos iam. Na era manuelina, Lisboa, na rua nova dos Mercadores e adjacencias, era o mercado central, o traço de união da Europa e do Oriente. Como os portuguezes não iam vender fora, como depositavam todas as mercadorias na sua capital, os commerciantes dos outros pontos da Europa affluiam todos para os grandes negocios. Os hollandezes nos seculos XVI e XVII enriqueceram com esse trafico.

Os portuguezes desprezavam então a cabotagem européa. Só queriam as grandes aventuras em alto mar. Amsterdam passou a ser o entreposto do que iam buscar a Lisboa, e dahi a sua rapida expansão. Depois, nasceu o desejo de concurrencia, a necessidade de communicações directas.

No fim do seculo, os negociantes de Londres tiveram igual cobiça e Amsterdam suggeriu aos outros povos do Norte e aos francezes iguaes aventuras pelo mar. Lisboa foi então a cidade cosmopolita do Occidente. Tudo o que a civilização do Oriente havia de mais lindo e refinado, de mais saboroso e aproveitavel, era transportado pelas náos lusitanas. Os mercadores se enriqueceram com o Estado, os aventureiros e a nobreza. O luxo era grande, a edificação sumptuosa e os costumes se modificavam ao contacto de novas utilidades levadas do Oriente. Portugal foi até as

ultimas decadas do seculo XVI todo poderoso no Oriente. De toda a industria da India, da China, do Japão, da Persia, era o unico intermediario.

Assim, quando se descobriu o Brasil, não houve logo a intenção de occupal-o e colonizal-o. Havia interesses mais altos no Oriente. A India era a grande tentação. A India era a riqueza. Mas lentamente, pela propria força das coisas, a colonisação se impuz.

Quando descobriram e occuparam o Brasil, os portuguezes já eram mestres na colonização moderna. Tudo dependia agora de adaptação, porque os grandes principios já estavam solidamente assentados e já tinham sido praticados com proveito.

3º — A COLONIZAÇÃO PORTUGUEZA

Os portuguezes já eram mestres em colonização moderna quando colonizaram o Brasil. Na Madeira e no Cabo Verde já se plantavam a canna de assucar com o auxilio do trabalho escravo. O negro já era o grande colaborador, era mesmo conduzido para a Metropole para ajudar a labuta agricola e urbana. Os heróes da expulsão e dominio dos arabes aprenderam com os vencidos a arte de ir buscar na costa da Africa os negros para a escravidão.

Era um trabalho penoso, mas lucrativo.

A canna de assucar dava lucros fabulosos. Era uma riqueza mais segura do que a do proprio commercio. Entretanto, o colono europeu não só não se adaptava facilmente á nova cultura, como não poderia sósinho abranger a toda a extensão de suas terras. Obter a multiplicação de seu esforço pelo aproveitamento do trabalho escravo era a solução.

Em toda a Europa ainda havia servos quando lusitanos começaram a expandir os seus dominios. Na Africa,

passavam a escravos os christãos vencidos e na peninsula os mouros e marroquinos, capturados nas conquistas de além mar e nas guerras de corso tinham sido tambem escravos.

A noção do poder de vencedor sobre o vencido era bem differente da de hoje e assim era natural, que vencendo as tribus da Costa d'Africa, os portuguezes, seguindo o exemplo dos arabes, quizessem fazer o trafico dos escravos.

Era um negocio lucrativo, deduzido das conquistas, das concepções da época e dos costumes africanos. Os negros eram escravos uns dos outros e naturalmente se sujeitavam á sua desgraça como uma fatalidade historica.

Os seus chefes tinham consciencia da humilhação politica que isso representava. Mas justamente porque havia essa noção havia disciplina. Os captivos vinham talvez com a esperança de uma represalia de seus patricios. Mas considerando-se prisioneiros de guerra, não se revoltavam sinão por excepção e eram pacificos e obedientes.

Nos meiados do seculo xv já se fazia o resgate entre os reis ou os negociantes arabes e os portuguezes. Os ensaios da exploração do trabalho negro na Madeira, nos Açores, em Cabo Verde e em S. Thomé já tinham dado bons resultados. Assim, estava indicado aos americanos o aproveitamento do systema.

As colonias eram poucas. As metropoles não tinham recursos de população para garantir o trabalho nas terras conquistadas.

Na Costa d'Africa as nações negras offereciam um excellente material humano, de accôrdo com as concepções do tempo e do meio. Os proprios regulos vencidos entregavam como indemnização de guerra multidões de antigos subditos.

O deslocamento do trafego dos escravos para a America foi, portanto, uma consequencia da situação anterior na Europa e na Africa.

4º — AS ESTAÇÕES DE EXPERIMENTAÇÃO E OS POSTOS ZOOTECHNICOS — A SELECÇÃO DE SEMENTES

As historias officiaes são muito falhas quanto aos primeiros estabelecimentos da America. As lendas de Caramurú e de Ramalho demonstram uma situação muito mais ampla quanto á installação dos europeus nos vinte primeiros annos depois de Cabral do que a que os livros consagrados descrevem.

Os piratas, os corsarios, os aventureiros abundavam, e as noticias das riquezas maravilhosas da nova terra accendiam todas as cobiças. O mundo parecia renovado e nos portos da Europa negociantes e scientistas se congregavam a aventureiros para a descoberta de mundos até então desconhecidos.

A esquadra de Pedro Alvares Cabral veio, segundo o proprio testemunho de Caminha, verificar o que seria possivel fazer das novas terras.

No reinado de D. Manuel pouco se fez. Vieram esquadras mais para descobrimentos e posse do que para colonização.

Os francezes, hepanhóes, inglezes e hollandezes andavam, porém, pelos mares e os primeiros principalmente já procuravam estabelecer commercio com os indigenas e extrahir madeiras.

A prova disso é que quando D. João III, que Oliveira Martins chamou com razão de rei colonizador, vendo os resultados da colonização das ilhas, quiz applicar os mesmos methodos ao Brasil, mandou para cá Christovão Jacques, a sua expedição andou mettendo a pique navios francezes e aprisionando as guarnições. Só em 1530 é que veio Martim Affonso de Souza.

Martim Affonso correu a costa, e a propria historia official conta que encontrou degredados e desertores. Os na-

vios, abandonando os condemnados e delles fugindo os que se sentiam maltratados nas suas passagens de corso e de commercio para as Indias, já tinham espalhado alguns colonos.

A primeira povoação brasileira official foi a de S. Vicente. Martim Affonso, graças á influencia de João Ramalho, obteve o apoio dos guayanezes e com estes e os 400 sentenciados que trouxeram, principiou a plantação da canna de assucar, e a creação de gado. Canna e gado tinham vindo da Madeira. Já era uma transplantação de colonização portugueza.

Madeira e as outras ilhas ficaram depois tão portuguezas, acompanharam de tal forma a evolução da metropole, que foram administrativamente annexadas e passaram a ser provincias como as do continente. Mas sob o ponto de vista da colonização em maior do Brasil serviram de "viveiro", de ponto de referencia e de experiencia.

O que dava bem na Madeira e nas outras ilhas era depois transportado para o Brasil. Homens, plantas, gado eram mais ou menos seleccionados nas ilhas e quando prosperavam eram então transplantados para o Brasil.

Madeira, Cabo Verde, S. Thomé, que tinham florescido com o assucar e a ecravidão, foram como que os postos zootechnicos, os jardins de acclimatação, as estações de experimentação, os campos de selecção de sementes da grande colonia do Brasil.

Houve asim uma sequencia logica, systematica. As luzes de renascimento e a secular experiencia e os ensinamentos doutrinarios dos arabes tinham esboçado na intelligencia e acção de D. João III e seus conselheiros as theorias que hoje presidem os trabalhos dos chamados Ministerios da Agricultura. A America *lusitana* e as *Terras Brasilicas* não eram só *couto e homizio;* foram tambem objecto de uma colonização systematica.

É' o que se conclue estudando a evolução da colonização portugueza das ilhas, e da Costa d'Africa para o continente americano. A formação do Brasil já foi dahi em diante perfeitamente consciente; e a administração portugueza aproveitou o que aprendera nas ilhas, na Costa d'Africa e na Asia longinqua.

5º — O REGIMEN FEUDAL

A evolução na colonização do Brasil foi sendo feita de accôrdo com os elementos da época e a experiencia anterior. Quando D. João III systematizou a colonização do Brasil, os portuguezes já tinham obtido largos resultados nas ilhas, que eram dos maiores fornecedores de assucar do mundo de então.

No Brasil, antes da colonização systematica, já havia assucar.

Pelo menos Brandenburger, citado pelo professor Humann Waltgen, assegura que os registros aduaneiros de Lisboa nos primeiros decennios do seculo XVI já haviam mencionado o assucar brasileiro, chegado de uma plantação de Pernambuco. No seculo XVI o assucar de Pernambuco e do Sul prosperou.

Já no começo do seculo XVIII havia no Brasil, segundo Waltgen, 120 engenhos com uma producção de 60.000 caixas de dez quintaes. O Governo portuguez, receiando o desenvolvimento da plantação que animara, estabeleceu direitos de 20 % sobre o assucar brasileiro, para garantir o que ia da Madeira, cuja cultura já não produzia o mesmo rendimento.

Assim, o que não resta duvida é que o Brasil já prosperava dentro dos limitados recursos de uma população tão pequena, quando começou a systematização da coloni-

zação official. O Brasil já ia sendo povoado pelos judeus, degredados e tendo sido declarado *couto* e *homizio*, todos os criminosos e todos que se sentiam ameaçados procuravam as novas terras.

A noção dos crimes não era, entretanto, igual á de hoje. O Estado era muito severo, e considerava criminosos todos que não acceitassem as suas concepções em materia de religião, sciencia, industria, arte, costumes.

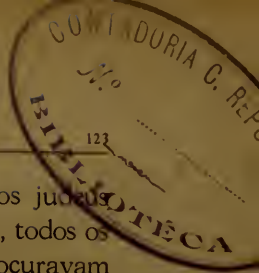
Hoje, idéas formam partidos, e cada individuo póde ter a religião que entender. Naquelle tempo não era assim. De modo que esse *couto* e *homizio* não tem a significação de hoje. Heresias, blasphemias, lesa-magestades, além das accusações sem base produzidas pela prepotencia dos dirigentes sem fiscalização, bastavam para atirar a pecha numa época tão differente da nossa.

Assim, muitos dos criminosos do seculo XVI não seriam absolutamente hoje.

E' preciso, portanto, não confundir. Não vinham sómente criminosos, mas, entre estes, a proporção dos que seriam hoje attingidos pelo Codigo Penal e pela honestidade e independencia dos tribunaes modernos era muito grande.

O regimen feudal trouxe, porém, ao lado desses elementos, o que havia de melhor na nobreza da Metropole. D. João III applicou ao Brasil o enfeudamento que já dera tão bons resultados nas ilhas atlanticas.

O territorio era immenso, a costa enorme. As 12 primeiras capitanias tiveram a vantagem de garantir a occupação e fomentar simultaneamente em diversos pontos o povoamento e a exploração industrial.

Nem todas as creações de 1530 prosperaram, mas quando ella, como as seguintes, serviram para trazer pessoas mais finas, fidalgos e relações de fidalgos. Os seus poderes eram amplos, tinham todos, menos o de cunhar moeda.

Eram soberanos feudaes e podiam fazer concessões das terras que recebiam ou das que conquistassem para o interior. A Corôa, porém, não abdicava de seu dominio eminente e exigia o tributo do decimo sobre todos os productos.

No primeiro periodo houve, naturalmente, liberdade, salvo para a cultura dos productos metropolitanos. A differenciação se impunha no Brasil como por toda a America. As ilhas atlanticas eram as estações de ensaio e os modelos.

6º — GOVERNO CENTRAL, E A CHEGADA DOS JESUITAS

Os primeiros ensaios do feudalismo crearam o que o regimen poderia produzir, fomentaram por toda a costa o progresso relativo, começaram a fazer as *entradas* para descobrir riquezas e apanhar indios.

A primeira impressão dos colonos, que sabiam que em terras novas precizavam de mão de obra barata, era de que no indigena estava um excellente material humano para a escravidão. Essa concepção não violava a mentalidade da época. Se entre os christãos da Europa ainda havia escravos, a ninguem repugnava então a servidão de povos estranhos submettidos pelos vendedores.

Os senhores das capitanias e os primeiros exploradores não deixaram de conservar as *entradas* para capturar o gentio. Isto creou um problema novo.

As tribus não se entendiam entre si; havia entre ellas velhos adversarios e a concorrencia era tremenda. Os piratas, os corsarios, os emissarios dos negociantes e de outros governos europeus trataram de aproveitar todas essas circumstancias, de incitar os indigenas contra os conquistadores e colonizadores luzitanos. A escravidão a que os arrastavam os portuguezes fez, naturalmente, nascer o odio ao invasor. Assim, os piratas e aventureiros tinham

mais facilidade em assentar allianças com os indios do que os nossos maiores. Os portuguezes iam tambem obtendo a cooperação de algumas tribus e as mulheres indias acceitavam a mancebia com os homens brancos.

Em muitas zonas essas ligações sexuaes traziam alliança politica; noutras, ao contrario, provocaram a guerra e accentuaram o odio de raça.

Os primeiros mestiços já se multiplicavam, quando Portugal começou a systematizar a colonização no Brasil. O feudalismo incipiente creava inimizades, lutas, embaraços, e foi então que o governo de Lisboa tratou de instituir o governador geral do Brasil. O Governador Geral, Thomé de Souza, trouxe elementos para desenvolver a colonia. Trouxe tambem os jesuitas.

Sabe-se que Nobrega veio com Thomé de Souza, como Anchieta com o segundo governador geral, Duarte da Costa.

A vinda dos jesuitas para a cathechese dos indios foi, sem duvida, um elemento de civilisação. Eram brancos, cultos, que vinham trazer outras e novas preoccupações. Os primeiros jesuitas acompanharam as *entradas*; mas depois, quando começaram a fundar os *aldeamentos*, mudaram naturalmente de tactica. O homem é por toda a parte o mesmo. As suas concepções politicas e sociaes representam os seus interesses. Ora, os jesuitas, tendo creado os primeiros aldeamentos, quando em missão se expandiram e enriqueceram, procuraram combater as colonias livres. Para annullar a concorrencia desses colonos, para evitar as entradas de caça aos indios para os outros, os jesuitas preferiram promover a libertação dos indigenas, a abolição de sua escravidão.

O regimen dos aldeamentos, das missões, era de escravidão, mas de escravidão para elles. O interesse dos jesuitas era dominar com os indigenas.

Emquanto o Governo central do Brasil tratava de sua defesa politica, as missões dos jesuitas procuravam obter nas missões o predominio que sempre almejaram. Os serviços dos jesuitas foram, sem duvida, grandes, mas é preciso reconhecer que ultimamente se tem exaggerado a sua influencia.

7º — O PAPEL E A INFLUENCIA DOS JESUITAS

O papel dos jesuitas foi notavel na formação da civilisação, mas a sua influencia tem sido ultimamente exagerada.

Os jesuitas fundaram collegios e depois, quando systematizaram a catechese, começaram a crear aldeamentos. Muitos indios foram educados, muitos mestiços surgiram dessas reuniões e missões. Os filhos dos colonos aprenderam tambem nos collegios dos padres; e assim sempre as missões contribuiram para a diffusão da instrucção que poderiam fornecer.

Muitos nucleos de população do interior não são mais do que a transformação das missões e dos aldeamentos. O que os jesuitas ensinaram até 1768 no interior subsiste nos rudimentos de lavoura e de creação que ainda hoje prevalecem. No Sul, em S. Paulo, expulsos pela concorrencia dos colonos, no centro, no extremo norte, os padres da Companhia de Jesus foram sem duvida os educadores do sertão. Tudo que pediam para a liberdade dos indios era, porém, para se tornarem curadores. A prohibição de bandeiras, a libertação theorica dos indios, dos quaes os jesuitas eram nomeados curadores, mostram apenas o prestigio dos discipulos de Santo Ignacio de Loyola na côrte de Portugal. As *bandeiras* continuaram contra a vontade dos jesuitas e dos delegados do rei, e só desappareceram quando, com mais disponibilidade de dinheiro, os colonos principiaram a preferir a servidão dos pretos,

mais submissos e mansos. Os jesuitas iam, assim, monopolizando a organização dos indios. Foram, portanto, os incorporadores em larga escala do elemento indigena na civilisação nascente, incorporação que os primeiros colonos tinham principiado sem a mesma amplidão e de uma fórma dispersa. No sertão, principalmente no Norte, parte da antiga população indigena foi, assim, fixada. Quando se verificou a expulsão dos padres, a dispersão foi grande, mas ainda assim ficaram numerosos nucleos que se misturaram com os colonos brancos e seus escravos negros, produzindo a sub-raça do Nordeste. Assim os jesuitas foram os incorporadores da parte do gentio e os educadores do sertão. Contribuiram para a formação da nacionalidade e souberam adaptar nos aldeamentos não só a canna de assucar e outras plantas exoticas e o gado das ilhas, como tambem as antigas culturas dos proprios indios, como a mandioca, as bananas, etc.

Os decretos de Pombal serviram para dispersar as missões, que se poderiam transformar num Estado no Estado e prejudicar a propria unidade do Brasil.

Assim os jesuitas cumpriram uma grande missão, e desappareceram quando já era necessario uniformizar a nacionalidade e não havia vantagem na conservação de suas missões. Ha na historia como que uma predestinação: factores que parecem produzidos por causas diversas influem para a solução commum. Pombal queria libertar o Estado da pressão dos jesuitas, até então toda poderosa e, eliminando esse factor de formação intellectual do Brasil, appressou a emancipação mental e a unificação da colonia.

8º — A INFLUENCIA DO NEGRO

O negro foi o braço auxiliador basico de uma nova estructura social. Os jesuitas, que tinham sido mercadores

de pretos na Africa, eram favoraveis á libertação dos indios para os escravisar a seu modo.

Os colonos livres tiveram, portanto, de recorrer aos pretos, cujo trabalho já tinha sido experimentado nas ilhas e na propriá metropole.

Os negros se espalharam pelo Brasil e pela America. A campanha do Grão-Pará centralisava o trafego. Depois a abolição foi necessaria. Mas não é possivel negar que a escravidão representou um grande papel social e foi um factor de formação e consolidação da nacionalidade. Os colonos eram pouco numerosos. Os pretos não poderiam, no estado de sua cultura, ser immigrantes livres. Só a escravidão garantiu o desenvolvimento das culturas tropicaes. Houve época em que chegavam ao Brasil 100.000 negros por anno, sendo de 20 a 40 % para o Rio de Janeiro.

Os registros da Angola de 1759 a 1803 marcaram a sahida de 642.000 negros.

No seculo XIX, a prohibição legal enfraqueceu o trafego, mas a propria importancia do deslocamento dos negros mostra como a sua transplantação foi fundamental para a creação do Brasil e de todos os outros paizes da America. A mortandade era tremenda. Se ainda no fim do seculo XIX, o celebre relatorio Haddock Lobo provou o alto grão da mortalidade entre os escravos, como seria nos seculos anteriores? Mas as fazendas, os engenhos e as estancias precisavam o braço escravo, sem o qual não teriam prosperado!

A cultura só poderia ser extensiva. Derrubavam-se florestas virgens para inaugurar as culturas transplantadas; mas todo esse trabalho exigiu braços numerosos. Todo o desbravamento do interior foi baseado no escravo, no negro que era o trabalhador. O branco era chefe, proprietario.

Não que o clima não permitisse o trabalho ao europeu, mas porque os poucos colonos não poderiam nem tentar

lavrar a terra virgem e precisavam de muitos auxiliares. Só a Africa os poderia fornecer, e só a Africa os forneceu.

Dahi a estructura social da sociedade colonial. Os brancos herdeiros dos donatarios e concessionarios das semarias, negociantes e funccionarios, monopolizaram as classes dirigentes; os negros e os seus descendentes, mestiços ou não, os descendentes de alguns formadores de aldeamentos, mestiços ou não, como escravos ou salariados, estes sem direitos de verdade, a não ser o de não ser passivel de venda e compra.

Essa formação social foi a causa do nosso rapido desenvolvimento em relação aos outros paizes da America Latina. O edificio social consolidou-se apoiado na escravidão; o equilibrio permaneceu seguro; mas a producção mais tarde não correspondeu á população, porque não se tratou de apparelhar pela instrucção os descendentes directos ou indirectos das raças que colaboraram na formação do paiz.

CAPITULO VII

O progresso economico e financeiro do Brasil no periodo de formação nacional

---

1º — AS PRIMEIRAS CULTURAS

S primeiras culturas foram então impostas pela propria differenciação dos climas e terras e pela differenciação do proteccionismo metropolitano.

Plantaram os primeiros colonos canna de assucar, fumo, algodão, amendoim, mandioca, gengibre, mas os grandes productos da Metropole foram expressamente prohibidos. A plantação da oliveira era um crime. A Companhia Geral do Commercio, instituida em março de 1649, monopolisou a farinha de trigo, o vinho, bacalhau e azeite, substituindo assim o antigo monopolio do Estado, pelo monopolio de uma sociedade particular.

Não foi somente uma questão de clima, foi tambem a protecção ás producções da Metropole que provocou aqui, como em toda a America, a preferencia pelas culturas novas.

A situação da colonia era, entretanto, excellente. Era excellente, porque vinham aqui buscar o que faltava na Europa.

Os mercadores nos seculos XVI e XVII armavam na Europa frotas para tentarem a conquista dos nossos preciosos artigos originaes. A riqueza da America nasceu dessa attracção pelo novo. Si os mais aventureiros vinham buscar ouro, pedras, fortunas maravilhosas, os mais modestos e seguros tratavam de plantar, criar e colher, de extrahir madeiras, sem desanimar da possibilidade de *El Dorado*.

No Brasil só no seculo XVIII o ouro appareceu em quantidade deslumbradora. Isto foi um bem. Emquanto nas outras colonias da America do Sul só se extrahia ou confiscava, emquanto no littoral do extremo do continente só o contrabando florescia, no Brasil se constituia uma sociedade solida, repousando na escravidão do negro, plantando o que era da terra e o que tinha vindo das ilhas atlanticas e da India longinqua.

Dahi a rapidez do nosso progresso. Os portuguezes fizeram das ilhas uma estação experimental para o Brasil, mas não ficaram ahi; trouxeram da India sementes de fructas e de outras plantas uteis, e assim tiveram mais intuição do que muitos dos nossos dirigentes contemporaneos.

A canna e o café vieram como innumeras arvores fructiferas e ornamentaes; o fumo, a mandioca, etc., aproveitados; e desse modo se foi fundando uma civilisação tropical com os elementos indigenas e com os que foram intelligentemente transplantados.

Assim se formou um trabalho differente, que havia naturalmente, de attrahir o commerciante europeu. A exportação do Brasil para a Metropole e para a Inglaterra durante o primeiro periodo livre e no regimen das prohibições foi sempre intensa e foi subindo de decennio a decennio.

O proteccionismo da metropole accentuando as condições naturaes serviu para nos enriquecer depressa. O nosso assucar, o nosso algodão, o nosso fumo, as nossas resinas e páos de tinturaria já eram indispensaveis ao consumo europeu nos dous primeiros seculos da formação nacional.

A agricultura prendia o homem á terra; nacionalisava-o. E o Brasil já existia como *patria* cincoenta annos depois de definitivamente occupado. O Brasil já era differente, pelas raças que reunia, pelo solo, pelo clima, pelas culturas. E ser differente é ser necessario, e a melhor garantia de prosperidade.

2º — A ILLUSÃO DO OURO E O SENTIMENTO NACIONAL

A illusão do ouro foi um elemento civilisador no Brasil. Muitas entradas e bandeiras se fizeram contando com o encontro facil dos metaes e pedras preciosas. Foi um bem. Assim rapidamente se espalharam os nucleos de povoamento pelo Brasil inteiro, e em pouco tempo, em poucos annos nos dous primeiros seculos sem ouro conseguimos construir um povo, com consciencia e sentimento. As procuras foram vãs; mas os resultados foram positivos.

O Brasil se formando, tratou somente por seu esforço de se fortificar e consolidar.

Nos seculos XVII e XVIII os sentimentos nacionaes eram vivos e fortes.

Francezes, inglezes e depois hollandezes, foram expulsos pelos brasileiros e portuguezes, misturados na mesma comprehensão de seus deveres.

D. João IV quiz acceitar a conquista hollandeza para obter vantagens na Europa e o reconhecimento de seus direitos; mas tudo isso foi inutil, por que brasileiros e portuguezes, habituados a não terem oppressão durante o

dominio dos Philippes, reagiram e sósinhos reconquistaram as terras momentanemente perdidas. A influencia dos hollandezes foi rapida, ephemera, porque a resistencia dos *senhores de engenho*, fundamento de uma verdadeira aristocracia territorial, a tudo resistiu e subjugou. Duas forças reaes intrinsecas contrabalançaram as quatro forças extrinsecas: aos piratas, aos delegados da Metropole, aos negociantes lusos do littoral e aos jesuitas se antepunham os *senhores de engenho* no Norte e os bandeirantes no Sul.

A guerra com os juizes do povo, a guerra dos mascates no Recife e dos emboabas em Minas são episodios do nascimento do mesmo sentimento nacional como a expulsão dos hollandezes e dos piratas e calvinistas francezes.

Aristoteles mostrou como as revoluções, os motins provocados por accidentes minimos, têm causas profundas; representam correntes que dominam ou influem mesmo quando são apparentemente vencidas. Quando ha suffocação immediata, mas sem conciliação, a lucta continúa e então os odios se concentram e a transformação social e politica será mais profunda.

Na época colonial, todas as revoltas e guerrilhas demonstravam o mesmo sentimento nacional das forças civis que se formavam e se enriqueciam na cultura da canna, do algodão, do fumo, na extracção de madeiras, na creação de gado. A Metropole tinha como os atacantes adventicios, a preoccupação de obter lucros; e os jesuitas tratavam de constituir um estado no estado. O anticlericalismo de Pombal foi um factor de rapida transformação social, porque apressou o que os proprios colonos teriam de realisar para uniformisar o caldeamento das raças collaboradoras e impedir a formação de nucleos differenciaes.

O Brasil já tinha consciencia de sua força. Os proprios piratas, vindo exigir caixas de assucar, provavam como as nossas culturas iam se fazendo necessarias. A riqueza era

grande, e o luxo dos senhores de engenho não foi menor no Norte, no seculo XVII do que dos contractadores de minas no seculo XVIII em Minas.

A prosperidade dos *senhores de engenho*, do *fazendeiro*, dos *bandeirantes* creou a aristocracia territorial, baseada na escravidão do negro. Tudo concorreu para enriquecimento dessa aristocracia que, não tendo ainda habitos regularisados, luxou de mais, importou artigos finos na Europa, e assim não consolidou definitivamente a riqueza. Mas assim mesmo já no fim do seculo XVI o Brasil tinha grandes fortunas e no seculo XVII o poder economico dos senhores de terra e dos negociantes e dos profissionaes do littoral estava consolidado. Essa consolidação trouxe a independencia pessoal, a altivez de caracter, a nobreza de propositos, e encaminhou, portanto, tudo para a emancipação politica. O povo brasileiro tinha uma *élite* de senhores de terra que, consciente de seu destino, tratava de educar e instruir os filhos nas escolas superiores da Europa para que pudessem ter tambem independencia intellectual.

A *élite* era amplamente independente, porque possuia a riqueza de terra e a educação intellectual.

3º — A UNIDADE NACIONAL

A unidade nacional se formou pelos factores communs da naturalização.

O absolutismo na Europa repercutiu de um modo favoravel no Brasil. Os reis queriam combater o feudalismo. A Metropole procurou assimilar as capitanias que tinha formado. O Estado foi encampando todos os feudos que restavam. Era uma obra de unificação que se realizava. No Sul, os paulistas tendo vencido os jezuitas, expandiam por todo o territorio as suas famosas *bandeiras*. O Brasil começava a ser povoado pelos proprios brasileiros. No Norte, o

esplendor das plantações de assucar creara a abastança, mas no sul a cobiça insatisfeita accendia o genio de aventura.

As bandeiras, com gente mestiça e brasileira, mostraram a força da raça que se tinha educado na lucta contra os jezuitas. Partindo do Tieté, os ousados desbravadores foram pelo sul ao Paraná, depois pelo norte a Minas, a Matto-Grosso, a todo interior do Brasil, attingindo tanto o Uruguay como o S. Francisco e o Tapajós. Era a conquista pela procura do indio a principio, e do ouro e das pedras preciosas depois. O Absolutismo esclarecido e centralizador de D. José I, guiado pelo genio de Pombal, apressou a unificação. Novas escolas foram fundadas. A construcção naval brasileira foi animada com premios. Os *directores*, em substituição dos jezuitas expulsos, crearam collegios que prosperaram e dispersaram os aldeamentos; os impostos sobre tabaco e sobre o assucar foram reduzidos.

O Brasil foi elevado a categoria de vice-reino, a administração centralizada, com a Capital mudada para o Rio de Janeiro, o Sul colonisado com a remessa de 20.000 açoreanos. Os ultimos privilegios das capitanias desappareceram. Não se póde, entretanto, dizer que não deixasse traços a antiga constituição dos nucleos coloniaes. Esses traços fizeram da federação o regimen natural do Brasil uno, unido, uniforme, mas não excessivamente centralizado. Mas as reformas de Pombal tiveram uma grande influencia para a consolidação definitiva da nacionalidade: as ultimas sobrevivencias do enfeudamento foram abolidas, o Tribunal de Relação creava interesses communs no Rio de Janeiro, cuja prosperidade augmentara. Pombal, depois do terremoto de Lisboa, pensou em transferir a Côrte para o Rio.

Desde o dominio hespanhol que o Rio de Janeiro passara a ser um centro commercial importante, caminho dos contrabandos que pelo sul iam ter ao Perú. Tudo progredia,

e as reformas de Pombal deram novo impulso ao Rio como centro do paiz. Pombal comprehendeu a necessidade de povoamento por um meio mais intelligente. O que no seculo XVI e XVII se tinha feito com os vegetaes e os animaes domesticos, elle fez principalmente com o homem: transplantou das ilhas atlanticas de experiencia os exemplares já acclimatados. O extremo sul, que até então fôra relativamente abandonado, povôa-se depressa. Crearam-se bancos commerciaes e os monopolios eram muito reduzidos. Assim, a situação economica e financeira melhorou muito e desappareceram perigos que poderiam mais tarde conter a expansão da raça portugueza na America. Começou a lucta no sul e se garantiu pela immigração das ilhas a segurança da conquista ethnica nas terras mais proximas dos grandes nucleos de transplantação hespanhola. O Brasil já tinha consciencia de sua força e de seu destino.

4º — A REALIDADE DO OURO

A descoberta do ouro em Minas deslocou a espontanea expansão agricola do paiz. Houve, naturalmente, immigração de outras capitanias, de todo o Brasil, da Metropole, da Europa inteira. Nas rios de Minas todos os aventureiros e audaciosos do mundo se deram então *rendez-vous*. A Europa inteira interessou-se pelo Brasil e si Potosi fôra celebre nos seculos passados Villa Rica foi notavel no seculo XVIII.

Os agricultores de S. Paulo e do Norte viam os seus escravos fugirem, não podiam resistir aos preços tentadores, e os dirigentes temeram o despovoamento das zonas cultivadas. Foi tudo em vão; as prohibições não serviram de nada. Minas attrahia os ousados de todo o mundo.

O nosso ouro era de facil apanha, andava pelos rios e areias. Humboldt disse que o Brasil forneceu a metade de todo o ouro da America.

O movimento para o interior, á procura de ouro, se accentuou. A Metropole enriqueceu com o quinto. O ouro maravilhava a imaginação; o *El Dorado* ha tres seculos esperado surgia afinal ! O contrabando fazia fortunas faceis, mas perigosas. O ouro era de alluvião, a producção foi decrescendo, e a Corôa teve de exigir uma tributação fixa, uma capitação por numero de escravos na lavra.

Mais tarde, ainda, com a decadencia da mineração, não se conformou a metropole, que attribuia tudo ao contrabando.

O ouro enriqueceu ao Brasil, serviu para povoar, condensar a população em Minas e na Bahia, que ficaram sendo as regiões mais povoadas do paiz e deu ao Rio um grande impulso, creando-lhe os elementos de uma cidade prospera para o seu tempo e para as contingencias coloniaes.

Com a decadencia da mineração houve, naturalmente, uma crise, hesitação de colonos, desgraças, bancarrotas; mas a população já estava fixada, e o café, a creação e o fumo foram aos poucos attrahindo a attenção daquelles que já não encontravam mais ouro e diamantes. A expansão do café datou dahi.

Minas Geraes conquistou outros elementos de riqueza. A sua aristocracia luxou, como a pernambucana no seculo XVII, e depois no seculo XIX começou a procurar na sobriedade dos costumes a estabilidade que não foi possivel deparar na pompa dos tempos do ouro.

A extracção do ouro contribuiu com a plantação da canna, do algodão, do fumo, do café, para a criação da riqueza e, portanto, para o ambiente de conforto e de cultura intellectual, que precipitou a independencia politica, consequencia da prosperidade economica e da emancipação intellectual. O café que fôra importado para o Norte em 1730, só no fim do seculo XVIII penetrou no Rio e Minas e só no começo do seculo XIX, em S. Paulo. Só então, com

a decadencia da mineração, tomou incremento a cultura do que havia de ser a grande riqueza do seculo XIX e começo do seculo XX.

5° — O ESPIRITO DE NACIONALIDADE E AS IDÉAS DE INDEPENDENCIA

No fim do seculo XVIII e no começo do seculo XIX a nacionalidade brasileira estava formada, e predominava o espirito portuguez. Era o povo brasileiro bem o portuguez da America. Outros elementos tinham caldeado a raça e as sub-raças que a serviam.

Aventureiros inglezes, francezes, hollandezes, scandinavos tinham se misturado com os dominadores. As occupações estrangeiras deixaram alguns traços. Nos tempos dos Philippes, encontravam-se hespanhoes, belgas e italianos nas tropas; e assim sangues diversos se confundiam, mas não impediam o predominio do portuguez. As raças auxiliares contribuiram para a formação da nacionalidade e os escravos e convertidos, as ligações sexuaes dos conquistadores com as mulheres indias e pretas, formaram os mamelucos e mulatos e os casamentos successivos e alternados de todos crearam as sub-raças, que não deixaram atravez dos bastardos de se infiltrar, em proporção differente, conforme a região, na *élite* territorial, nas profissões liberaes e intellectuaes. Parte dessa *élite* conservou, entretanto, a pureza do sangue portuguez, embora o proprio povo das ilhas e do continente da Metropole não tivesse ficado inteiramente indemne do contagio das raças auxiliares. O edificio social, como temos frisado, repousava na escravidão. A *élite* era branca, mas em algumas regiões através da bastardia e de casamentos desiguaes recebeu em muitas familias a influencia do sangue das raças auxiliares.

Dessas raças auxiliares formaram-se sub-raças, com caracteres instaveis numas zonas, com caracteres estaveis noutras.

Os filhos da *élite* enriquecida na cultura da canna, do fumo, do algodão, na extracção de madeiras, ouro e diamantes, na criação de gado e nos altos postos administrativos, os filhos dessa *élite*, educados em Portugal, na França e na Inglaterra, voltavam com todas as idéas liberaes do seculo XVIII e do principio do seculo XIX.

Expulsando os hollandezes contra a propria vontade da Metropole restaurada, revoltando-se com Bekman, no Maranhão, contra o monopolio, luctando em S. Paulo contra os jezuitas, fazendo a guerra dos mascates em Pernambuco e dos emboabas em Minas, combatendo os hespanhoes no sul e os francezes no Rio de Janeiro, os brasileiros já tinham mostrado o seu espirito de nacionalidade e as idéas da independencia.

O parlamentarismo inglez, a revolução franceza, a independencia norte americana enthusiasmavam os jovens brasileiros educados na Europa.

A metropole, ao par de toda a vehemencia da repressão ia cedendo ao povo á proporção que castigava alguns individuos.

A conjuração dos inconfidentes já foi mais consciente. O governo portuguez não se contentava com o tributo annual, queria 700 arrobas de ouro e a *derrama* fez o pagamento dos atrazados. Todas as revoluções representam o ideal de um grupo forte de cidadãos; ainda quando são apparentemente reprimidos com o maior vigor, ha uma conciliação politica. Assim os *revolucionarios vencedores* não executam tudo que pretendem, porque a obtenção da estabilidade carece de uma *conciliação* para acalmar os vencidos. Assim quando são vencidos ha da parte dos vencedores, para evitar nova revolução, concessões que

equivalem a uma conciliação. Quando o ideal é maior do que essa conciliação, o citado revolucionario *persiste;* e quando não ha concessões os proprios motins se succedem.

O governo portuguez mandou enforcar Tiradentes, indultou em banimento a pena de morte dos outros conjurados, um grupo de poetas suaves. Mas, si esmagou a sedição, não cobrou mais as 700 arrobas de ouro e desistiu do estanco de sol.

No fim do seculo XVIII e no principio do seculo XIX o ouro ainda produzia bastante, embora muito menos do que cincoenta annos atraz, o assucar era procurado, por causa das guerras na America e do augmento do gosto europeu por esse producto, o algodão do Norte era comprado pelo inglez, bem como o fumo, porque a revolução norte americana suspendera o trafego das antigas colonias inglezas com a Inglaterra.

Os procuradores e extractores de ouro se entregavam á cultura do café e do fumo e a alta do algodão reanimou a actividade no Maranhão e em outras regiões do Norte.

6° — A GRANDEZA TERRITORIAL

O que caracterizou as primeiras conquistas territoriaes no Brasil foi o lindo espirito de solidariedade. Havia ahi tambem como que uma predestinação. Póde dizer-se, que no seculo XVI já estavam delineadas as fronteiras do grande paiz, que havia de ser, como é, o maior do mundo.

Bryce, na sua viagem á America do Sul, não se conteve e disse diante do Amazonas; — que maravilhas fariam aqui os homens de Mississipi ! Muitos brasileiros se indignaram com essa phrase, mas em tudo é preciso não esquecer a equação pessoal. O Sr. James Bryce era inglez e se tornou

celebre estudando a civilisação norte-americana. É natural, portanto, que, vendo uma terra tão rica de possibilidades, se lembrasse, num momento de expansão poetica, da sua gente tão rica de energia creadora.

Mas o proprio publicista inglez reconheceu esta terra incomparavel pela sua grandeza e variedade.

O esforço que a nossa gente portugueza e brasileira desenvolveu para tomar conta desse territorio sem par é um dos feitos mais notaveis da historia e honra sobremaneira a nossa raça. Os portuguezes do tempo da colonização e os primeiros brasileiros eram como que predestinados — procuravam ampliar a terra conquistada.

Para alargar o dominio foi preciso dispersar a população. O povoamento intermittente foi, assim, a causa da nossa riqueza geographica e de nossa pobreza social. Os homens, dispersos, sem communicação directa, sem troca de productos, não progridem, e assim tivemos e temos nucleos de população que apenas guardam o patrimonio para os descendentes.

Foi melhor assim. De outra maneira o Brasil não poderia ter sido grande como é. Para conservar a herança o imperio teve de encontrar, na conservação da escravidão, um elemento de solidez para o apparelho social. Ha em toda a historia como que uma teleologia; tudo se conduz como se procurasse uma finalidade.

A dispersão das "entradas" e das "bandeiras" garantiu o maior patrimonio da terra e para conserval-a tivemos do governo a centralização de direcção e de trabalho. Sem esses elementos nunca teriamos conseguido a estabilidade, como Rosas não alcançou a restauração do Vice-Reinado do Prata.

O caso norte-americano é diverso. Os Estados Unidos, grandes como são hoje, são resultado da conquista, de absorpção, de compra, de expansão.

O Brasil, não. Desde os primeiros tempos da colonização ficou sendo virtualmente o que hoje é: — o maior paiz do mundo.

O maior paiz do mundo, que contém todas as possibilidades de riquezas e de progresso.

O Brasil é a maior reserva de materias primas do globo. E' um paiz que assenta num bloco de ferro e no seu immenso territorio ostenta uma area florestal sem possibilidade de confronto. Assim offerece todos os elementos para fornecer as utilidades que o homem necessita. A sua terra é fertil, tão fertil que muitos productos dão mais de uma colheita por anno.

No nosso immenso territorio ha todos os climas aproveitaveis, porque no planalto a altitude corrige a latitude. De modo que para todos os ramos de actividade humana apresenta o paiz condições naturaes incomparaveis. Mas justamente por ser a maior area occupada por um só paiz e governada por um só Estado, é que a sua situação é particularmente auspiciosa. Os nossos publicistas, os nossos escriptores, os nossos autores de compendios, todos os que se occupam de historia e geographia do Brasil, ainda não apanharam uma verdade clara, ainda não descobriram até agora que o Brasil é o maior paiz do mundo. Um paiz só póde ser considerado como tal quando é constituido por uma só *nação*, por uma só *nacionalidade*, com as mesmas aspirações nacionaes. Para esse effeito, povos subjugados, vassallos ou tributarios, não fazem parte do mesmo paiz. Assim a Russia era, politicamente, um *grande paiz* e está hoje dividida em varias republicas, que ainda tendem a outras subdivisões...

O maior paiz do mundo dentro dessa definição é o Brasil. O segundo os Estados Unidos. *Paiz*, no sentido de nacionalidade, é o territorio occupado sem solução de continuidade por uma só *nação*, com o mesmo *Estado*, as

mesmas aspirações, lingua, tradições, direitos. Das grandes collectividades da terra, só o Brasil e os Estados Unidos da America do Norte poderiam entrar em competição. Ora, hoje já é um ponto pacifico de que os Estados Unidos, não contando com o territorio de Alaska, que não é ligado ao seu, formam uma area sem solução de continuidade menor do que a do Brasil.

A Russia foi maior e póde voltar a ser. Mas será maior em virtude de conquistas militares, de compressão politica, militar e policial. A Siberia, não é Russia, o Caucaso, não é Russia, todos os paizes do Baltico não são Russia, a Ukrania não é Russia, Vladisvostock não é Siberia, e poderiamos ir deduzindo quasi indefinidamente o antigo territorio dos Tzares, tão diversas são as suas tradições, raças, ideaes, linguas, contingencias, nacionalidades...

Com a China dá-se a mesma cousa. Não ha chinez que se considere compatriota de mandchú, de um mongol, de um thebeteano, de um turkestano... E um mandchú, um mongol, um thebeteano, um turkestano não quer ser chinez,

Seria o mesmo que considerar *hespanhol* um *brasileiro* ou um *portuguez* nos tempos dos Philippes ou inglez um *sinn-feiners* e antes da guerra um tcheco austriaco e um alsaciano allemão... A China propriamente dita é a herdeira das grandes tradições, tem 1.501.000 milhas quadradas, apesar de sua formidavel população, cerca de 400.000.000 de habitantes... O que constitue o territorio de 4.287.000 milhas quadradas, maior do que o do Brasil, são a Mandchuria (360.000), Mongolia (1.076.000), Tibet (75.000), Turkestan (600.000), paizes vassallos, tributarios ou annexados.

A Mongolia é mesmo um paiz autonomo, sob o protectorado da China, e essa autonomia foi confirmada ainda recentemente pelo tratado de Kiakhta (1915). Assim, dentro da nossa definição, o Brasil é o maior paiz da terra.

Os Estados Unidos são o segundo. Reuniões artificiaes de terras e antigos Estados, forçados por vencedores de occasião, mesmo quando prevalecem por muito tempo, não formam caracteristicamente nacionalidades. Vimos, porém, que a antiga Russia já se desfez e que a China dos nossos compendios não é um paiz uniforme como o Brasil dos nossos mappas. Por isso, podemos proclamar com orgulho que o Brasil é o maior paiz da terra...

CAPITULO VII

Factores Economicos e Financeiros da Independencia

1º — A SITUAÇÃO GERAL

No fim do seculo XVIII e principio do seculo XIX as condições economicas favoreciam a eclosão dos sentimentos de independencia.

A carta de José Joaquim da Maia a Thomaz Jefferson define o estado da alma dos rapazes que estudavam e haviam de constituir a geração que iria fundar e consolidar o novo imperio.

A riqueza publica augmentava, apesar da crise da industria de mineração.

Vimos que a differenciação obrigatoria apressou o trabalho de emancipação da America e que a liberdade constituiu um meio favoravel. Não ha contradição entre esses dois factores. Os governos metropolitanos eram severos, exaggerados, violentos na repressão da producção de artigos do que a mãe patria produzia ou do que lhe servia de commercio. Mas em tudo mais deixava livres os colonos.

Si na extracção do ouro pela sua propria importancia havia precaução, para as outras industrias não havia a mesma severidade na repressão. Os colonos eram livres, comquanto que não prejudicassem ás industrias e ao commercio essenciaes da Metropole.

Ainda no começo do seculo XIX foram destruidos teares no Rio de Janeiro e no interior, porque só eram permittidos os que fabricassem tecidos para uso exclusivo dos escravos.

O regimen hespanhol foi muito mais severo. Tudo estava centralizado em Madrid, Sevilha e Cadiz. Os proprios vice-reis viviam presos á burocracia metropolitana. A colonização portugueza foi sempre mais suave; e os governadores tiveram sempre outra independencia. A intervenção do fisco não era tão extensiva e as prohibições mais limitadas. Mas o espirito do seculo XVIII no continente ainda era o do absolutismo centralizador. Sendo assim, quasi tudo dependia, sob certos aspectos administrativos, da Metropole.

As distancias nada valiam para as preoccupações absorventes do centro. No regimen portuguez, mais brando do que o hespanhol, a subordinação, antes da vinda de D. João VI, era muito ampla e pesada. As previsões, os passaportes, as isenções e baixas da tropa vinham de Lisboa.

O exaggero mercantilista produziu tambem muitas medidas que aos olhos distrahidos de muito historiador de hoje passa por tyrannia e oppressão. Si por um lado a Metropole prohibia a venda dos escravos para as minas com receio do despovoamento dos engenhos de S. Paulo, por outro vedava a construcção de estradas para que não fugissem dos districtos auriferos os que lá andavam á caça de ouro.

De quando em quando, as medidas mais prohibitivas cahiam em desuso. O proteccionismo mercantilista da

Metropole serviu para accentuar uma differenciação que a natureza favorecia. As grandes distancias tornavam, porém, impossivel a completa repressão do contrabando e das violações dos monopolios. Ainda em 1766 foi necessario á Metropole expellir os ourives, lapidarios e lavrantes como inimigos dos direitos reaes. Ainda em 1785 foi indispensavel renovar a prohibição e ordenar o fechamento das fabricas e manufacturas de ouro, prata, seda, linho e algodão, porque em Portugal havia estabelecimentos industriaes que seriam prejudicados pela concorrencia colonial. O proteccionismo agricola canalizou depressa as culturas que o proprio clima ajudava a differençar; mais tarde, porém, o monopolio industrial e commercial da Metropole irritou muito mais, porque a mentalidade já era outra na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil.

Não devemos amaldiçoar essa applicação violenta do mercantilismo, como é de estylo em todos os paizes americanos. Havia uma logica em todo o procedimento dos dirigentes e a nossa prosperidade foi assim muito pronunciada. Si começassemos concorrendo com a producção européa, não poderiamos ter progredido como progredimos.

As guerras na Europa permittiam o contrabando, as excursões dos corsarios e favoreciam até certo modo ao desenvolvimento commercial. As metropoles procuravam, entretanto, conter o mais possivel o commercio livre das colonias, mas os seus commerciantes, preoccupados com os lucros immediatos, conseguiam do governo muito mais rigor na importação do que na exportação, a não ser quanto ao ouro, á prata e ás pedras preciosas. Emquanto os principaes artigos de consumo eram monopolizados na importação e os productos manufacturados na Inglaterra vinham ao Brasil depois de passarem por Lisboa, a exportação se fazia mais livremente, e já exportavamos directamente para os portos inglezes. Lisboa perdeu assim a sua posição de

entreposto de productos coloniaes, e só usufruia das vantagens resultantes do regimen de monopolios, limitados aliás aos artigos de maior consumo.

2° — A CONSCIENCIA NACIONAL

No principio do seculo XIX, o mundo todo se agitava num dos periodos de transformação de todas as instituições sociaes. Resistindo embora, a Inglaterra, que fôra o exemplo juridico das revoluções para a liberdade, luctava para estabelecer o equilibrio e mânter a paz commercial.

As guerras no seculo XVIII e as lutas contra Napoleão tinham assegurado á Inglaterra a supremacia maritima. O embate contra o imperador dos francezes só serviu para engrandecer o seu poder ultramarino.

Portugal perdera a sua posição de grande potencia, e as utilidades e o ouro do Brasil tinham servido para a dissipação de um luxo acima de suas forças, sem que se tivesse procurado, como já não se tinha feito no seculo XVI com os productos do Oriente, garantir o commercio dos artigos tropicaes. Um povo de tres milhões de almas já tinha realizado a grande obra do povoamento do Brasil, cujo commercio, a não ser a parte obrigatoria por forçados monopolios, já ultrapassara ao da Metropole.

As guerras são uma autophagia. Si revigoram ás vezes a mentalidade dos povos, si são ás vezes, na phrase do Sr. Theodoro Roosevelt, *o tonico das raças*, só conseguem vantagens economicas quando abrem novas opportunidades á expansão das industrias e do commercio. Só grandes compensações restabelecem o equilibrio perdido pela destruição de capitanias. Na guerra, os soldados não produzem e são alimentados e subsidiados e usam de um material carissimo que não se reproduz.

Portugal teve de entrar em uma porção de guerras européas como auxiliar, para sustentar o seu prestigio, para conservar o imperio colonial; e a sua posição, como a da Hespanha, foi precaria.

No continente, os inimigos da Inglaterra venciam de quando em quando, mas no mar a esquadra ingleza ganhava cada vez nova fôrça e dominio. Ir para um lado, seria permittir a invasão do reino; ir para outro, seria perder a riqueza das colonias. Era, portanto, uma politica de contemporização que a situação exigia, e a contemporização enfraquece o animo e arruina a capacidade de resistencia e de lucta.

Assim, no começo do seculo XIX, emquanto as metropoles se empobreciam no desespero das guerras, as colonias prosperavam e só aproveitavam com a perturbação européa. Mas esse aproveitamento não era completo. As vantagens politicas traziam inconvenientes economicos. As vantagens politicas eram grandes; mais liberdade, menor numero aqui de funccionarios europeus, que se empregavam nas guerras, esquecimento da parte dos governos centraes, relaxamento geral e assim facilidades de infracções e contrabandos. Inconvenientes economicos: perturbações de algumas vendas para o exterior, encarecimento de artigos de importação, augmento de alguns impostos para subsidiar a dispendios metropolitanos.

No fim do seculo XVIII, as guerras na America do Norte deram um novo impulso ás lavouras de canna, de fumo, de algodão e pouco depois de café.

As revoluções que depois se succederam na America Hespanhola concentraram no Brasil os pedidos de productos tropicaes.

Toda essa prosperidade se accentuou pelo commercio directo com a Inglaterra. As luctas politicas na Europa suggeriram ao governo inglez aconselhar o principe regente de

Portugal para fugir para o Brasil. O principe e sua côrte recalcitraram a principio, mas depois concordaram.

Esse deslocamento teve grandes consequencias politicas, e economicas, mas não deixou de ter grave influencia nas finanças do paiz, até então prospero. A Côrte de Lisboa, si trouxe a independencia, si teve, pelas circumstancias, de abandonar, pelos principios de economia classica do Visconde de Cayrú, o mercantilismo colbertista de Pombal e assim contribuir para expansão commercial, si veio reunir novos elementos de nobreza, de funccionarios e da alta burguezia portugueza, desembarcou tambem com uma multidão de dignatarios e serviçaes que estavam habituados ás pensões e mercês do antigo regimen e necessitavam viver do erario.

A simplicidade da nova administração americana teve de ser alterada; e para os recemvindos e foram creando empregos que pesaram sobre as finanças publicas.

A prosperidade economica surgiu da maior intensidade de compras, e um impulso novo sacudiu todo o Brasil. O principe regente fugira de Portugal, e conhecia, portanto, que seriam difficeis as communicações com a antiga Metropole e que, portanto, a solução estava na abertura dos portos ás nações amigas e na liberdade commercial.

A Inglaterra suggeriu naturalmente essa solução que lhe iria beneficiar sem concorrencia no momento, e os conselheiros do principe regente não poderiam repudiar uma medida que era uma consequencia da propria fuga de Portugal.

Si o rei perdera o poder de fiscalização no reino europeu, como conservar o monopolio do commercio com uma região occupada pelo inimigo?

A transladação da Côrte para o Rio de Janeiro exigia, portanto, a abertura dos portos, e a àbolição dos monopolios de importação.

3º—ABOLIÇÃO DO REGIMEN COLONIAL

Os conselhos de Cayrú só poderiam ser de accôrdo com a escola classica. Mas o principe obedeceu tambem ás necessidades consequentes da situação especial de Portugal. Tanto que a carta regia de 28 de Janeiro de 1808 declara ao conde da Ponte que

«Attendendo a representação que fizeste subir á real presença sobre se achar interrompido e suspenso o commercio desta capitania, com grave prejuizo de meus vassalos e de minha real fazenda, em razão das criticas e publicas circumstancias da Europa e querendo dar sobre esse importante assumpto alguma providencia e capaz de melhorar o progresso de taes damnos, resolvo que: sejam admissiveis nas alfandegas do Brasil todos e quaesquer generos, fazendas e mercadorias, transportados ou em navios estrangeiros de potencias que se conservam em paz e harmonia com a minha real Corôa ou em navios de meus vassalos, pagando por entrada vinte e quatro por cento, a saber: vinte de direitos grossos e quatro de já estabelecido, regulando-se a cobrança dos direitos pelas pautas ou aforamentos, porque até ao presente se regulam cada uma das ditas alfandegas, ficando os vinhos, aguardente e azeites doces, que se denominam molhados, pagando o dobro dos direitos que até agora nellas satisfaziam.»

A carta regia accrescenta que

«Não só os seus vassalos mas tambem os subditos estrangeiros possam exportar, para os portos que bem lhes parecer, a beneficio do commercio e da agricultura, que tanto desejo promover todos e quaesquer generos e producções coloniaes, a excepção do pau Brasil e outras notoriamente estancadas, pagando nas sahidas os mesmos direitos já estabelecidos nas respectivas capitanias, ficando entretanto como em suspenso em sem vigor todas as leis, cartas regias ou outras ordens que até aqui prohibiam neste estado do Brasil o reciproco commercio e navegação entre os meus vassalos e estrangeiros.»

Estava extincto o regimen colonial. O que caracterisou esse regimen foram a differenciação forçada da producção e o monopolio do commercio pela Metropole.

Deixando a Metropole e chegando ao Brasil, o regente não poderia conservar monopolios, quando Portugal não estava em condições de alimental-os. O Brasil não era mais colonia. No regimen absolutista, onde estava o soberano estava a capital e assim, como já frizara Oliveira Martins, a colonia era então Portugal. A differenciação forçada da producção tinha sido util e já obtivera resultados definitivos. O monopolio do commercio fora sempre prejudicial, era uma extorsão em beneficio da Metropole e sua abolição foi um bem. De facto, em 1810, o Rio de Janeiro recebeu a visita de 420 navios estrangeiros contra 90 em 1807. Isto demonstrava os effeitos da liberdade dos portos. Transportando-se para o Rio de Janeiro, a Côrte já não poderia tentar sustentar pelo proteccionismo vehemente o entreposto commercial de Lisboa e as industrias da mãe patria. Por isso em 1 de abril, um pouco mais de um mez depois de sua chegada, o regente aboliu todas as prohibições e excepções que impediam ò desenvolvimento da industria manufactureira e outras. Todos os monopolios foram extinctos e só os de diamantes e pau Brasil foram conservados. Quando a 1 de maio publicou uma declaração de guerra á França o principe affirmou: "a Côrte levantará a sua voz do seio do novo imperio que vae fundar".

A appellação juridica para Portugal foi extincta; fundaram-se escolas para funccionarios e militares, constituiu-se o Banco do Brasil com o capital de 3 milhões de cruzados, divididos em 1.200 acções de um conto de réis cada uma. O regente chegou com mais de duzentos milhões de cruzados e com mais de 15 mil funccionarios e serviçaes, marquezes, condes, commendadores, desembargadores, conselheiros. Toda a Côrte era assim trasladada.

Si, por um lado, essa transplantação veio pesar no erario do Brasil, creando sinecuras e serviços sumptuosos e a politica alimentar que o estado colonial desconhecia, si veio trazer os *politicos profissionaes* e cortezãos, que encontraram imitadores e se tornaram parasitas até hoje, coisa que dantes não se conhecia na mesma proporção, por outro lado liberdade do commercio e da industria instituiu o *meio favoravel* e compensou todos os inconvenientes apontados. Começou-se de novo a tecer o algodão, a fabricar pequenos artefactos, a aproveitar as materias primas e as aptidões da mão de obra mais consentaneas com as opportunidades e os recursos. A riqueza publica augmentou e, si os impostos se desdobraram, as facilidades em comprar e vender deram um novo impulso ao commercio e á prosperidade geral.

4º — A EVOLUÇÃO POLITICA

A evolução politica da America foi rapida justamente porque o regimen politico se tornou livre e sem preconceitos.

No Brasil, no começo da colonização, a Metropole (o Estado, o rei) conservou o dominio eminente, a soberania, mas delegou poderes feudaes aos donatarios. Estes só tinham interesse em povoar depressa as suas capitanias e com os direitos de coito e homisio recolhiam os condemnados uns dos outros.

É costume dizer que isso implantou e obrigou a Metropole a intervir. É provavel, mas tambem esse direito garantiu a liberdade.

Na Europa, o Estado, com as idéas mercantilistas de um lado e com a oppressão tyrannica de outro, cerceava tanto quanto podia a actividade individual. Aqui, apesar dos monopolios e das prohibições de certas culturas e industrias, ainda sobrava um amplo campo de trabalho, livre

de peias; e ao demais, os que se tinham revoltado contra as leis ou tinham incorrido nos odios das autoridades encontravam garantias e liberdades. Não havia só a emancipação dos preconceitos e das perseguições da Metropole. Aqui, quem se sentia maltratado, quem era accusado de crime numa capitania, fugia para outra. A liberdade estava assegurada e a colonia só ganhou com isso.

Os donatarios eram senhores feudaes, cobravam os impostos, o proprio dizimo da Corôa. Depois, os capitães geraes e os governadores, emfim, os vice-reis, foram, em nome do Estado, encampando poderes, estabelecendo judicaturas, estendendo alçadas, instituindo tropas, e governando. A principio, entretanto, a liberdade dos donatarios e certos governadores era grande, acolhiam nos cargos e nas milicias gente da terra e o rei tinha sobre tudo isso uma especie de protectorado e por isso o grande Varnhagen dizia que Portugal começou reconhecendo a nossa propria independencia.

Das capitanias dispersas no Brasil-Reino, nunca se perdeu o sentimento local no grande e sincero patriotismo unificador; e isso contribuiu para rapida expansão de culturas e industrias, porque o rigor do regimen colonial soffreu as excepções obrigado pela distancia e pela impotencia da fiscalização official. O Brasil, como a America inteira, foi occupado, não pela escoria, mas pela *élite* dos aventureiros da Europa. Todos os ousados vieram para cá. Por isso, na historia primitiva tudo é brio, destemor, falta de preconceitos, coragem na ambição. Depois, dispersos em territorio vasto, longe uns dos outros, perdidos em nucleos distantes, misturados em parte com as raças auxiliares, essa audacia se enfraqueceu em muitas regiões e os descendentes preferiram o trabalho pacato, sujeitando-se á tyrannia do centro. É que os homens que não se communicam com os outros degeneram. Os heróes das *entradas* e das *ban-*

deiras estavam numa grande obra de communicação; iam expandindo a civilisação. Depois, isolados, perderam a audacia. Mas ficou em toda a descendencia o *instincto de grandeza*, que atravez de todas as difficuldades se manifesta e manifestará.

Na impressão que a propria gente humilde tem da riqueza sem par do paiz ha sem duvida algum exaggero; mas é preciso reconhecer que essa noção, por assim dizer instinctiva, é ancestral; provém de antigos sonhos que as realidades não desfizeram.

O ideal de grandeza, eclipsado numa ou noutra época, reage sempre; e assim, quando o principe regente, fugindo da Europa, chegou ao Brasil, na Bahia e no Rio de Janeiro todos comprehenderam que tinhamos vencido uma etapa importante para a independencia completa.

Depois dos Estados Unidos, fomos o primeiro paiz americano que se emancipou, porque desde 1808 que os negocios publicos deixaram de ser superintendidos de longe com o fim supremo de servir aos interesses metropolitanos.

D. João, morador no Brasil, tratou de intensificar a propria vida do paiz, com a preoccupação de fomentar o seu progresso, e sem mais a preoccupação de garantir as conveniencias da parte européa de seus dominios. A razão era evidente: é que elle morava aqui. Desde então não nos sujeitámos mais ao dominio de Portugal, mas como eram ainda portuguezes que mandavam e como a trasladação de parte da *élite* e da Côrte deslocou ou privou de logares muitos brasileiros natos, essa independencia economica, commercial e administrativa só fez despertar a consciencia nacional. A noção da differença de interesse entre o Brasil e a sua antiga Metropole evidenciou a necessidade da separação, para que não pudesse mais o novo povo americano ser dirigido de Lisboa, ou se subordinar a encargos ou con-

veniencias alheias aos de sua propria terra. Justamente porque deixara de ser colonia, o Brasil comprehendeu mais depressa o dever de não ter mais ligação com Portugal e de se separar para se tornar inteiramente independente.

5º — A PREDESTINAÇÃO DA UNIDADE

A historia é a memoria das collectividades e é pela historia que se fundam e consolidam as patrias.

A força do homem proveiu justamente de sua faculdade maravilhosa de se recordar. Assim perpetúa a civilisação por intermedio de epiphenomenos que os outros animaes desconhecem de todo ou conhecem vagamente.

Por isso, a especie avança, guardando e transmittindo impressões como si fosse um mesmo individuo.

O historiador não é um simples catalogador de factos. Não basta a erudição. "A erudição não é a historia, como muito bem diz o Sr. Hanotaux; não é o corpo nem a alma; é o esqueleto. A anatomia tambem não é a historia natural". O historiador vai, pela erudição, que é a sciencia da documentação historica, pela erudição directa ou indirecta, formar o quadro que precisa reviver. Ahi o historiador serve-se de sua documentação, de seu raciocinio e reflexão scientifica, para uma obra de arte e de politica; elle julga, discerne, coordena como sociologo, mas depois evoca e faz reviver, e para tal conseguir necessita que um ideal o anime e que possua capacidade artistica. Não basta ser erudito para ser historiador. O Sr. Rio Branco, por exemplo, foi erudito em diversas annotações, traducções e ephemerides, mas si não foi um historiador, si não deixou trabalhos de historia, si só deixou justamente trabalhos de erudição, em discursos de ministro e artigos de jornal, mostrou sempre que tinha a alma, o dom, o sentimento de verdadeiro historiador; elle via

o Brasil em conjuncto, desdobrando-se atravez das idades; tinha a emoção scientifica dessa evolução, a vibração esthetica de sua transformação e a comprehensão politica que a sua experiencia educava. Poucos trabalhos temos com esse triplo aspecto. Mas já temos alguns de valor. Agora, por occasião do Centenario, devem apparecer ensaios e obras novas.

A formação do Brasil é uma das maravilhas da historia. Mas, como toda a historia, a nossa estava predestinada pela geographia. O "mappa-mundi" mostra que, si havia no extremo occidental da Europa um povo de navegantes, esse povo acabaria por chegar ao Brasil. E chegou, aos poucos, por um desenvolver de explorações, pela continuidade dos descobrimentos, pela natural curiosidade do mar largo. O tratado de Tordesillas provou como o Brasil era presentido e havia de ser portuguez.

Um povo tão pequeno conquistou em poucos seculos um territorio immenso, o maior sem solução de continuidade que existe. Mas a propria occupação de terras tão extensas exigiu a formação de nucleos differentes e de governos diversos. A predestinação da unidade era, porém, patente. Mesmo quando não havia unidade de governos havia o sentimento de unidade brasileira.

Houve desde logo um nome commum. Todos os filhos do novo paiz se passaram a chamar brasileiros. Isto foi logo de grande significação para a fundação do imperio e da grande nacionalidade que hoje somos.

Um nome commum é um vinculo poderoso; e assim aproximou pelo sentimento nucleos tão distantes. O governo da Metropole, ora defendendo e ora unindo, contribuiu tambem para a unidade. E isto foi de grande influencia para o desenvolvimento do imperio. A vinda do principe regente consolidou de uma vez a unidade. As Côrtes parlamentares de Lisboa, com a sua ignorancia e incomprehensão dos acon-

tecimentos, procurou dividir, dividir mais do que os reis absolutos, do que os Philippes, dividir para enfraquecer, dominar e escravisar.

Não tivemos nos tempos coloniaes perfeita unidade de moeda, de administração e de erario. Mas todos os patriotas sentiam que era preciso accentuar a uniformização. Salvaguardar a unidade do Brasil foi a grande preoccupação patriotica de toda a resistencia do Senado da Camara do Rio de Janeiro na campanha contra a prepotencia do Congresso de Lisboa. A situação do erario era má — tanto mais quanto a Côrte no Rio defendendo todo o patrimonio nacional tinha que alimentar todas as despesas com a receita da Provincia do Rio de Janeiro e com raros e intermittentes subsidios das outras provincias. Assim, no Rio, todos os interesses coincidiam com a unidade do imperio e a independencia. D. João unificara de facto, de um modo definitivo e permanente, o Brasil, elevando-o á categoria de reino.

A "ficada" de D. Pedro I, como diziam então, a "ficada" confirmou a unidade na separação de Portugal.

6º — UNIFICAÇÃO FINANCEIRA

A separação financeira já perturbara e prejudicara o nosso desenvolvimento. Era preciso unir o mais possivel.

Sabe-se como no mundo inteiro foi difficil a unificação financeira. Só em momentos de esplendor as velhas soberanias conseguiram colher impostos de uma maneira permanente em todas as provincias e territorios.

Só a Inglaterra obteve em pouco tempo essa normalidade. No principio do seculo passado, os grandes paizes unificados já tinham estabelecido impostos em vez de tributo e contribuições de vassalagem para todos os seus territorios e rios. A França, a Inglaterra, os Estados Unidos

podiam perfeitamente servir de exemplo. Mas, assim mesmo, nesses paizes modelos, havia privilegios de zonas, de antigos ducados e condados.

Não era, portanto, para admirar que D. João VI, não pudesse ter unificado completamente a nossa "fiscalidade". A impressão, entretanto, que todos os patriotas tinham — como havemos de provar — é que a unificação do reino, sob o ponto de vista financeiro, seria a melhor garantia da independencia. Os manifestos do povo do Rio de Janeiro, escriptos por Frei Sampaio, os artigos de Gonçalves Ledo, de Hypolito e de Januario Barbosa, os creadores das nossas concepções de patriotismo e independencia, fallam constantemente da necessidade de um centro commum, de um só apparelho de administração.

Na Constituinte de 23, a idéa da Federação appareceu forte e ardente, mas no periodo de fundação do imperio, o que preoccupava era a unidade.

A *unidade* politica existia e só as Côrtes de Lisboa pretenderam revogar, não o conseguindo, diante da attitude do povo e do principe.

Mas si, nas luctas de 1822, era preciso quanto á *unidade* politica mais ou menos conservar o que o Congresso de Lisboa pretendia em vão destruir, era tambem mais opportuno construir sob outro ponto de vista. As condições do novo erario demonstravam a necessidade de uma centralização para fortalecer e fornecer recursos á lucta pela independencia.

As sobrevivencias eram grandes e só nos meados do imperio desappareceram as ultimas instituições financeiras e monetarias dos tempos coloniaes. Mas o movimento da independencia centralizado no Rio de Janeiro não esqueceu a importancia do factor financeiro. A carta de lei datada de 1° de outubro de 1821, determinou por ordem da Côrte Geral do Reino Unido que ficava "competindo á junta

provisoria do governo e das Provincias do Brasil toda a autoridade e jurisdicção, na parte civil, economica, administrativa e de policia, em conformidade das leis existentes, as quaes serão religiosamente observadas e de nenhum modo poderiam ser revogadas, alteradas, suspensas ou dispensadas pelas juntas do Governo".

O manifesto lido pelo presidente do Senado da Camara do Rio de Janeiro, a 2 de janeiro de 1822, não encobre o receio de um desmembramento pelo desejo de sacudir o jugo que as Côrtes de Lisboa queriam impor sem terem elementos para isso.

« Pernambuco, diz o manifesto, Pernambuco, guardando as materias primas da independencia que proclamou um dia, mallograda por prematura mas não extincta, quem duvida que a levantará de novo, se um laço proximo da união politica a não prender ? »

Fallando de Minas, diz o manifesto:

« Minas principiou por attribuir-se um poder deliberativo, que tem por fim examinar os decretos das Côrtes soberanas, e negar obediencia áquelles que julgar oppostos aos seus interesses; já deu accessos militares; trata de alterar a lei dos dizimos; tem entrado, segundo dizem, o projecto de cunhar moedas... E que mais faria uma provincia, que se tivesse proclamado independente ? »

De S. Paulo, diz o manifesto:

« S. Paulo, sobejamente manifestou os sentimentos livres, que possue nas politicas instrucções que dictou aos seus illustres Deputados... Ella alli corre a expressal-os mais positivamente pela voz de uma deputação, que é apressar em apresentar á V. A. R. uma representação igual á deste povo. »

Tratando do Rio Grande do Sul, accrescenta o manifesto:

« Rio Grande do Sul, vae significar a V. A. R. que vive possuido de sentimentos identicos, pelo protesto desse honrado cidadão que vedes incorporado a nós. »

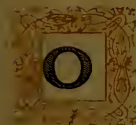
O manifesto reconhece que o fim de todas as leis da Côrte é "roubar ao Brasil o centro de sua unidade politica, unica garantia de sua liberdade e ventura". A independencia exigiu o centro de unidade politica e este precizava das contribuições de todas as Provincias, afim de ter elementos e recursos para cumprir a sua grande missão nacional.

A dispersão dos recursos gerava a crise e assim D. Pedro nomeou uma commissão para syndicar o estudo do Thesouro e dar parecer a respeito. O parecer é datado de 24 de Maio e assignado por Montenegro, Gama, Carneiro e Barbosa e José Antonio Lisboa assignou voto em separado.

A commissão reconhece que a maior parte das Provincias, não remette as sobras de suas rendas e que no movimento, entretanto, não parece util qualquer providencia; o que era necessario é aguardar governos mais seguros nessas providencias, esperando ver "radicada" a união das mais importantes. Esse parecer mostra a preoccupação de *unidade fiscal e financeira* e revela o estado do erario no momento em que o Brasil se ia separando de Portugal.

CAPITULO IX

Transformação economica e financeira

1º — DE POMBAL A CAYRÚ. DE COLBERT A ADAM SMITH

O HOMEM é por toda a parte submettido á influencia do meio. Tudo que vive é contingente; mas na adaptação para melhor é tambem, por toda a parte, movido por idéas, por doutrinas, pelo ideal. As forças intellectuaes, que dispensaram o progresso organico, trataram de crear novas attitudes, para melhorar as condições da especie.

A colonização foi feita no Brasil sob as idéas da escola mercantilista, e D. João e seus seguidores accentuaram bem as theorias da intervenção e direcção. Foi o nosso Colbert.

Pombal foi nos varios pontos de vista um Colbert, queria tudo regulamentar, e por isso o regimen colonial no fim do seculo XVIII foi, sob muitos pontos de vista, mais severo do que no seculo XVI.

Os chronistas ingenuos que não procuraram cotejar as doutrinas administrativas da Metropole com o movimento de idéas na Europa attribuiram tudo ao despotismo, que não teria razão de ser, porque todos os documentos fallam da necessidade de attender ao bem publico.

No fim do seculo XVIII e principio do seculo XIX os governadores e os governos do rei procuravam tudo determinar para proteger.

Comtudo o proteccionismo, esse prejudicava a uns, a maior parte, para enriquecer outros, mas o trabalho geral ficava assim preso e despersivo.

Em muitos pontos do paiz, como no Reconcavo bahiano, eram obrigados os lavradores a plantar quinhentas covas de mandioca para cada escravo de serviço que empregava e aos negociantes de escravatura a "cultivar quanto baste para o gasto de seus serviços".

Na Bahia, os lavradores só poderiam crear gado nas dez leguas de beira mar.

Para o estabelecimento de fabricas, alambiques, armações de pesca e engenhos de assucar eram necessarios "certos requisitos e formalidades dispendiosas". Não era direito cada um vender o seu producto onde desejasse, e sim onde o fisco determinasse. Para protejer o commercio estabelecido nos grandes portos, era prohibida a venda de productos a viajantes do commercio, a *commissarios volantes*.

Uma velha lei de 1773, ainda no começo do seculo XIX, exigia a ida a São Thomé para resolver certos litigios commerciaes ! Muitos rios não podiam por lei ser navegados por causa dos diamantes e ouro de suas areias !

Os tabacos da Bahia só poderiam sahir depois de 20 de janeiro, porque só assim os julgavam em boas condições! Não havia entrada para muitos portos por prohibição expressa. No fim do periodo colonial, os preconceitos contra

o trabalho braçal era tremendo. O desembargador João Rodrigues de Brito escrevia em 1807:

« A preoccupação nacional, que exclue dos empregos todo aquelle que por si, seus paes ou avós, tiver exercido arte mechanica, isto é, que tiver contribuido com o seu trabalho para a multiplicação das riquezas. Um escrivão da mais insignificante Camara não pode encostar-se na propriedade de seu officio, sem provar verdadeira ou falsamente a perpetua nação de seus braços e dos seus paes e avós. De sorte que os netos de Pedro, grande imperador da Russia, não poderiam entre nós conseguir os cargos de Estado por ter aquelle heroe manchado as suas mãos no Texel, pegando no enchó e no machado. »

A politica de intervenção determinara o juro minimo para os emprestimos. Ninguem, portanto, emprestava em acto publico sobre certos bens, porque o dinheiro era mais caro do que o que o juro official estabelecia. Os lavradores não tinham assim facilidade de obter dinheiro emprestado, e não podiam mais montar as suas explorações. Não havia registro de hypothecas que os garantisse. Leis de garantia excluiam os engenhos de penhora, o que prejudicava o direito de emprestimos, porque com esse privilegio de amortização os senhores de engenho poderiam protellar pagamentos. As seges e as bestas não poderiam ser penhoradas em muitas capitanias. Havia passagens de rios concedidos a pessoas e para atravessa-los era preciso pagar.

As leis de aposentadorias eram outra consequencia da politica intervencionista. Todos os representantes dos poderes publicos poderiam requisitar as casas que entendiam, e depois esse direito foi extendido por delegação, e assim para proteger carniceiros ou certos monopolistas, os governadores e capitães-mores reclamaram essa prerogativa, prejudicando os proprietarios e commerciantes livres. A lei dos indicios dava preferencia aos maiores credores e a

dos fallidos permittia aos que falliam ficar com 8 % da massa.

Não havia liberdade. A preoccupação proteccionista, querendo amparar alguns asphyxiava a maior parte. O mal não era só nosso, veio do regimen colonial. Era das idéas da época. Mas nas colonias a severidade era maior. Mostramos como nos primeiros tempos essa preoccupação mercantilista foi fecunda, obrigando e apressando a differenciação americana. A Inglaterra, entretanto, graças aos seus economistas, se tinha emancipado em pleno seculo XVIII do proteccionismo mercantilista; os Estados Unidos, depois da independencia, tinham acompanhado o movimento libertador da antiga Metropole e a França da revolução, ao impulso dos physiocratas, abolia os monopolios.

No periodo mais consciente da nossa formação, eram as idéas de Antonio Serra, Thomaz Mun e Antoine de Montchretien que predominavam. Pombal era todo Colbert. Mas depois sob a influencia dos physiocratas "Gournay, Condillac, Mirabeau, de la Rivière, Dupont de Nemours, Turgot" e ainda mais tarde com os principios da escola liberal com Adam Smith e João Baptista Say, as idéas foram mudando, applicadas por toda a parte. No Brasil ainda colonia, ellas repercutiam com vehemencia. Pombal, symbolo de ultimas idéas dos tempos coloniaes, estava embebido de Colbert. Toda a geração intellectual, que fez a nossa independencia economica e politica, estava cheia de Gournay, Adam Smith e Say.

A influencia de Adam Smith naquella geração é notavel. As suas idéas estão em José da Silva Lisboa (Visconde de Cayrú) no desembargador João Rodrigues de Brito (*Cartas Economicas Politicas sobre a agricultura e commercio da Bahia*) em Januario da Cunha Barbosa, em Gonçalves Ledo. Mais tarde em Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (*o Correio Brasiliense*

publicado em Londres de 1808 a 1821), nos irmãos Andrade, etc. O Conde de Linhares, ministro e conselheiro de D. João, era um enthusiasta das idéas de Adam Smith.

2º — A INFLUENCIA DOS ECONOMISTAS. A PARAPHRASE DE CAYRÚ

Frisamos nos capitulos anteriores as causas classicamente apontadas da abertura dos portos e da abolição do regimen colonial. E' preciso, porém, notar factor importante da nossa transformação politica e economica e que até agora não foi consignado.

A influencia dos economistas da transformação do Brasil, de 1808 a 1830, não foi registrada pelos nossos historiadores. Essa influencia foi grande. Certo, todos os compendios dizem que a abertura dos portos em 1808 foi devida aos conselhos de Cayrú. Cayrú é preciso, porém, que se diga, foi o primeiro economista brasileiro, tendo publicado os seus *Principios de Economia*, em os quaes espalhou, systematisou e desenvolveu as idéas de Gournay, Adam Smith e Say. Vicente de Gournay proclamou o celebre *Laisser faire, laisser passer*, preparando a revolução franceza, que foi uma consequencia de suas idéas de liberdade. O Dr. José da Silva Lisboa recommendava no fim do nosso regimen colonial: *deixai fazer, deixai passar, deixai vender.*

Os seus *Principios de Economia Politica* enthusiasmaram toda a *élite* brasileira de então e preparam o ambiente para a independencia. Tudo que D. João VI fez foi em grande parte inspirado nas intelligentes idéas espalhadas pelos discipulos brasileiros de Adam Smith e João Baptista Say.

Em 1807, o governador e capitão general da Bahia, Conde da Ponte, o mesmo que recebeu a carta régia da abertura dos portos, para a qual deveria ter muito influido,

apresentou quesitos ás "pessoas de interesse e illustração" sobre as condições economicas e agricolas da capitania e do paiz.

Em todas as respostas que constam do livro publicado em 1821 em Lisboa, na Imprensa Nacional, por L. A. Benevides, ha provas da influencia dos grandes economistas europeos e de José da Silva Lisboa.

Verifica-se então que a abertura dos portos, a abolição dos monopolios, a livre circulação entre as diversas capitanias que até então não existia, a liberdade de industria não foram sómente necessidades provenientes da trasladação da Côrte para o Brasil como tambem applicação da escola liberal que dominara os espiritos dos intellectuaes e altos funccionarios.

A creação pelo governo de D. João de uma cadeira de Economia Politica no Rio de Janeiro e a nomeação para occupal-a do Dr. José da Silva Lisboa dão uma prova de que o estudo da sciencia economica despertava a attenção dos dirigentes. O desembargador João Rodrigues de Brito, na sua resposta aos quesitos do governador, recommenda o estudo da economia politica.

E escreve:

« ainda não se viu um economista que fosse mau cidadão, diz o grande Say no prefacio de seu insigne tratado. »

E' ao estudo da economia politica, accrescenta:

« é a elle principalmente que a Grã Bretanha deve a moralidade de seus concidadãos, e a integridade e promptidão que se notam na administração de sua justiça, a qual, fazendo inviolaveis os contractos e direitos de propriedade, consolidou o credito geral de seus habitantes, o governo, elevando-a ao ponto de pasmar o Universo com o brilho de sua opulencia reconhecida pelos seus proprios inimigos. (J. B. Say). Fazei que o tratado desse grande homem seja lido com attenção segura

ao menos pela centesima parte de nossos compatriotas e eu vos asseguro que a amada patria subirá logo a um grau superior de prosperidade; porque a natureza nos é mais propicia que aos inglezes, e não estamos acabrunhados com uma divida enorme! »

D. João veiu de encontro a essas necessidades, — porque tudo contribuia para isso, além do tratado secreto de Londres, de outubro de 1807, que garantiu a trasladação da Côrte de Portugal para o Brasil, em troca da abertura dos portos deste ou da creação de zonas francas.

3º — NOVAS DOUTRINAS E NOVA POLITICA

As idéas dos economistas coincidiram assim com as proprias necessidades da politica. O soberano teve de se submetter ás novas contingencias. De facto, nos primeiros tempos, não havia mais Portugal, e portanto a manutenção de seus privilegios era impossivel. Todos esses privilegios desappareceram. Era a victoria dos principios da economia que agora chamamos classica. E' preciso, porém, não esquecer que assim como no antigo regimen havia muitas liberdades no meio do despotismo economico e commercial, no novo sobreexistiam ou se creavam algumas oppressões.

O Brasil prosperava com as novas liberdades. Os Estados Unidos tinham então pouco mais de 5 milhões de habitantes. O Brasil, nos ultimos tempos da colonia, em 1789 possuia 2.300.000 habitantes, sendo 800.000 brancos brasileiros e europeus e 1.500.000 negros livres e escravos. A população escrava era muito maior do que a livre e nas duas classes mestiças, mulatos, mamelucos, Balbi, citado por Oliveira Martins, calculou em 1816 a população do Brasil em 3.617.900 almas, sendo: 843.000 brasileiros e europeus, 426.000 mestiços livres, 202.000 mestiços

escravos, 159.500 negros livres, e 1.828.000 escravos negros, e 259.400 indigenas. Pela côr, a população era dividida em 834.000 brancos, 1.887.500 pretos e 628.000 mestiços.

Nesse numero não estão incluidas, é claro, as populações e aborignes selvagens. Só estão os indios assimilados e incorporados á civilisação, fundada pelos colonizadores. A Inglaterra e o paiz de Galles tinham então 10 milhões de habitantes, a Escossia 1.805.000, a Irlanda 6.000.

Isto prova como o Brasil já era, naquelle tempo, um elemento demographico importante. O seu progresso que espantara setenta annos antes um espirito observador como o de Adam Smith era confirmado por todos os indices.

Si a extracção do ouro desorganisara o trabalho de algumas regiões, em outras a actividade tomara novo impulso e a vida recomeçara com maior actividade. A carta de lei de 12 de outubro de 1808 creou no Rio de Janeiro um banco de emissão, deposito e descontos com o capital nominal de 1.200:000$, dividido em 1.200 acções de 1.000$ cada uma. A subscripção do capital foi official. Só em 1809 a sua decima parte foi realisada, sendo installado com 120:000$000.

Estabeleceram-se duas caixas filiaes, uma na Bahia e outra em S. Paulo.

Os orçamentos publicos não tinham, porém, a segurança necessaria para manter o equilibrio, e o Banco não funccionou com a devida prudencia.

Em 1812 o seu capital ainda era de 126:000$ e para que os accionistas não tivessem prejuizos foram creados impostos para sua garantia.

Esses impostos e as entradas do Thesouro elevaram o capital a 3.000:000$000.

Assim as tendencias liberaes se manifestaram na creação do Banco; mas o seu insuccesso fez com que os dirigentes recorressem ás idéas de protecção. As emissões

foram subindo, para attender aos commerciantes relacionados e aos governos em apuros, e assim em 1829, depois da independencia, com uma circulação de 21.574:920$, um fundo relativo de 1.315:439$ e uma carteira de 3.702:730$ foi considerado fallido, tendo por lei de 23 de setembro de 1829 entrado em liquidação e começou o governo a se responsabilisar por suas notas, cujo curso forçado decretou e em cujo resgate principiou a se empenhar. Cahiu assim a primeira tentativa de um banco de emissão.

A nova politica deu grande desenvolvimento ao commercio externo, que de 22.000:000$ antes de 1808, subiu a 80.000:000$ em 1812, 148.214:000$ em 1880!

A divisão da população pelas Provincias era mais ou menos a seguinte: nos principios do seculo XIX: Rio de Janeiro, 570.000; Bahia, 850.000; Pernambuco, 550.000; Minas, 480.000; S. Paulo, 253.000; Rio Grande do Sul, 90.000; Matto Grosso, 60.000; Ceará, 150:000; Rio Grande do Norte, 23.000; Maranhão, 180.000, e Pará, 260.000.

Vê-se como a evolução foi modificando essa relação. A principio, no Norte, se concentrava a maior parte da população escrava para o cultivo da canna e do algodão; depois houve o deslocamento pela attracção da descoberta do ouro e das pedras preciosas e pela facilidade da cultura no centro e da creação no Sul. As rendas publicas ainda não attingiam a seis mil contos por anno, e as necessidades da Côrte e de todos os seus parasitas só faziam crescer. A opposição surgiu então por toda a parte. A elevação do Brasil á categoria de Reino Unido ao de Portugal e Algarves (16 de dezembro de 1815) já encontrou a maior parte da *élite* desencantada e desejosa de uma evolução mais rapida. O Brasil não poderia voltar ao estado de colonia e o Rio não poderia perder a sua supremacia. A creação da imprensa, de cursos, de escolas, de academias e centros de sciencias e artes, desenvolvera o gosto pelas coisas publicas, e a opinião

publica, que já existia nos grandes nucleos de população, conheceu a sua força e começou a se impor por meio dos jornaes e dos pamphletos.

4º — DIVISÃO DE INTERESSES

Deu-se então a divisão de interesse, a qual se accentuou com a revolução liberal portugueza de 1820. Em Portugal, alguns obstinados aborrecidos com a trasladação da Côrte para o Brasil, pensavam na recolonização, na humilhação do novo reino; quasi todos queriam a volta da supremacia do governo de Lisboa sobre o do Rio de Janeiro. No Brasil, os portuguezes desejavam ou recolonização ou a manutenção da união sem a supremacia do Brasil e os brasileiros não admittiam a alteração do *stato-quo* sinão no sentido de uma supremacia mais accentuada do governo do Brasil ou de uma separação de poderes, embora alguns ainda acceitassem a conservação de uma união precaria. Essa distincção existia, na generalidade, mas não de um modo absoluto. Muitos brasileiros natos defenderam a these da união, ao lado dos portuguezes, muitos dos brasileiros que depois diante da intransigencia das Côrtes de Lisboa e da evolução dos acontecimentos tomaram parte importante na proclamação da independencia, e muitos portuguezes natos se incorporaram com vehemencia ao partido da união com separação de poderes ou da separação completa.

Um documento interessante é a *Memoria constitucional e politica sobre o estado presente de Portugal e do Brasil dirigida a El-Rey Nosso Senhor e offerecida a S. A. o Principe Real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e regente do Brasil, por José Antonio de Miranda,* fidalgo cavalleiro da Casa de Sua Magestade e Ouvidor eleito do Rio Grande do Sul. Essa memoria foi impressa na Typographia Regia em 1821, com licença de S. A. R.

Trata-se do ponto de vista portuguez e por isso mesmo a memoria agradou muito ao principe regente, que manifestou desejos de a ver publicada.

E' uma memoria pela união e traz conceitos que os brasileiros da época não approvavam e que já não poderiam merecer fé. Mas convem aproveitar o que nella ha de confronto entre o Brasil e Portugal, embora as sympathias do autor pelo ultimo reino o torne suspeito. O que vale no caso é um documento authentico de 1821, que falla dos dois paizes.

«Portugal (accresce a memoria), o grande Portugal deve lembrar-se que deveu a sua riqueza e opulencia a sua marinha de outro tempo, que a fama se occupava então de cantar os seus gloriosos feitos, praticados no Oriente, onde floresciam o seu commercio; que nos devemos espantar do numero e rapidez de suas victorias e que a intrepidez daquelles homens, que Affonso d'Albuquerque commandava, tem todo o direito a nossa admiração. Não tinha Portugal mais de quarenta mil soldados; e só estes faziam temer o imperio de Marrocos, todos os Arabes, e todo o Oriente desde a Ilha de Ormuz até a China, mostrandose por toda parte mais do que homens.»

Accrescenta Miranda:

« Portugal, imperceptivel na Europa por sua posição, limitada população e territorio, foi o primeiro povo que respeitou a existencia das terras desconhecidas, cujas descobertas realisou com passos de gigante. Pelo heroismo de seu valor e virtude encheu de espanto e admiração as nações da Asia e Africa.

Portugal, desconhecido na Europa, tornou-se um colono na Asia. Muitos illustres portuguezes Albuquerque, Vasco da Gama, Ataide e Castro, desenvolveram talentos e virtudes dignas de comparação com tudo quanto a historia nos apresenta de grande e recommendavel. Seus nobres feitos, se não fossem attestados pela verdade da historia, todo o mundo os teria por maravilhas da fabula dos tempos heroicos.»

O autor acha que um paiz que figurou tanto, quando era bem dirigido, poderia então se levantar. Por isso não

concordava com o conceito de que o Brasil *abandonasse* Portugal. Essa expressão é significativa e prova a supremacia completa adquirida pela antiga colonia. Do antigo poder portuguez só restavam as possessões seguintes: na Asia, Damão, Macau, Diu e Gôa; na Africa Oriental, Moçambique; na Africa Occidental, algumas feitorias e governos na Costa de Guiné, ilhas de Cabo Verde e Madeira.

As guerras napoleonicas tinham empobrecido Portugal:

« A agricultura (diz a memoria, citada, de um portuguez patriota) existe hoje em um tal abatimento e decadencia, e a classe dos agricultores a mais interessante do Estado, quasi de toda arruinada.

Os mais pingues terrenos do Alemtejo, que deviam e podiam produzir muito trigo, muito milho e muita bolota, que é grande e importante ramo de industria e riqueza daquelle paiz, existem cobertos de mattos estereis e inuteis.

Esta provincia, que devia ser occupada por povos agricultores não é hoje senão possuida por povos pastores. Portugal no fim da guerra passada quasi que não tinha nenhum arado, nem um carro, nem uma junta de bois, e si a guerra dentro do paiz durasse mais um anno, os exercitos já não se poderiam conservar senão sobre as costas do mar ou sobre as margens do Tejo e Douro, pois que já não teriam um unico transporte para adiantarem as suas operações, tão arruinada e destruida se achava a classe dos lavradores, no fim da guerra! »

E accrescenta a mesma memoria:

« Com a paz deviam curar-se as feridas, animar-se a agricultura, promover-se a industria nacional, augmentando os seus capitaes e removendo e destruindo os obstaculos que a entorpeciam dando baixa ou pelo menos licenciando sem limite de tempo a todo ou qualquer exercito, tirando do seu abatimento as fabricas arruinadas, ou quasi de todo destruidas; melhorando o ruinoso systema de commercio e augmentando a população quasi redusida. »

Portugal, que exportara trigo, passou a importar. A pouca agricultura que restava, diz a *Memoria*, foi

> «entorpecida pela grande abundancia de grãos que todos estes trez ou quatro annos proximos preteritos tem entrado em Portugal, tanto por mar como por terra. E o mal chegou a tal excesso, que eu mesmo vi, em 1819, conduzir para Estremadura e Evora farinhas vindas de Philadelphia, e pães do Mediterraneo, ao mesmo tempo que na Provincia de Alemtejo havia grande abundancia de grãos, que os celeiros estavam cheios.»

O imposto de $080 sobre cada alqueire de grão, lançado pelos governadores de Portugal, não produziu nenhum resultado.

> «O commercio seguiu a mesma sorte da agricultura. Elle tocou quasi a meta de um perfeito anniquilamento, de forma que os capitalistas, uns tem quebrado e outros tem guardado os seus capitaes, deixando apodrecer antes nos portos e navios, que exporem-se a maiores e indispensaveis riscos e perder. Pela abertura dos portos da America a todas as nações do mundo, Lisboa deixou de ser o imperio das mercadorias do Brasil, e por isso os estrangeiros abandonaram o porto de Lisboa a novo rumo da America.»

O systema ou tratado de commercio de 1810 com a Inglaterra foi todo a favor daquella especuladora nação Ella nos illudiu, ou antes nossos ministros deixaram-se inglezmente illudir, com o termo da reciprocidade:

> «Como si fosse possivel haver reciprocidade entre duas nações, das quaes uma tem pouco ou nenhum commercio e marinha, e a outra tem mais marinha e commercio que todo o mundo!»

Assim o systema mercantil de monopolio creara uma riqueza que cahira com elle. A industria e o commercio de Portugal, sustentados pelo proteccionismo, ruiram com a liberdade.

«As fabricas (escreve a *Memoria* que vamos citando) não podiam prosperar, quando a agricultura e o commercio em uma total decadencia. Com uma guerra assoladora, com um governo fraco e uma administração viciosa, quasi todas ou foram absolutamente destruidas ou arruinadas. As de pannos de Portalegre fecharam-se, e os fabricantes foram para Madrid. As do Redondo, da Covilhã, de Leiria e outras mais do Reino estão gritando pela solicitude e actividade do governo.»

Já naquelle tempo a *Memoria* accusava a Universidade de Coimbra de não ter estudos de agricultura, de geographia, de economia politica, de estatistica de linguas vivas, "estudos hoje mais necessarios com as luzes do tempo e progressos do espirito humano".

O autor da *Memoria* é portuguez patriota e pede para Portugal. Mas os dados que cita são significativos e por isso merecem ser reproduzidos. Fallando do Brasil, diz o autor da *Memoria*:

«O Brasil é um paiz immenso, basta dizer que a sua costa é com pouca differença de extensão de 1.250 leguas, e para o interior ainda os seus limites não são exactamente conhecidos. O seu clima (diz Raynol) é são, tem portos excellentes. O interior do paiz é muito productivo. As costas geralmente fallando são ferteis. As producções que são particulares do Brasil prosperam todas. Nada falta alli para fazer um dos mais bellos estabelecimentos do globo. A sua extensão (refere Dupradt) tem de comprimento 520 leguas e de largura 340 ou 176.800 leguas quadradas, espaço muito maior que o que occupa Hespanha, Portugal, França, Belgica, Hollanda e Inglaterra. Pela sua extensão e riqueza podia ser a mais florescente colonia ou antes o mais opulento imperio do mundo. O ouro, os diamantes, nascem em seu sólo. As mais ricas e communs producções prosperam admiravelmente. A cochonilha, a canna de assucar, o anil, o algodão, o milho e outras innumeras producções nascem por toda a parte. E si este paiz, que tem poucos cultivadores, e onde as margens dos rios são navegaveis estão ainda cobertas de mattas virgens, é tão rico, que será quando tiver uma população proporcionada á sua grande extensão e fecundidade?

Todavia, a sua actual população é ainda bem insignificante, pois não excede de trez milhões e oitocentas mil almas, entrando neste

calculo brancos, negros, mulatos e todas as mais castas de gente. Este é o calculo de Humboldt, Mawe e Dupradt, o qual bem que não determina o numero positivo dos brancos, podemos affirmar talvez que não exceda a um milhão. Raynol dá a todo o Brasil 176.028 brancos, 347.858 escravos e 278.349 indios, cujas capitanias todas, a mais povoada é a da Bahia, a qual dá 40.000 brancos, 68.000 escravos e 50.000 indios. Este calculo, porém, de Raynol não tem exactidão alguma, por ser relativo ao tempo em que elle escreve, e o de Dupradt é, sem duvida, senão vedadeiro, ao menos proximo á verdade, pois pelo calculo de Raynol vinha a ter todo o Brasil 802.235 almas, o que é impossivel. »

A *Memoria* pede que o principe não abandone Portugal. Por esse confronto feito na época, por um portuguez domiciliado no Brasil, mas portuguez patriota, portanto portuguez e não brasileiro, mostra, apezar do ponto de vista lusitanophilo do autor, a differença que havia em população, riqueza, producção, commercio entre Portugal e Brasil. O Brasil era mais rico e poderoso do que a antiga Metropole quando D. João VI se foi, deixando aqui D. Pedro como regente.

CAPITULO X

Evolução economica e financeira — As finanças da independencia

---

1º — AS ETAPAS DA EVOLUÇÃO

O PROGRESSO economico do Brasil seguiu, naturalmente, as condições geraes da formação da nacionalidade, do regimen de trabalho, da cultura da *élite* e das raças e sub-raças auxiliares e do momento historico. A metropole, representando o Estado, teve sempre monopolios, mas a principio os donatarios receberam direitos feudaes, que depois foram sendo encampados. Nos primeiros tempos e sob o dominio hespanhol gosamos de relativa liberdade no meio de uma porção de prohibições.

No seculo XVII os monopolios e as prohibições foram se accentuando, e isso contribuiu para os movimentos de revolta e de independencia. Pombal foi, quanto á navegação e ao entreposto dos portos portuguezes, o mais rigoroso intervencionista. Depois o desenvolvimento natural da

colonia encontrou embaraços. O que a principio foi beneficio, depois passou a ser obstaculo.

A differenciação estava feita, exigia agora mais liberdade.

A prosperidade economica depende, entretanto, das condições financeiras, como estas daquella. A historia da civilisação está cheia de crises e ruinas dos melhores regimens financeiros, mas está tambem cheia de cataclysmas sociaes resultantes de erros financeiros. O dever primordial do Estado *é tornar o meio favoravel.* Ora, esse meio só se pode tornar favoravel pela excellencia e pela opportunidade do regimen financeiro. Quando as relações entre um grupo de individuos se desenvolvem e se complicam e quando precisam de intercambio com outros grupos, os negocios não ganham a elasticidade necessaria si não têm como instrumento de troca uma mercadoria padrão. Essa mercadoria padrão é o *dinheiro* (o ouro e a prata).

Moedas subsidiarias, papel de curso forçado, notas de banco são simples titulos de emprestimos, de adeantamento do Estado que ainda não tem o metal para fazer pagamento, ou simples meio de facilitar o transporte como no caso da conversabilidade garantida. *O meio favoravel* para o desenvolvimento de uma sociedade depende de seu systema monetario.

Todos os valores, creditos, debitos, capitaes, propriedades estão avaliados de accôrdo com um valor nominal — o padrão. Quando esse valor não corresponde realmente á sua expressão nominal ou pela abundancia excessiva da moeda metallica ou pela creação de representação que só tem um valor de credito, o poder acquisitivo desses instrumentos de pagamento perde muito de sua antiga faculdade, baixa de capacidade. A moeda ou a sua representação é, portanto, causa e effeito de toda a vida economica, a qual evolue sempre ligada ás fluctuações do numerario. Si não

ha paiz que possa sustentar equilibrio monetario com a derrocada de toda a sua economia, as maiores prosperidades têm ruido pela accumulação de erros financeiros. A questão da moeda está sempre ligada á prosperidade dos povos. Para accentuar os traços caracteristicos da formação economica do Brasil é, portanto, indispensavel marcar a influencia do equilibrio e das crises monetarias.

O erro da velha historia classica em todos os paizes foi o de esquecer, em grande parte, esses factores, a não ser nos casos em que a sua repercursão foi sensivel e bastante evidente.

2º — AS PRIMEIRAS MOEDAS

Na época primitiva da colonização tivemos poucas moedas; os habitantes do Brasil trocavam com os concessionarios de monopolios e os contrabandistas os productos. Entravam, porém, sempre moedas de Portugal, cujo valor nominal veio decrescendo pelas quebras do padrão para resolver as difficuldades do real erario. Mas no seculo XVII as transacções augmentaram e em 1694 foi fundada na Bahia a primeira Casa da Moeda. A restauração serviu para a cunhagem das moedas coloniaes, porque durante o dominio hespanhol tinham penetrado as das colonias visinhas.

O progresso do Rio fez com que se fundasse outra Casa da Moeda, em 1697; a da Bahia foi fechada, mas voltou a funccionar em 1714.

Em Pernambuco protestaram tambem contra a falta de numerario e em 1700 uma carta régia permittiu a transferencia da Casa da Moeda do Rio para o Recife, tendo, porém, regressado em 1702 á sua antiga séde.

As descobertas de ouro em Minas mudaram todo o curso das questões monetarias, e a Metropole ordenou a cunhagem de moedas nacionaes (1702).

Em 1729 foi autorizada a cunhagem de moedas de cobre, cuja falsificação era facil, o que acabou por crear uma situação de perigosa inflação corrigida sómente em 1833, durante a regencia pelo ministro da Fazenda, Candido José de Araujo Viana, depois marquez de Sapucahy. Do relatorio de Araujo Viana, sobre o melhoramento do meio circulante e apresentado á Assembléa Geral Legislativa em a sessão extraordinaria de 1833, destacam-se as seguintes informações:

« O cunho da moeda de ouro foi quasi em totalidade de moedas de 6$400 a saber, no valor nominal de 206.471:000$, e o resto em moedas de 4$ e outras moedas de menor valor. No cunho da moeda de prata, 15.414:000$ constão de moedas de $960.

No cunho das moedas de cobre 7.297:000$ constão de moedas de $80.

Na Casa da Moeda da Bahia, cuja fundação data do anno de 1694, cunharão-se moedas de ouro, prata e cobre; mas ahi os trabalhos forão muitas vezes interrompidos, e estão mui longe de ter a importancia dos que se praticarão na Casa da Moeda do Rio de Janeiro. Nas provincias de S. Paulo, Matto Grosso e Goyaz, tem-se cunhado moeda de cobre em differentes épocas. Não ha informações circumstanciadas da moeda de cobre cunhada em cada uma destas trez provincias. Pelo que se colhe dos balanços das Juntas de Fazenda respectivas, pode-se avaliar em 2.000:000$ a totalidade cunhada nestas quatro Provincias. Assim a quantidade de moeda de cobre legalmente emittida em todo o Imperio monta a somma de 16.605:000$000.

Até o anno de 1810 a nossa moeda legal era de facto a de ouro; e a de prata fazia então officios de troco a esta moeda, pelo seu limitado giro.

Convem aqui notar que as moedas de ouro de 6$400 e de 4$ e a moeda de prata representavão tres differentes padrões de valores; pois que sendo a senhoriagem nas moedas de 6$400, na razão de 6, 2/3 por cento, esta era nas de 4$ de 18 ½ por cento proximamente; e nas moedas de prata de 15 por cento, sendo a relação legal do valor do ouro para o da prata de 1 para 13 ½ proximamente, quando a relação indicada pelo mercado era termo médio de 1 para 16. O par metallico entre a libra esterlina e a moeda de 6$400 he de 67 ½ pence

por 1$000; relativamente á moeda de 4$, de 60 ¾ pence; e quanto á moeda de prata pode fixar-se em 54 pence; porém o par mercantil era então entre o médio estes tres, a saber: 60 pence por 1$, pouco mais ou menos. No anno de 1810 o Governo fez fabricar a nova moeda de prata de $960, e mandou cunhar os pesos fortes Hespanhóes deste valor; circunstancia esta que deo occasião a huma enorme introducção de pesos recunhados nos Paizes estrangeiros, em razão do forte interesse que dava o troco desta moeda pela nossa moeda de ouro, a saber, de 28 por cento em relação ás moedas de 6$400 e dahi em diante a prata veio a ser a moeda legal pelo desapparecimento das especies de ouro; e o par metallico entre Londres e as nossas Praças veio a ser de 54 pence por 1$, mui proximamente.

As moedas de 6$400 têm de peso 4 oitavas; as de 4$, 2 ¼ oitavas; e as de prata de $ 960, 7 ½ oitavas. Uma libra de cobre amoedado tem o valor de 1$280, mas a moeda desta especie cunhada em S. Paulo, Matto-Grosso e Goyaz tem sido emittida em um valor duplicado; a saber, de 2$560 por libra. »

Damos abaixo o mappa das moedas cunhadas na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, desde a sua fundação em 1703 até 1832, acompanhado de uma tabella contendo o cambio annual médio correspondente a cada um dos 12 ultimos annos, e que extrahimos tambem do relatorio de Araujo Viana.

Mappa das moedas cunhadas na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, desde a sua fundação em 1703 até 1832, acompanhado de uma tabella contendo o cambio annual médio correspondente a cada um dos 12 ultimos annos.

ÉPOCAS	VALORES NOMINAES REFERIDOS Á UNIDADE DE 1$000			CAMBIO
	Ouro	Prata	Cobre	
1703 a 1767	130.508 :851$000	—	—	
1768 a 1809	74.128 :256$000	222 :830$000	20 :137$000	
1810	1.278 :284$000	1.026 :774$000	—	
1811 a 1821	6.385 :842$000	12.205 :913$000	1.013 :514$000	52 1/4 por 1$000
1822	141 :864$000	1.755 :118$000	280 :994$000	48 1/2 por 1$000
1823	88 :538$000	380 :844$000	237 :201$000	50 1/4 por 1$000
1824	153 :196$000	384 :012$000	532 :525$000	48 por 1$000
1825	84 :764$000	56 :856$000	534 :166$000	51 1/8 por 1$000
1827	35 :160$000	23 :342$000	1.390 :927$000	35 5/8 por 1$000
1828	4 :160$000	—	2.637 :690$000	32 3/4 por 1$000
1829	5 :872$000	—	3.099 :371$000	25 3/9 por 1$000
1830	5 :884$000	1 :341$000	2.878 :836$000	23 por 1$000
1831	—	—	953 :914$000	24 5/8 por 1$000
1832	203 :820$000	2 :758$000	478 :281$000	35 13/16 por 1$000
(Annos 130)	213.061 :161$000	16.285 :471$000	14.605 :178$000	

3º — DA ÉPOCA DO OURO Á VINDA DO REGENTE

A extracção do ouro facilitou em grande parte a creação de mercados coloniaes e fez elevar ainda mais o verdadeiro cambio do Brasil.

Os impostos sobre o ouro renderam até 1808 cerca de 135.000 kgms. de metal. Sendo o imposto de 1$600 a oitava, o seu valor foi, segundo Calogeras (*La politique monetaire du Brésil*), de 60.000:000$, na moeda portugueza do tempo.

Portugal monopolizava inteiramente a navegação; os

monopolios existentes eram poucos, mas açambarcadores e exigentes. O commercio de exportação do Brasil foi nos fins do seculo XVIII a 1808 de cerca de 13.000:000$ annuaes na moeda portugueza da época, e a importação, monopolio excessivo da metropole, foi de cerca de 10.000:000$ annuaes. Assim o saldo da balança mercantil era grande, mas o que delle ficava boa parte ia com os impostos e recursos de funccionarios, commissarios e residentes.

A abertura dos portos favoreceu principalmente á Inglaterra, mas esta quiz garantias com receio de mudanças no trafego mundial, e o regente não as negou. De facto, pelo decreto de 19 de fevereiro de 1810, os direitos das alfandegas de 24 % foram abaixados para 15 % para as manufacturas inglezas, pagando as portuguezas 16 %. Em 1818 foram equiparados os direitos sobre as mercadorias vindas da Grã Bretanha ou da antiga metrople. A situação do erario portuguez trasladado era, de facto, precaria. O Brasil já era um paiz mais rico do que a metropole, mas o seu apparelho arrecadador de impostos era rudimentar e, assim, as despesas de uma Côrte parasitaria crearam novas difficuldades financeiras. O papel moeda, que tinha já sido ensaiado desde o principio do seculo com os certificados das juntas de Fazenda e os bilhetes de permuta, foi o recurso para cobrir as despesas, quando o ouro desappareceu da circulação, apesar da prohibição de sua remessa do Rio feita em 1818. O governo appellou então para o Banco do Brasil, que começou a emittir. Em 1816 a sua circulação era de 1.862:000$; em 1817, de 2.000:000$; em 1818, de 3.600:000$; em 1819, de 6.500:000$; em 1820, de 8.566:000$; em 1821, de 8.070:000$; em 1822, de 9.170:000$; e quando se liquidou, em 1829, de 19.174:000$, tendo já sido de 21.355:000$ em 1828, 13.390:000$ em 1826, seu total de 1829, 19.174:000$ já representava a divida do Thesouro de 18.301:097$000.

4º — A SITUAÇÃO GERAL. AS FINANÇAS ANTES DE 1822

A situação financeira é sempre precaria nas épocas de commoção politica.

Portugal, depois da invasão, debatia-se entre grandes difficuldades, e no Brasil as condições eram apenas um pouco melhores.

D. Pedro numa carta dirigida ao pae, depois de contar as reducções feitas na lista civil e participando a sua mudança para S. Christovão como medida economica, escreveu:

«A despesa do anno passado subiu a 20.000.000 de crusados, a deste excederá a 14 ou 15.000.000, não digo ao certo porque ainda não finalisou o orçamento a que mandei proceder; vou então cortar o mais que falta porque todos devem concorrer para o bem do Estado. Mas por mais que corte nunca poderei diminuir 1.000.000; diminuindo 1.000.000 restam 14.000.000; a provincia rende 6.000.000; faltam 8.000.000; as demais capitanias não concorrem para as despesas; portanto exijo de Vossa Magestade um remedio prompto e efficaz, o mais breve possivel, para desencargo meu e felicidade destes desgraçados empregados que não têm culpa senão de terem alguma capacidade para os seus lugares.»

D. João tinha levado os recursos encontrados e assim a situação financeira e monetaria era difficil. A carta ao principe conta as condições financeiras por occasião do movimento pela independencia. Até então havia autonomia financeira das provincias e só o Rio de Janeiro (Estado e a cidade de hoje) concorria regularmente para as despesas publicas. Era a sobrevivencia das antigas capitanias. Por isso, como já accentuamos, o movimento da independencia politica foi tambem centralização financeira e fiscal. Contra essa centralização houve depois o acto addicional e a Re-

publica federativa, mas as conquistas que se conseguiram em 1820 e 1822 marcaram para sempre a unidade financeira e fiscal para o poder central, expressão e delegação da soberania nacional da patria una e forte.

Assim, sob o ponto de vista economico, financeiro e fiscal, a independencia de 1822 é mais importante do que a politica que já existia sob varios aspectos. A recolonização que a Côrte portugueza desejava iria accentuar a autonomia excessiva das capitanias; a separação de Portugal foi feita tambem para apressar e consolidar a unificação orçamentaria e fiscal, sem a qual seria vã e precaria a unificação estrictamente politica.

O principe regente accentuou na carta a que já nos referimos:

« Logo que os diversos orçamentos das repartições estiverem acabados, faço immediatamente partir uma escuna que aqui tenho para este fim, e então, com perfeito conhecimento de causa, poderá V. Magestade dar os ultimos remedios, mas nunca esquecendo os já pedidos *incontinente*. As dividas do erario andam: ao banco, por 12.000.000 contos, pouco mais ou menos; ao Yamp Finie anda por dois mil e tantos contos de réis; ao Visconde do Rio Secco anda por perto de um milhão; ao Arsenal do exercito, 1.000:000$; ao da marinha; 1.100:000$; aos voluntarios reaes de El-Rey deve-se 26 mezes de seu soldo; um terço da divisão está aqui a chegar. O Banco, que se prestava e ainda se presta, já torce. Não ha maior desgraça do que esta em que me vejo, que é desejar fazer o bem e arranjar tudo e não haver com que. Assim mesmo no arsenal do exercito tem-se feito alguns melhoramentos, sendo o Director Gaspar José Marques; a nau Rainha que ha de sahir a 19 deste mez, a chanua Lecourá, que virou de guerra, fez fundo novo e costado fixo, e já está prompta a sahir para a India com o tabaco; o brigue *Principesinho* tambem virou e fez proa nova; a corveta Liberal que era a Gaivota tambem virou de guerra, e ha tres mezes ainda tinha sómente as amuradas e o toldo; o brigue que agora vem de correio, Infante S. Sebastião, deu o commandante parte de não poder seguir viagem no primeiro deste mez, e a 16 já estava prompto, tendo virado e feito outras obras. »

Neste documento tambem ainda se lê:

« em Santos a tropa levantou-se por não ser paga, e os soldados invadiram a casa de um rico negociante saccando dalli o dinheiro que encontraram pelo que houve lucta e se deram algumas mortes, concluindo por metterem a pique dois navios com prejuizo superior a 200.000 cruzados ».

A situação geral, porém, só poderia inspirar confiança.

D. Manoel Jacintho Nogueira da Gama (depois Marquez de Baependy) escreveu, como escrivão do Real Erario, em 5 de fevereiro de 1822 e como ministro e secretario dos Negocios da Fazenda em 26 de setembro de 1827, exposições que Castro Carreira (*Historia Financeira do Imperio do Brasil*) cita e que bem demonstram as condições de esperança.

Em 1810 elle escrevia:

« Deixando em silencio os motivos do presente mal, vou demonstrar a paz deste honroso quadro, um horisonte risonho, que nos devem tranquilisar; vou mostrar que deixando a tortuosa ferida que nos tem conduzido á borda do sacrificio, que havendo firmeza, actividade, embaraço e tranquilidade, renascerá o perdido credito e nenhum erro haverá para o futuro em repartição de finanças; eu vou mostrar que sem augmento de tributos, sem o ruinoso systema de antecipação de rendas, sem o temivel, pessimo e fatal recurso de papel moeda podem ser exactamente satisfeitos em moeda corrente todas as despezas do Estado nas suas competentes epochas. Não são hypotheses aereas e destituidas de fundamentos ás que conduzem as conclusões que tiro; são principios de uma exacta e seria observação das differentes rendas e despezas publicas. »

As rendas do Real Erario subiam a 1.764:250$191 em 1810 e baixaram em 1811, tendo sido, como foram, de 1.604:220$000. O rendimento médio foi de 1.684:265$075.

O orçamento normal do Real Erario era o do Rio de Janeiro, mas entravam tambem as sobras das outras

capitanias. Em geral, nessa época entravam as da Bahia e Pernambuco. O rendimento de Pernambuco era do valor de 844:754$824 e o da Bahia de 1.684:265$075. As sobras eram, para Pernambuco, de 310:690$592 e para a Bahia de 626:572$799. Toda essa renda punha a disposição do governo 3.134:000$000. Ora, a despesa média era a seguinte:

Despesa da Casa Real.....................	963:758$225
Erario segundo as folhas..................	375:000$000
Exercito................................	674:000$000
Marinha.................................	848:000$000
Despesa com o expediente dos Tribunaes....	51:229$477
Despesas extraordinarias..................	102:012$293
	3.013:099$995

Assim, para 1810 e 1811 a situação era de um pequeno saldo.

Por isso o Sr. Manoel Jacintho Nogueira da Gama disse:

« Creio ter mostrado claramente que não é deploravel o estado da Real Fazenda desde que se exijam impreterivelmente as sobras das capitanias, e que as despesas publicas não excedam consideravelmente ás que ficam indicadas principalmente na marinha e guerra; assim acontecendo ellas serão realisadas sem novas imposições, sem papel moeda provincial, que passando dos estreitos limites, se assemelha em suas consequencias ao papel moeda; sem bilhetes de circulação de credito para os quaes a nação não está disposta por falta de confiança no Real Erario, e por falta de luzes confundindo taes bilhetes com papel moeda; se pode facilmente conseguir adoptando-se o que tenho apontado, que as rendas publicas excedem ás despesas, e que por consequencia se possam fazer com a maior exacção todos os pagamentos, cessando a actual penuria e o progresso da divida do Estado, cessando a dependencia terrivel, e o mais fatal inimigo do credito publico. »

O que difficultava o Real Erario era a irregularidade da entrada das sobras das Provincias. Por isso é que conside-

ramos o movimento da independencia como tambem o da unificação fiscal e financeira, para dar liberdade de acção e de progresso ao governo central.

O futuro Marquez de Baependy propoz então a emissão de bilhetes com juros, dando no principio de cada mez o dinheiro necessario para os pagamentos.

Era uma especie de *sabinas*. Elle os considera necessarios para regularizar a situação, que como vimos se equilibrou no papel, mas não na realidade, porque as Provincias não entravam com as sobras. Por isso o estado do Erario não era bom, não podendo nem mesmo satisfazer com a precisa pontualidade o pagamento das letras de cambio; deixando de pagar o juro dos emprestimos, que era forçado a contrahir e não pagando os ordenados dos empregados, "alguns dos quaes esmolavam o pão da caridade".

Na época os elementos primordiaes da tributação real eram:

1°. Os direitos de importação de 24 % sobre as mercadorias estrangeiras, excepto as de origem portugueza;

2°. Taxa de transito dos productos entre as Provincias, sendo por mar 15 % e variando muito conforme a região;

3°. Imposto de dizimos;

4°. Taxa de siza sobre a compra e venda da propriedade territorial (10 %);

5°. Imposto sobre a mineração de ouro (20 %).

Escreve o Sr. Antonio Carlos (*O Ministro da Fazenda da Independencia e da Maioridade*):

« Os direitos de importação soffreram em 1815, modificação notavel. Essa foi a resultante do convenio celebrado nesse anno com a Inglaterra e em virtude do qual passaram a ser de 15 % os impostos das mercadorias dessa procedencia. A excepção aberta para os que vinham de Portugal e a tarifa differencial instituida nesse convenio determinaram o monopolio do commercio entre o Brasil e o estrangeiro

para essas duas nações. Desse facto, com o contrabando que amplamente florescia, decorreu que as rendas provenientes dos direitos de entrada jamais alcançassem a grande expansão que era de esperar. »

A taxa de transito entre as Provincias era ante economica e contra ella protestaram todos aquelles que recebendo influxo das idéas liberaes dos economistas combateram essa sobrevivencia da edade média.

Os impostos eram pesados para quem os pagava, mas ao Erario escapavam muitos que deveriam contribuir. O apparelho de arrecadação era bisonho. No Rio havia o Real Erario e o Conselho de Fazenda que eram as supremas administrações financeiras. As juntas de Fazenda é que os representavam nas Provincias e gosavam de uma autonomia prejudicial. Esses orgãos não se communicavam, porém, com os contribuintes. Estes tinham de se haver com intermediarios. Eram os *rendeiros* e os *collectores especiaes* para certos impostos. Os impostos de importação e exportação eram cobrados pelas alfandegas. Esses arrecadadores faziam o que queriam, e isso, é claro, lezava o fisco. O mal, porém, não era nosso, era da época, pois até pouco tempo antes não se conhecia outro processo em todos os paizes do mundo. Os cargos eram vitalicios, comprados pelos serventuarios que nestes casos os transmittiam por herança.

O Brasil, que fôra o maior productor de ouro, que ainda produzia muito ouro, teve circulação metallica até o fim do seculo XVIII.

Depois, como já recordamos, a cunhagem do cobre e a emissão do Banco do Brasil repelliram o ouro e a prata.

Em 1821, só o cobre e as notas do Banco circulavam. As emissões successivas do Banco, as moedas de cobre verdadeiras e falsas, feitas mais para certas capitanias prejudicaram o seu proprio valor e influiram no cambio. O

nosso padrão ainda era o de um paiz de producção de ouro. A paridade para a moeda ingleza era de 67 ½ pence por 1$000.

As taxas do cambio antes das emissões do Banco eram altas, acima do par.

Os extremos de cada anno até 1815 o provam:

1808	70 — 70
1809	70 — 74
1810	74 ½ — 74 ½
1811	70 ½ — 72 ½
1812	72 — 76
1813	75 ½ — 80
1814	80 — 96
1815	71 ½ — 77

A' proporção que os bilhetes em circulação augmentavam o cambio cahia. O confronto do cambio deste tempo é bastante convincente, e ainda é um excellente argumento para as nossas controversias de hoje. Damos abaixo ao lado do cambio de 1816 a 1822 as emissões do Banco do Brasil:

Cambio		Total das emissões
1816	56 ½ — 59	1.802:280$000
1817	57 — 68	2.600:350$000
1818	69 — 74	6.632:350$000
1819	59 — 60	6.518:350$000
1820	54 — 60	8.500:450$000
1821	48 — 54	8.070:729$000
1822	47 — 51	9.170:920$000

A vinda de D. João VI foi um elemento de progresso, a sua partida um elemento de perturbação financeira.

Escreveu Armitage:

« Como um final á sua administração das finanças do Brasil, o Sr. D. João VI, ao retirar-se em 1821 para Portugal, deixou aos seus leaes e amados subditos do Brasil uma prova de sua real e paternal solicitude pelo seu bem estar, esvasiando o Thesouro, o Banco e até o

Museu, levando comsigo todo o artigo de valor, inclusive os especimens de ouro e diamantes, que ha annos pertencia a este ultimo estabelecimento nacional ! »

Assim o Brasil até o principio do seculo XIX só tinha circulação metallica, em moeda; viu-se depois privado de todo o metal precioso e em circulação só havia em 1821 cobre, em grande proporção falsificado, e as notas do Banco. A 26 de abril de 1821, pela manhã D. João VI embarcou na esquadra que o devia conduzir a Portugal. A 18 de julho de 1821 o Banco suspendeu a troca especial de seus bilhetes. Seria a bancarrota, si o Brasil não tivesse energia para reagir. Foi um aviso aos homens bons da Camara do Rio para que não deixassem que interesses estranhos ao Brasil interviessem no nosso governo.

Em maio de 1822, o principe regente já nomeara uma commissão para estudar a situação do Erario.

O primeiro Banco do Brasil prestou serviços ao paiz, auxiliando e fornecendo recursos para as guerras da independencia e da unificação.

A fallencia do Banco do Brasil, a baixa do cambio, a inflação, a instituição do papel moeda provieram da retirada de todos os valores por D. João VI, o qual levou tudo e mandou que se trocasse no Banco do Brasil as notas apresentadas pelos membros de sua comitivá por numerario metallico.

Os brasileiros bem presentiram a consequencia da retirada dos nossos recursos financeiros. No dia 20 de abril os eleitores que se reuniram na Praça do Commercio, de accôrdo com a convocação de D. João VI para escolha de deputados á Constituinte de Lisboa, reclamaram o juramento da Constituição Hespanhola, prescindindo da portugueza e exigiram o desembarque dos cofres da nação que estavam a bordo da esquadra real. D. João VI pareceu

ceder; promulgou a Constituição Hespanhola e declarou em falso, que os cofres não estavam na esquadra. No dia 21, o marechal Caula, á frente de um regimento da divisão portugueza, carregou sobre os manifestantes, que se dissolveram. D. João VI tomou de novo coragem, annullou o decreto de promulgação da Constituição Hespanhola, nomeou D. Pedro regente e a 23 publicou um manifesto aos brasileiros, partindo a 26 com numeroso sequito e todos os valores que pôde levar, deixando de encaixe no Banco apenas 20:000$000.

Foi por causa desse procedimento de D. João que cahimos no regimen do papel-moeda.

A victoria momentanea da soldadesca sobre os eleitores reunidos na Praça do Commercio do Rio de Janeiro permittiu a realização do confisco. Quando o coronel Manuel José de Moraes foi á Fortaleza de Santa Cruz intimar o commandante a não deixar sahir a esquadra portugueza com os cofres do Estado e foi preso por ordem do rei, defendia sem querer a circulação metallica, que com o confisco real se tornou impossivel.

5º — A COMMISSÃO DE 1822

Até 1822, no meio da agitação politica, o Erario foi se alimentando com as emissões do Banco do Brasil.

Em maio, o principe regente nomeou uma commissão para syndicar o estado do Thesouro e dar o seu parecer a respeito. Em 24 a commissão apresentou o seu parecer assignado por Montenegro, Gama, Carneiro e Barbosa, tendo a 15 do mesmo mez subscripto o seu voto em separado José Antonio Lisboa. O parecer da Commissão é o seguinte:

« Senhor. A Commissão do Thesouro Publico, possuida do maior zelo no desempenho dos seus deveres, e mui vivamente estimulada pelo desejo de quanto antes corresponder á confiança com que Vossa Alteza

Real se dignou honra-la, vai incessantemente proseguindo na acquisição daquellas noções que lhe são indispensaveis para entregar no exame do estado actual da Fazenda Publica, e formar um juizo exacto, quanto seja possivel, dos males que a opprimem, das causas, donde elles proveem, afim de poder atinar com os remedios mais proficuos, segundo as beneficas e providentes vistas de Vossa Alteza indicadas no seu decreto de 29 de fevereiro do corrente anno; reconhecendo porém o muito tempo que forçosamente se despenderá, primeiro que ella obtenha com a conveniente individuação os balanços, relações e informações de varias estações a que tem recorrido para cabal satisfação da importante tarefa, de que se acha encarregado não pode deixar de dirigir a mais seria attenção para algumas dividas do Thesouro, cujo pagamento, sendo mais urgente, e mais intimamente ligado com o credito e interesse da Fazenda Publica e com o allivio da penosa situação em que se acham os seus respectivos credores, reclama por isso as mais promptas providencias. Pelas contas que já tem recebido, a commissão orça estas dividas em oito milhões dusentos e tantos mil cruzados, a saber:

Pela Thesouraria geral das tropas	108 :246$000
Pela de ordenados e pensões	134 :411$000
De juros vencidos	171 :986$000
Pela repartição do Arsenal de Marinha	993 :700$000
Pela do Arsenal de Guerra	1.373 :462$000
	2.781 :835$000

Além das sommas destas parcellas tem que pagar o Thesouro fretes de navios, ferias de algumas obras antecedentemente feitas, e o que se deve de folhas processadas, que não estiverem incluidas nas dividas dos arsenaes do exercito e da marinha, e que talvez subam a 500:000$000.

Entende a commissão ser urgente o pagamento destas dividas attentas as circumstancias dos seus credores; porquanto muitos destes, sendo da classe dos pensionistas, empregados e servidores publicos, que pela maior parte possuem mesquinhos ordenados, soldos ou pensões de que tiram a sua mui parca subsistencia, e essa mesma de ordinario supprida por abonos; não é possivel que, achando-se em grande atrazo de pagamentos e privados dos soccorros com que contavam, e que lhes eram indispensaveis até para poderem manter o credito, que os ajudava a viver, não soffram fome, não vivam na miseria, e não se entre-

guem á mais cruel desesperação; outros vivendo do giro dos seus capitaes empregados no commercio expostos aos gravissimos prejuizos, que resultam do empate de tão avultadas sommas que, quando não conduzam a uma prompta e irremediavel ruina, não deixará de fazer perigar muito o seu credito, não podem deixar de exigir e instar com a maior razão e justiça pelo pagamento do valor dos generos, com que forneceram aos arsenaes e mais misteres publicos.

Sendo em todo tempo mui conveniente promover a abastança e o contentamento geral, na época melindrosa em que estamos, muito mais se faz indispensavel evitar desgostos, dissipar sustos, atalhar a ruina e mesmo desesperação dos credores do Thesouro Publico. Este mesmo necessariamente se ha de resentir da estagnação de tão grandes sommas, não só pela privação dos rendimentos de que teria quinhão si ellas fossem effectivamente postas em circulação, mas tambem pelo maior abalo, a que com a falta do embolso dos seus credores, expõe o seu credito já vacillante, quando aliás deve procurar mante-lo, e vigora-lo como um dos mais poderosos recursos, de que se pode valer nas occasiões, que não deixarão de occorrer, de grandes embaraços e urgencias de despezas extraordinarias.

Si as demais provincias deste Reino continuassem a remetter, como dantes, para o Thesouro, as sobras de suas rendas, sem maior inconveniente de desfalque da renda ordinaria, se poderia estabelecer uma consignação mensal, que contentassem estes credores; mas actualmente não temos estas sobras, nem sabemos quando poderemos contar com ellas, e não serão bem fundados os nossos calculos, si esperarmos obte-las antes de vermos radicadas a união das mais importantes provincias, e de se acharem os seus respectivos governos estabelecidos sobre bases mais seguras; nem é da prudencia destes na vacillancia e fermentação, em que tudo se acha, distrahir para fóra ainda as mais pequenas sommas. A' vista disso, a commissão cahiria na mesma condição, si depois de ter mostrado a urgencia do pagamento das dividas de que trata, propuzesse a Vossa Alteza Real, que o mandasse reservar para época incerta dos restabelecimentos da união, e tranquilidade geral de todas as provincias; ou esquecendo-se do estado actual da renda ordinaria, por ella pretendesse que se fizesse o pagamento de uma despesa avultada e extraordinaria.

Si a commissão não possue ainda as informações precisas para poder formar um verdadeiro conceito do estado da Fazenda Publica, com a clareza e certeza com que o deve levar á real presença de Vossa

Alteza Real, tem todavia noções bastantes, para com fundamento poder prognosticar, que achando-se a renda actual limitada ao que contribue a Provincia do Rio de Janeiro, si della sómente nos quizermos valer para amortizar estas dividas sem embargo das economias que se tem feito, e de outras muitas que se possam ainda fazer, si ellas forem dirigidas com a prudencia e circumspecção que aconselha, não só a justiça, mas tambem uma bem entendida politica, trabalharemos como os infelizes Danaides, accrescentaremos novos embaraços ao Thesouro, dando-lhe novos credores, sem realmente contentarmos aos actuaes. Em tão criticas circumstancias da falta das sobras das provincias, da de recursos da renda ordinaria, e dos que podem produzir as economias pela sua insufficiencia, não havendo tambem reservas de vencimentos accumulados dos saldos das receitas dos annos anteriores, nem se podendo augmentar a receita por uma nova contribuição, que possa auxiliar o pagamento destas dividas tão indispensaveis para fazer cessar todas as causas destruidoras da confiança, e productoras da miseria a commissão no meio de tantos embaraços, e com tão pouca escolha de meios, guiada sempre pelos mais luminosos principios da economia politica, cujo desenvolvimento se persuade seria ocioso, é de parecer que não ha outro recurso para se pagarem estas dividas com menos inconveniente do que o da circulação do credito, não por meio de uma nova divida que haja de contrahir o Thesouro, para com o seu producto satisfazer aos mencionados credores, mas sim fazendo-o de certo modo reproduzir um valor, já consumido, representando-se a divida em novos titulos, que pela sua gradual e progressiva amortização e lucros do juro annexo, pela demora de seu pagamento real, possam facilmente entrar na circulação, e ser empregados no giro e transacção do commercio pelos credores, que livremente as queiram receber em pagamentos de sua divida.

Em summa não concebe a commissão esta medida, como a de um emprestimo, e muito menos a propõe, como a de um prompto e effectivo pagamento dos credores, mas tão sómente a inculca como uma concordata, que o Thesouro deve fazer com os credores, que dantes recebiam uma consignação, offerecendo-lhes em logar dellas titulos seguros para seu exacto pagamento em épocas precisas, e fazendo-lhes ver com toda a franqueza, que o methodo por que até agora se embolsavam, sendo insufficientes para os tirar de embaraços suppostos as pequenas quantias, que cada um recebia da consignação, era summamente damnoso para o Thesouro, e até injusto, por se ver na dura precisão de não poder

tambem contemplar a outros credores, ainda mais necessitados. Debaixo desse ponto de vista, não duvida a commissão adoptar para base ou formula de execução deste projecto, o plano offerecido ao publico, no n. 14 do periodico intitulado *Reverbero Constitucional Fluminense*, fazendo-se nelle as alterações que se indicarão no seu logar proprio.

Por este plano reparte-se certa somma em bilhetes do Thesouro e letras de cambio, estas com os prazos de 15, 18, 21 e 24 mezes, e os bilhetes com o juro de 6 %, e outro tanto para sua amortização. Para pagamento das letras nos dias de seus vencimentos, e para satisfação dos juros, e gradual amortização dos bilhetes, se destinam consignações mensaes no rendimento da Alfandega, para serem infallivelmente entregues ao Thesoureiro do Banco, que, para conciliar a maior confiança, deverá assignar, como acceitante, as letras, e firmar os bilhetes, ficando encarregado de fazer os pagamentos no devido tempo.

Pelo que, sendo calculado em 3.300:000$ a importancia da divida, que se julga indispensavel, pagar já, se poderão tirar desta somma 2.400:000$ para serem divididos em bilhetes e 900:000$ para as letras, repartida por 15 a somma respectiva dos bilhetes e letras, pois em tantos mezes deverão ficar pagos todos os credores recebendo em cada mez a decima quinta parte do seu credito e ficam á disposição do Thesouro em cada mez 220:000$, sendo em bilhetes 160:000$ e em letras 60:000$. Convém, portanto, que a consignação mensal para pagamento dos juros e amortização dos bilhetes seja de 19:200$, até a extincção destes; e 20:800$, emquanto houverem letras a pagar, o que tudo forma uma consignação mensal de 40:000$, que, pagas as letras, se reduz aos 19:200$, applicados para os juros e amortização dos bilhetes; quantia esta menor do que dantes estava consignado para o pagamento de dois credores sómente, quando com esta se pode attender a todos os que estão na classe de pagamento urgente.

Regulada assim a somma de 3.200:000$, segundo o plano do periodico indicado, entende a commissão que nelle se deve fazer as seguintes modificações:

1ª, que não se emittam bilhetes do Thesouro abaixo de 100$; quanto maior for o valor de cada um, maior interesse haverá em os guardar para perceberem os seus juros, e menos proprios ficam para entrarem na circulação, que se opera entre os agentes desta e os consumidores;

2ª, que em vez do methodo proposto para a sua gradual e successiva amortização, esta se faça por compra na praça, retirando-se

da circulação em cada anno a importancia dos bilhetes, equivalente ao fundo que houver na caixa disponivel sem inconveniente;

3ª, que não se façam reformas de bilhetes, pois no verso dos que cobrarem os juros se pode marcar o dia, em que hade principiar o novo vencimento.

Com estas disposições poderá o Thesouro convidar os credores de que se trata, sem distincção ou preferencia alguma, para que concorram com os seus antigos titulos a receberem a decima quinta parte em cada mez da importancia total dos seus actuaes creditos; os da classe dos negociantes, ou capitalistas fornecedores dos generos, em os propostos bilhetes e letras, no caso de lhes agradar esta transacção; esperando aquelles a quem não convier um semelhante methodo para quando o Thesouro Publico possa satisfazer-lhes como desejam.

Ainda que se tenha estabelecido e marcado a quota da decima quinta parte para o pagamento mensal, si porventura a alguns dos credores for necessario receber as consignações dos futuros mezes, para assim melhor poderem acudir ao seu credito, poderão ser attendidos; comtanto porém, que recebam bilhetes e letras, com as datas dos mezes, a que deveria pertencer a consignação, e regulando-se de modo que a tal emissão, no decurso de 15 mezes, não exceda a 3.300:000$000.

Para as dividas procedidas de saldos, ordenados, pensões e juros na importancia total de 414:000$, como as suas circumstancias exigem pagamento em moeda, ou em notas do Banco, se descontarão na praça, ou no Banco bilhetes do Thesouro, que produzam 28:000$, decima quinta parte daquella somma.

Isto posto, parece á commissão, que mandando Vossa Alteza Real, que a este projecto se dê execução, si esta for desempenhada com a indispensavel regularidade e religiosa execução que elle exige, se livrará o Thesouro de grandes embaraços, se abrirá o caminho para o restabelecimento de seu credito, se facilitarão as futuras operações, que nos forem indispensaveis e se acostumarão os nossos timoratos e incredulos capitalistas a tomarem parte nos fundos publicos, convencidos da segurança de sua operações pela experiencia do exacto pagamento das letras e bilhetes do Thesouro.

Mas, Senhor, para se pôr em movimento a grande machina do credito é preciso não havel-o perdido; e a commissão com grande magua não pode deixar de confessar que o Thesouro Publico, achando-se, em descredito pelos desarranjos de sua anterior administração, e mui especialmente pelas desmedidas despezas, que simultaneamente sobre

elle carregam, e que o deixaram resfolegar falharão os nossos calculos e se frustrarão as nossas lisonjeiras esperanças, si ella só for encarregada da total execução deste projecto.

Portanto não podendo deixar de se conformar a commissão com o autor do plano, entende, que para o bom exito desta importante empreza é muito necessario que a parte mais essencial de sua execução seja incumbida ao Banco do Brasil; que sejam as letras sacadas pelo Thesouro sobre o Thesoureiro do Banco, que as deverá assignar; bem como por elle igualmente serão firmados os bilhetes do Thesouro; que se comprometta a receber a consignação mensal, estabelecida na Alfandega, e a satisfazer religiosamente as letras nos dias de seus vencimentos, e os juros dos bilhetes no fim de cada anno, applicando exactamente o fundo da amortização para tirar da circulação em cada anno a importancia dos bilhetes, que lhes for correspondente, segundo o desconto que na Praça tiverem, favorecidos com 5 % na importancia do mesmo desconto, afim de ser este minorado em beneficio publico, e cedendo em favor da Caixa de Amortização a vantagem do mesmo desconto.

Não é de esperar do bom senso e do bem conhecido patriotismo dos directores deputados, e de todos os accionistas, que entram em assembléa do Banco, que deixem de sentir, que quanto mais criticas são as circumstancias do Thesouro, tanto mais elles o devem auxiliar, por serem os mais interessados no restabelecimento e conservação do seu credito.

Porém si apezar de tão ponderosas considerações não achar o Banco conveniente prestar ao Thesouro um auxilio, de que não pode temer prejuizo, antes pode tirar avultados lucros das sommas depositadas em cofre á sua disposição; a commissão está tão convencida da solidez deste projecto, e de que longe de ser arriscada a garantia, que se requer, para não encontrar tropeços, no principio de sua marcha, ella pode ser mui proveitosa a quem a prestar, que não duvida, que Vossa Alteza Real, por meio do seu sabio e zeloso ministro, ache alguma sociedade dos mais respeitaveis e acreditados capitalistas que se queiram encarregar do que se incumbia ao Banco.

Um projecto, que estabelecido sobre uma base real, sem deteriorar a renda publica, sem constranger ninguem, faz, por assim dizer, resuscitar um fundo morto, livra os credores dos vexames em que se acham, segura o seu effectivo embolso em tempo competente por depositos accumulados em fundos; conduz e habilita o Thesouro para

em tempos mais proprios proceder a outros embolsos; um tal projecto por si mesmo se recommenda, e nos dá a perspectiva de podermos conseguir a sua maior garantia, e o credito do Thesouro Publico. Nem por isso se deve acreditar, que a commissão fascinada por este projecto o quer inculcar com um recurso de tal perfeição, e tão livre de inconvenientes, que contra elle se não possa offerecer objecção alguma; a commissão tem pesado todas as objecções, e estando persuadida de que nas circumstancias arduas a melhor medida é a menos má e a menos penosa, não exitou em adoptar esta, cujos inconvenientes, são bem compensados pelo bem que offerece. Com effeito, o inconveniente da perda dos juros de 6 %, que vai soffrer o Thesouro Publico, é compensado pelas vantagens que o mesmo Thesouro não deixará de colher da circulação de capitaes, que estavam paralysados, e são esses juros um bem merecido premio dos credores pela demora dos seus pagamentos; o da diminuição de 40:000$ por mez da actual renda ordinaria perde toda a sua força e se torna insufficiente com a consideração de que esta somma só permanece emquanto duram os vencimentos das etras; pois logo que estas estejam satisfeitas se reduz a uma quantia menor do que a que era dantes consignada ao pagamento de dois unicos credores, ficando desattendidos os mais necessitados que neste projecto tambem se contemplam; e é de esperar que semelhante somma deixe de ser gravosa, considerado o augmento da renda publica proveniente da circulação dos capitaes, que se achavam estereis, de uma mais exacta administração e arrecadação, e da economia das despesas, produzida não só pela mais severa fiscalização e responsabilidade dos empregados, mas tambem pela diminuição dos preços dos generos devida á certeza dos pagamentos e ao credito do Thesouro; accrescendo a tudo isto a lisongeira esperança de que no decurso desta operação podem muito bem mudar as circumstancias com a suspirada uníão das provincias, e consequente augmento das forças e recursos do Thesouro. Não se persuade a commissão, que tenham fundamento as objecções que se dirigem a figurar de inconsistente e precario este projecto por não serem sanccionadas pelo poder legislativo as consignações que lhe servem de base, e nem poder o Banco prestar-lhe a garantia, com que se pretende auxilial-o; pois ambas estas razões laboram em equivocos manifestos: a primeira porque classifica na mesma ordem uma despesa antiga, propria da administração ordinaria, e uma despesa nova, que não entra por seu objecto na applicação das rendas ordinarias; esta, e não aquella, necessita ser sanccionada; o pagamento

de uma divida antiga, e que já se estava praticandon ão é uma despesa nova: a fazer da ordem das que são da administração e expediente ordinario do Thesouro; as consignações, que se destinam não são tiradas da renda de applicações, que lhes sejam alheias, são tiradas da renda ordinaria em que estas dividas têm uma geral hypotheca, e não de valores que estejam fora do alcance e ingerencia da administração ordinaria do governo, como, por exemplo, si para se adquirirem estes valores se houvessem de destacar bens nacionaes, hypothecal-os, lançar uma imposição, ou contrahir um emprestimo; a segunda porque se firma na supposição de ser contraria aos estatutos do Banco, garantia que se exige; não se advertindo que, si pelo art. 2°, § 7° das instrucções que servem de regimento ao Banco pode este adiantar dinheiro debaixo de seguras hypothecas, muito mais se deve reputar permittido afiançar um pagamento, para cuja satisfação recebe com muita antecedencia quantias superabundantes, e que lhe podem ser de muito proveito.

Finalmente, pelas razões que ficam expostas no principio desta consulta, entende a commissão, que tendo o orçamento não só das dividas, cujo pagamento reconheceu ser de mais urgencia, mas tambem o da receita e despeza do Thesouro, não devia esperar por informações mais amplas para tratar de um assumpto, que tanta influencia tem no credito do Thesouro; não só se julgando ligada a desempenhar as incumbencias de que V. A. R. a encarregou, pela ordem com que foram mencionadas no decreto de sua creação. V. A. R., á vista de tudo, resolverá o que houver por bem.— Rio de Janeiro, 24 de maio de 1822.— *Montenegro.— Gama. — Carneiro.— Barbosa.* »

O voto em separado de José Antonio Lisboa é o seguinte:

« Parece ao membro da commissão abaixo assignado, que sendo tres os objectos para que a mesma fôra creada; examinar o estado do Thesouro Publico; propor as reformas que nelle se devia fazer, e apontar meios para restabelecer o seu credito; qualquer deliberação tomada sobre estes dois ultimos objectos, antes de um pleno conhecimento do estado, circumstancias e recursos do Thesouro, é antecipada e prematura. Mas quando houvesse de interpor o seu parecer a esse respeito, não adoptaria por base o projecto apresentado no *Reverbero* n. 14, cujo autor ignora, pelo julgar precario, fóra do alcance do Thesouro Publico, e inteiramente dependente do arbitrio e vontade alheia. Accresce

a esta razão, que a transacção nelle indicada, supposto seja conhecida em outro paiz, todavia é nova entre nós, e não vem indicada, nas oito unicas, e exclusivas, que é licito ao Banco fazer segundo os seus estatutos, e até o envolve em operações além do periodo do tempo, que foi marcado para sua duração; além de augmentar a sua responsabilidade e por consequencia os seus embaraços, que a bem do estado, e da nação convém antes diminuir, e nestes termos ha toda probabilidade de ser regeitado. Porém ainda quando o Banco a pudesse fazer, sendo ella uma transacção que envolve disposição futura das rendas nacionaes por espaço de 12 annos pouco mais cu menos, parece ao abaixo assignado exceder as attribuições, do Thesouro Publico do Rio de Janeiro; resultando dahi que no caso de não ser a dita disposição sanccionada pelo poder legislativo, (a quem compete a mesma em o systema constitucional que temos adoptado) o Banco se acharia na forçosa necessidade de pagar os seus acceites, de que o poderia isentar e na privação dos fundos necessarios para isso ainda mesmo sem culpa do Thesouro Publico. Tão ponderosas razões obrigam ao abaixo assignado a regeitar o dito projecto, supposto delle se possam tirar algumas indicações a bem da causa de que está encarregado; e que tanto deseja dignamente desempenhar, como fará ver, logo que tenha completo conhecimento do estado do Thesouro; e parece ao mesmo que á vista, dellas, e com a probabilidade de ser regeitado pelo Banco do Brasil, será desairoso ao Ministerio de Vossa Alteza Real, e pouco apto para lhe grangear aquelle alto grão de respeito e consideração de que é merecedor, e tanto lhe convém nas actuaes circumstancias, a fazer uma tal proposição. Sua Alteza Real mandará o que fôr servido. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1822. — *José Antonio Lisboa.* »

A Commissão procurava reunir os recursos necessarios para a realisação do ideal da independencia. Pela leitura desse relatorio tem-se mais uma prova da influencia da imprensa em geral e do *Reverbero Constitucional Fluminense* em particular, o jornal de Joaquim Gonçalves Ledo.

6º — O EMPRESTIMO DA INDEPENDENCIA

Martim Francisco Ribeiro de Andrade fez parte, como ministro da Fazenda, do gabinete que fez a Independencia.

Na classificação official dos nossos governos considera-se como primeiro gabinete o que foi constituido em 16 de janeiro de 1822 e foi substituido a 17 de julho de 1823. Na formação desse gabinete occupava a pasta do Imperio e Estrangeiros o Conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva; a da Fazenda o Conselheiro Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Marquez da Praia Grande; a da Guerra, Joaquim de Oliveira Alvares, Official general do Exercito; a da Marinha, Manoel Antonio Farinha, Conde de Souzel, Official general da Marinha.

A 3 de julho o Marquez da Praia Grande passou para a pasta da Justiça e Martim Francisco Ribeiro de Andrade o substituiu a 4 de julho na pasta da Fazenda. Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho, Official general do Exercito, succedeu na pasta da Guerra a 27 de junho a Joaquim de Oliveira Alvares e foi por sua vez substituido a 28 de outubro por João Vieira de Carvalho, Marquez de Lages, Official superior do Exercito. O Conde de Souzel foi substituido na da Marinha a 22 de outubro por Luiz da Cunha Moreira, Visconde de Cabo Frio, Official general da Armada.

Empossado a 4 de julho, Martim Francisco tratou de pôr em execução, sob outros moldes, o plano do emprestimo que podemos chamar da Independencia e já pela Commissão aprovado e que Joaquim Gonçalves Ledo sustentara no *Reverbero Constitucional.*

A crise do Erario produzida pela retirada dos valores que D. João VI levara para Portugal precisava ser remediada para que o Estado pudesse tomar o desenvolvimento compativel com o ideal de independencia e do engrandecimento nacional. A 3 de agosto, Martim Francisco dirigiu aos commerciantes e capitalistas do Rio o seguinte communicado (Antonio Carlos — *O Ministro da Fazenda da Independencia e da Maioridade*):

« Senhores — Quando um povo está resolvido a reassumir direitos que lhe usurparam, a conservar, defender preeminencias, dignidades e gosos que lhe contestam, e a quebrar ferros, bem que dourados, com que de novo o pretendem agrilhoar, deve, com todo o apuro e sem perda de tempo, começar a nova éra da sua vida politica por uma legislação propria, que, transformando o berço do seu nascimento ou de sua adopção, de terra da escravidão em terra da liberdade; que, estabelecendo e firmando a sua sorte futura, lhe assigne logar escolhido nos annaes das nações bem constituidas; e para obtel-a é mister que, abundante de recursos e alhanadas todas as difficuldades, que haja de estorval-o ou empecel-o no caminho da gloria que vai trilhar, elle possa dizer aos inimigos internos: ou retirai-vos ou eu vos punirei; aos inimigos externos: não vos temo, tenho força sufficiente para repellir vossas aggressões, justiça demasiada para ganhar amigos que protejam minha causa, e quando esta se decida contra mim, quero antes sepultar-me debaixo das ruinas de minha patria, do que viver escravo.

Tal é, senhores, em resumo, a situação do Brasil: sem duvida para continuação e remate de seus trabalhos, elle carece de alguns meios; porém estes serão abundantemente suppridos pelos energicos e heroicos sacrificios de seus habitantes; porque todo homem livre sabe que a ultima gotta de seu sangue, o ultimo sopro de sua vitalidade, inda pertence á patria.

Seguro dessa verdade, o joven heroe de nossa escolha, o perpetuo defensor da nossa liberdade, o grande o incomparavel principe que nos rege, vendo o Brasil em algum perigo, e a assembléa constituinte e legislativa ainda não installada, persuadiu-se de que, pelo menos agora, só a elle devia competir o direito e a gloria de salval-o, e para este fim julgou indispensavel abrir um emprestimo de quatrocentos contos de réis, debaixo das condições que tenho a honra de apresentar-vos.

Convencidos da necessidade, justiça e legalidade, que abonam este procedimento, e combinando vossas possibilidades com o vosso patriotismo, declarae, senhores, livremente, o que podeis emprestar. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1822. — *Martim Francisco Ribeiro de Andrade.* »

Esta proclamação é patriotica e vibrante. O emprestimo é ainda garantido sómente pelas rendas da Provincia do Rio de Janeiro. A unidade fiscal e financeira estava em

commum e não feitas e os recursos de emprestimo iriam justamente proporcionar a realização dessa aspiração nacional.

O principe assignara a 30 de julho o decreto autorizando o emprestimo, "afim de acudir com promptidão e efficaz remedio na crise das actuaes circumstancias do Recife e o de proporcionar-lhe todos aquelles meios que mais concorram a manter sua independencia, segurança e prosperidade".

Damos abaixo a transcripção das condições do emprestimo (Antonio Carlos — *O Ministro da Fazenda da Independencia e da Maioridade*):

«Os 400:000$ de que a Fazenda Publica desta Provincia precisa para fazer face ás urgencias actuaes, e que pede emprestados serão infallivelmente pagos pelos rendimentos da Alfandega desta Côrte no prefixo termo de 10 annos, e talvez antes; e para este effeito proceder-se-ha da seguinte forma:

1°. Crear-se-ha no Thesouro um cofre com tres chaves, denominado caixa dos juros e amortização desta divida, e serão clavicularios della o conselheiro mór do mesmo Thesouro, o escrivão e o contador geral da primeira repartição.

2°. No decurso do 1° anno, depois de effectuado o emprestimo, entrará para o dito cofre a quantia de 70:000$ proveniente dos rendimentos da Alfandega, a saber: 64:000$ para amortização da decima parte da divida total e pagamento dos juros á razão de 6 % no dito 1° anno, e 6:000$ para fundo de reserva.

3°. Eguaes quantias impreterivelmente entrarão para o dito cofre no 2°, 3°, 4°, e 5° annos, e, depois de pagas as decimas partes da divida total e juros correspondentes, cada anno ficarão na Caixa não só 30:000$ somma dos accrescimos de cinco annos consecutivos, mas tambem 24:000$ dos juros, como si fossem juros da divida total.

4°. No 6°, 7°, 8° e 9° annos entrarão annualmente para o cofre 58:000$, sem haver precisão de entrada alguma no 10, porquanto os 54:000$, já existentes em Caixa, juntos a 38:400$ sobras das quantias applicadas para a amortização e juros dos mencionados quatro annos, fazem a somma de 92:400$ quantia já superior em mais do dobro á

precisa para o pagamento da decima parte da divida total e juro correspondente no 10° e ultimo anno; de sorte que toda a divida pode ficar solvida no fim de nove annos, e ainda antes, como se verá mais abaixo.

5°. As quantias acima, annualmente destinadas para a amortização da decima parte do emprestimo total, pagamento de seus competentes juros a razão de 6 %, e para fundo de reserva, serão sagradas e nunca poderão ter outra alguma applicação que não seja esta, por mais urgentes que sejam as precisões do Estado.

6°. No primeiro dia do anno subsequente ao primeiro anno findo cada um dos credores se apresentará no Thesouro com o titulo que acredita o seu emprestimo, para receber, á bocca do cofre e em presença dos clavicularios o que lhe tocar da quantia applicada para solução da decima parte da divida total dos juros correspondentes; e passará o competente recibo, que será guardado no cofre, e assim se praticará nos primeiros dias dos annos seguintes.

7°. Depois de passados os tres primeiros annos, como do quarto em diante já começam a avultar as sobras dos fundos consignados para a amortização da divida e juros, e pode acontecer que algum dos credores, obrigado por imprevistos acontecimentos, careça de uma quantia superior á que deve pertencer-lhe; neste caso poderá requerer ao presidente do Thesouro que, regulando-se pelo estado da Caixa, lh'a mandará pagar, passando o credor o competente recibo, subtrahindo-se porém dos juros, á razão de 6 %, que deviam competir a referida quantia pedida; 3 ½ si lhe for adiantada no 4° anno; 3 si no 5°; 2 ½ si no 6°; e assim progressivamente decrescendo a perda dos juros proporcionalmente ao augmento dos annos.

8°. Os titulos ou creditos, que se entregarem aos credores, serão assignados pelo escrivão e conselheiro thesoureiro-mór, e rubricados pelo presidente do Thesouro.

9°. Depois de amortizada a divida total e juros, os credores em um dia determinado, comparecerão no Thesouro com os seus titulos, que apresentarão aos clavicularios, e estes áquelles os recibos ; e conhecendo-se por escrupuloso exame da legalidade de todos, e que nenhuma duvida ha na completa solução da divida, queimar-se-hão tanto os recibos como os titulos, a melhor e mais valiosa quitação que se pode desejar em similhantes transacções, visto pôr um termo a futuras questões.

Taes são as condições do emprestimo pedido para acudir ás urgentes necessidades deste Reino; taes os fundos destinados para sua

solução; tal o methodo seguido para gradual amortização da divida e pagamento dos juros, cuja execução será religiosamente observada.

Rio de Janeiro, em 30 de julho de 1822. — *Martim Francisco Ribeiro de Andrade.* »

O emprestimo foi coberto e os subscriptores excederam aos limites estabelecidos. Mas era preciso mais dinheiro para attender á guerra da independencia, e assim a 27 de outubro foi pelo regente o ministro autorizado a receber o que ultrapassara o emprestimo.

Foram esses os recursos que restabeleceram a normalidade nos pagamentos e permittiram subsidios ás expedições de unificação nacional e a regularidade dos serviços. Mello Moraes conta que antes da entrada do emprestimo, havendo necessidade de concluir os preparativos da partida da esquadra, Martim Francisco veiu pedir 20:000$ ao Marquez de Jundiahy, sob sua responsabilidade pessoal. Feita a independencia, ainda o decreto de 18 de setembro sobre as armas e a bandeira é assignado pelo principe regente e rubricado por "José Bonifacio de Andrade e Silva, do meu Conselho de Estado e do Conselho de Sua Magestade Fidelissima o Sr. D. João VI".

A 23 de setembro decretou-se a amnistia e a 12 de outubro foi que D. Pedro tomou officialmente o titulo de Imperador.

A 30 de dezembro as preferencias aduaneiras desappareceram e o decreto dessa data mandou sujeitar os generos de industria e manufactura portugueza ao pagamento de direitos de 24 % de importação. As mercadorias portuguezas deixaram assim de gosar de isenção de taxas. Era a completa separação aduaneira que tinha começado com a abertura dos portos em 1808 e com a extincção consequente do monopolio da antiga Metropole. A 4 de março de 1823 houve a reducção para 15 % nos direitos

de importação dos artigos importados em navios de propriedade de brasileiros.

Havia nessa disposição o objectivo de proteger e fomentar a marinha mercante do novo imperio.

7º — O COMMERCIO NA ÉPOCA DA INDEPENDENCIA

O Rio já se tornara o centro commercial do Brasil e da America do Sul. Vendiamos para a Europa e para os paizes do Prata e o Rio era um entreposto prospero e ainda escala para a India e para todo o Oriente. Navios partiam para levar ao Oriente tabaco, café, assucar, o que dantes a Europa recebera do Oriente; e as embarcações que vinham das Indias com tecidos e tapeçarias, descançavam muitas vezes no novo porto. O Rio estava, portanto, prospero como todo o Brasil, e as condições financeiras do Erario eram que embaraçavam as relações de ordem economica. As despesas da organisação nacional exigiam maiores dispendios e a vida relativamente encarecia. E essa carestia difficultava a vida economica; mas essas difficuldades não eram de molde a mudar o aspecto geral de prosperidade.

O cambio baixava, mas tudo isso era reflexo da transladação por D. João VI de todos os nossos recursos metallicos. O movimento da producção e das transacções era, de facto, cada vez maior.

A exportação de 1796 até 1806, no regimen colonial, tinha sido mais ou menos a seguinte:

1796	11.475:863$935
1797	4.258:823$473
1798	10.816:561$028
1799	12.584:505$139
1800	12.528:091$556
1801	14.776:806$549
1802	10.353:244$931
1805	13.948:700$000
1806	14.155:800$000

A importação no mesmo periodo foi assim calculada:

1796	6.982 :356$248
1797	8.525 :780$096
1798	10.668 :177$385
1799	15.800 :938$555
1800	9.432 :156$624
1801	10.680 :159$775
1802	10.151 :660$235
1805	8.505 :300$000
1806	8.415 :800$000

O movimento total do mesmo periodo assim se resume:

1796	18.458 :220$183
1797	12.784 :603$569
1798	21.484 :738$413
1799	28.385 :443$694
1800	21.960 :248$180
1801	25.456 :966$324
1802	20.504 :905$166
1805	22.454 :000$000
1806	22.571 :300$000

No quadriennio de 1812 a 1817 o movimento commercial com o exterior assim se dividiu:

Exportação:

1812	3.987 :687$000
1813	4.792 :789$000
1816	9.663 :642$640
1817	8.708 :937$508

Importação:

1812	2.463 :952$000
1813	3.587 :236$000
1816	10.304 :222$857
1817	8.507 :896$977

Total:

1812	6.451 :649$900
1813	8.384 :025$000
1816	19.967 :865$497
1817	16.876 :834$485

Exportavamos na média 23.100 toneladas de assucar, 5.600 de algodão, 3.600 de couros, 1.500 de café, 1.500 de arroz e 1.200 de cacau.

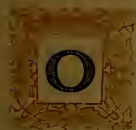
O movimento subiu muito depois. Faltam dados sobre a decada da Independencia, mas as cifras sobre 1831-1835 mostram o desenvolvimento que tomou o commercio depois da completa emancipação do paiz.

Então as importações elevaram-se a 36.577:419$156 e as exportações a 32.998:595$100, fazendo um total de 69.576:019$256.

CAPITULO XI

A organisação do meio favoravel. Os problemas da circulação e do commercio

---

1º — AS LICÇÕES DO PASSADO

PASSADO do Brasil antes e durante a independencia mostra o fundamento dos grandes principios economicos. Os governos, não podendo organizar a meio favoravel de que fallou De Molinari, precipitaram crises que poderiam ter sido evitadas. Na Regencia e no Imperio como no principio da Republica os estadistas esforçaram-se para organizar a circulação monetaria e offerecer assim melhores garantias ao progresso geral.

Não tem circulação não só o paiz que quer, e sim o que póde e quer. Só um seculo depois da independencia, depois de tentativas varias, fracassos e conquistas, foram reunidos os elementos de uma organisação financeira solida.

2º — AS ZONAS FRANCAS

A primeira referencia a zonas francas no Brasil está na convenção secreta relativa á transmigração da familia real, assignada em Londres a 22 de outubro de 1807. Nesse documento assegura-se que no caso de se fecharem de novo os portos á bandeira ingleza seria estabelecido um posto na Ilha de Santa Catharina ou em outro lugar da costa, por onde as mercadorias portuguezas e britannicas poderiam ser importadas em navios inglezes, pagando os mesmos direitos que pagavam em Portugal. Depois não se tratou mais desse assumpto.

A 2 de agosto de 1920, o Sr. Dr. Homero Baptista, Ministro da Fazenda, enviou ao Sr. Presidente da Republica uma exposição que, remettida á Camara, causou excellente impressão. A suggestão do Sr. Homero Baptista foi convertida em lei. No começo de sua exposição o Sr. Homero Baptista, depois de mostrar as vantagens da creação de zonas francas, accentuou que os nossos portos não estão aptos para a installação desses centros de liberdade commercial. E escreveu:

« Depende o desempenho dellas, com amplitude e efficiencia, de que se estabeleçam, nos portos a que se circumscrever, vasta área de producção, zonas francas para o exercicio, sem peias nem entraves da navegação, da industria e do commercio, com os elementos e as possibilidades de toda a sorte, que lhes estão vinculados.

Esse regimen já tem seu germen, em nossa organização, nos entrepostos creados em 1863 e até conservados. Podem elles ser publicos ou particulares, e devem assemelhar-se quanto á percepção de direitos, a territorio estrangeiro. Mas teem seu campo de acção tão limitado, que só podem receber as mercadorias constantes da tabella *H*, cujas designações não excedem de 130, e podem ser ainda reduzidas pelos inspectores das alfandegas. Estão taes entrepostos sujeitos a exigencias e restricções quanto a entradas de pessoas, ao deposito de mercadoria,

ao movimento e beneficiamento destas, ao preço da armazenagem, que se eleva, conforme o tempo, de 1 a 3 %, do valor official dos artigos, etc., e tudo tão concentrado nas alfandegas e dependente dos respectivos inspectores, que, embora, destinados a estimular a expansão commercial a favor desta insignificante influencia, teem exercido e ficarão condemnados a desapparecer, se não forem convertidos, sob criterio liberal, em zonas francas.

É de portos moldados naquellas condições, perfeitamente apparelhados para attenderem ao intenso e afanoso movimento commercial do nosso tempo, de que carecemos, por isso que virão satisfazer não só as nossas necessidades internas e animar as forças economicas da nação, como abrir e desenvolver relações com todos os mercados; servirão de fomentar a collocação de nossos productos e facilitar o conhecimento e utilização das riquezas da nossa terra. Não mais hoje se discutem as vantagens das zonas francas, o seu exito por toda a parte tem sido completo. A difficuldade que agora teriamos, se intentassemos fazel-o, seria a de enumerar todas as utilidades e proveitos dellas decorrentes.

Para logo, onde quer que sejam estabelecidas, as zonas francas conciliam e facilitam o exercicio das funcções capitaes inherentes aos portos, do que resultam vantagens inapreciaveis; fomentam o credito, desenvolvem as transacções, e abrem, assim, largas opportunidades para compras e vendas; attrahem permanente a navegação e commercio de transito e com este permittem novas possibilidades ás praças com o augmento de transportes e de negocios, etc.

Os serviços de carga e descarga ahi são feitos com rapidez, economia e segurança. E como se transformam desde logo, em mercado internacional, ellas se constituem os mais ricos repositorios dos mais variados productos, verdadeiros emporios para abastecimento das populações do interior e supprimento aos paizes visinhos. »

No anno de 1921 abriu-se concorrencia para a execução da primeira zona franca, na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Em 1922, começaram as obras. Tornou-se assim realidade essa parte do programma do governo do Sr. Epitacio Pessôa. De facto, foi sempre pensamento dos Srs. Epitacio Pessôa e Homero Baptista o estabelecimento de zonas francas nos diversos portos da Republica.

As zonas francas realisaram na Euriopa uma grande funcção de distribuição. A Inglaterra pelo seu regimen aduaneiro, pôde sempre fazer de seus portos zonas livres, por meio dos quaes se tornou um entreposto mundial. A prosperidade commercial da Inglaterra e das cidades livres da Allemanha proveio muito desse regimen especial que a sua propria situação geographica indicou.

Na França, no tempo de Napoleão III, começaram a tentar em maior escala as zonas francas de que já havia exemplo, na Idade-Media, em uma porção de pontos na orla do mar e das fronteiras terrestres.

Foi o mesmo regimen depois abandonado em parte pela França, que Hamburgo, Bremen e Lubeck, antigas cidades e portos livres, estabeleceram, quando sob a pressão ferrea de Bismarck tiveram de entrar para o "zollverein" allemão.

Como compensação, essas cidades tiveram, no seu pòrto, uma zona franca, onde mercadorias podem ser depositadas, mesmo fabricadas, sem pagamento de impostos de importação ou exportação.

Desse modo o grande trafego internacional se pode desenvolver, apesar do regimen aduaneiro do Imperio.

Em Trieste e Fiume, houve sempre zonas francas. Zonas francas foram creadas em Copenhague, em Cadiz, etc. O tratado de paz estabeleceu zonas francas em Dantzig, Stettin, etc.

O fim das zonas francas é restabelecer um porto pelo qual, livre das peias e prejuizos alfandegarios, possam os negociantes e mesmo fabricantes reexportar as suas mercadorias sem grandes onus.

As mercadorias ficam depositadas sem pagar direitos e assim quando tomam destino definitivo só ha uma formalidade a preencher.

O Brasil com a sua immensa costa tem necessidade de muitas zonas francas para facilitar a distribuição dentro

do seu regimen proteccionista. Ao demais, pelas communicações maritimas para o Prata, e pelas futuras ou já incipientes communicações ferro-viarias, para os paizes centraes da America do Sul, muitos dos nossos portos devem ter uma funcção distribuidora, o papel de entrepostos. O estabelecimento das zonas francas nos nossos principaes portos será o melhor processo de transforma-la em grandes entrepostos da America do Sul. O Governo enviou em 1920 uma mensagem ao Congresso pedindo autorização para a instituição das zonas francas. O Sr. Ministro da Fazenda, fez então uma exposição de motivos, mostrando as vantagens dessa creação, e por que essa iniciativa constituia programma do Governo. Foi feita a lei, abriu-se concorrencia para a construcção da primeira zona franca na Ilha do Governador e encerrou no Ministerio da Viação o prazo da concorrencia em fevereiro de 1922.

A importancia deste acto é evidente. E' a primeira etapa para a creação definitiva de um regimen que a nossa situação geographica e as nossas condições economicas estão indicando e cuja necessidade o actual Governo reconheceu atacando o problema pelo seu lado pratico e de realisações immediatas. O programma que o Sr. Ministro da Fazenda delineou a respeito, é de grandes consequencias e resultados economicos; abre ao Brasil novas perspectivas e garante ao commercio segura base para a redistribuição das mercadorias recebidas. O inicio das obras para a creação da primeira zona franca no Brasil marca uma época nova.

De facto, basta olhar para um mappa da America do Sul para comprehender que ao Brasil convem a construcção de uma porção de docas e armazens nos nossos principaes portos. Sabe-se ainda da influencia das zonas francas no progresso dos portos, e de regiões inteiras na Europa.

Amsterdam, Rotterdam, Hamburgo, Stettin, Trieste, Fiume, devem ás suas zonas francas parte de sua prosperidade.

Londres e os outros portos inglezes, graças á liberdade commercial, ficaram sendo entrepostos mundiaes.

No Brasil as zonas francas serão de dupla vantagem. Sob o ponto de vista do commercio interno, servirão de entrepostos emquanto não se firma ou decide o destino das mercadorias. Sob o ponto de vista internacional, essa funcção se alargará e tomará vulto.

O Brasil é passagem obrigatoria para a communicação entre a Europa e ricos paizes sul-americanos. As linhas de navegação nem sempre podem prescindir das paradas nos nossos portos. O Sr. Dr. Homero Baptista, numa exposição de motivos segura e convincente, mostrou as vantagens da installação de diversas zonas francas no Brasil. O Sr. Presidente da Republica, approvando esse plano, remette-o ao Congresso, que apoiando e applaudindo a iniciativa, autorizou o Governo a tratar da applicação de tão feliz suggestão.

Não seria possivel fazer tudo ao mesmo tempo; não seria possivel crear simultaneamente em todo o Brasil uma porção de zonas francas.

Isto será conseguido, mas com o tempo, depois dos primeiros ensaios.

A primeira zona franca a ser installada será a do Rio de Janeiro, na Ilha do Governador, sitio excellentemente apropriado.

Foi um grande serviço prestado pelo Sr. Homero Baptista, que deixará prompta a obra que terá repercussão no desenvolvimento da nossa riqueza, corrigindo os inconvenientes do proteccionismo aduaneiro. O Rio, nos tempos coloniaes, foi, quando o ousado contrabando e o desleixo da Metropole permittiram, grande entreposto

para todo o Prata. A nossa Capital deve parte de sua prosperidade, no fim do seculo XVIII e no começo do seculo XIX a essa circumstancia. A zona franca abrirá novas perspectivas ao nosso commercio internacional.

3º — "STOCKS" DE OURO

Durante a grande guerra, de 1914 a 1918, para supprir as deficiencias da receita, emittiu-se muito no Brasil. Tanto que o papel em circulação passou de 600.000:000$ em 1913 a 1.800.000:000$ em 1919.

O governo do Sr. Dr. Epitacio Pessôa, quando começou em julho de 1919, encontrou esse encargo formidavel e o apparelhamento que o Dr. Antonio Carlos, quando Ministro da Fazenda da presidencia Wenceslau Braz, deixára.

Fechando a Caixa de Conversão e prohibindo a exportação do nosso ouro, o Governo anterior conseguira accumular valores metallicos na importancia de 47.000:000$ ao par.

A situação encontrada pelo novo Governo era mais difficil. Na guerra todas as emissões se facilitam. Na paz, havia todas as consequencias da guerra, mas não era mais possivel continuar a politica que o Presidente Epitacio Pessôa chamara com razão de opio e de morphina. Era preciso normalizar tudo, sem recorrer de novo ás emissões de papel-moeda. Mantida a prohibição da exportação de ouro, conservada a acquisição de toda a producção brasileira para o reforçamento do fundo de garantia, o Sr. Dr. Homero Baptista, Ministro da Fazenda, teve de vencer muito maiores difficuldades do que os seus antecessores. E venceu-as calmamente, evitando novas emissões, resistindo ao movimento de interessados em certo mo-

mento, mantendo firme a politica de principios e realisações contra a politica de expediente.

As condições financeiras e monetarias de um paiz são dos principaes elementos do preparo do meio favoravel ao desenvolvimento da prosperidade geral.

Economistas e homens de Estado, verdadeiramente dignos desse nome, todos concordaram que a unica circulação sã é a metallica, de ouro, e sem essa segurança não se podem ter a elasticidade, o credito, a ductilidade, a vastidão de um banco central de emissão e redesconto.

Nas Conferencias de Bruxellas e de Genova, todos esses grandes principios foram renovados. A Commissão Financeira de Genova votou que o estado do ouro é o unico que deve ser adoptado, que é de interesse que os paizes que não tenham circulação metallica declarem que se esforçam para obtel-o, na medida do possivel e que todos os governos devem ir accumulando reservas para o saneamento proximo ou remate do seu meio circulante.

Em junho realisou-se em Paris um congresso de economistas, banqueiros, negociantes, industriaes, homens de Estado para estudar a situação monetaria. Esse congresso chamou-se "Semana da Moeda". As conclusões votadas começam dizendo que "a estabilidade monetaria, necessaria á saude economica do paiz, não poderá ser obtida sinão pela volta á conversibilidade".

A politica aconselhada pelos competentes e praticada na Inglaterra, na França, em toda parte, é, portanto, a de accumulo de reservas metallicas e de restricção da circulação papel para diminuir ou eliminar os effeitos da inflação creada pelas despesas extraordinarias da guerra.

No Brasil, o actual Governo tem seguido systematicamente essa politica, que é a unica que nos póde conduzir a um banco de emissão de verdade.

A creação de um banco de emissão e redesconto é

uma necessidade para regularisar a circulação e para garantir a todos que trabalham o credito estrictamente indispensavel. Mas a nossa propria experiencia prova que sem encaixe metallico esse instituto só poderia ter uma vida precaria e ephemera.

O Sr. Dr. Epitacio Pessôa, com a collaboração do Sr. Dr. Homero Baptista, tem seguido, nesse particular, a unica orientação capaz de reunir em momento opportuno os elementos basicos da futura organisação bancaria.

O Sr. Ministro da Fazenda não desanimou um só momento no proseguimento systematico da concentração de valores ouro. Ampliou os contractos para acquisição da producção das nossas minas, obteve que nas diversas leis sobre questões economicas se fosse destinando ao fundo de garantia o debito do Banco do Brasil, o producto do serviço de titulos comprados pelo Governo e outros elementos; e ao mesmo tempo cumprio as clausulas da cremação incessantes das notas emittidas para a Carteira de Redescontos e as de queima e resgate das que foram lançadas em circulação para attender ao Convenio Italiano.

O fundo de garantia de papel-moeda era de 47.000:000$, ouro, em julho de 1919, quando entrou em exercicio o governo do Sr. Dr. Epitacio Pessôa.

O ultimo balanço registrou um total de 86.172:623$921.

Assim o Sr. Dr. Homero Baptista augmentou o fundo de garantia de mais de 39.000:000$, ouro, sem ter á sua disposição o saldo da Caixa de Conversão como tiveram as administrações anteriores para a formação do primeiro encaixe. O Brasil, como todas as nações, emittiu muito durante o periodo agudo das hostilidades. A interrupção do trafego maritimo fez baixar de muito a renda das alfandegas e os governos passados appellaram então para o expediente do papel-moeda. E tanto que a nossa circulação em papel-moeda, de curso forçado, que era em 1913

de 600.000:000$, se eleva neste momento a cerca de 1.800.000:000$000.

O Sr. Dr. Homero Baptista, ao assumir a pasta da Fazenda, procurou encontrar os recursos capazes de sanear o meio circulante, sem grandes commoções e de accôrdo com as condições geraes do paiz. Sem um esmorecimento dentro das possibilidades da época, S. Ex. tem seguido essa politica que é a unica com elementos seguros para uma completa prosperidade financeira.

O Sr. Ministro da Fazenda não desanimou um só momento no proseguimento systematico da concentração de recursos ouros.

Não só estendeu os contractos para a acquisição da producção das nossas minas, como obteve que nas diversas leis sobre questões economicas e financeira se fosse destinando ao fundo de garantia o debito do Banco do Brasil.

Ao mesmo tempo, tem cumprido as clausulas da cremação incessante das notas emittidas para a Carteira de Redesconto e as de queima e resgate das que foram lançadas em circulação para attender ao Convenio Italiano.

Assim emquanto elevou o fundo de garantia da importancia de 47.000:000$, ouro, a cerca de 87.000:000$, ouro, o Sr. Ministro da Fazenda restringia o meio circulante de accôrdo com a lei, promoveu as grandes medidas de deflação que constam de leis já sanccionadas. Todos sabem os prejuizos decorrentes da inflação do meio circulante: carestia de vida, baixa de cambio, instabilidade de valores, desappropriação progressiva das riquezas.

Entre as autorizações do Poder Executivo na lei de provimento orçamentario que substituiu o orçamento vetado em 1922, destaca-se o seguinte:

«19 — a emittir apolices da Divida Publica na importancia necessaria para com o seu producto incinerar quantia equivalente de papel-moeda, até que se consiga o limite para este estabelecido no

§ 3º do art. 1º do decreto legislativo n. 1.482, de 13 de novembro de 1920.

A metade do saldo que se verificar na arrecadação ouro será applicada de preferencia no resgate das apolices emittidas para aquelle fim. »

Assim, essas medidas completam as que o Sr. Ministro da Fazenda já havia conseguido introduzir na lei de 13 de Novembro.

Os §§ 1º e 2º do art. 1º dessa lei mandam destinar o saldo da arrecadação ouro ao reforçamento do fundo de garantia e á incineração proporcional do papel-moeda.

O § 3º limita, entretanto, em um milhão e quinhentos mil contos o total de papel em circulação. Quando o resgate reduzir o papel a esse total de 1.500.000:000$, cessará a incineração e então o saneamento será feito pelo reforçamento do fundo de garantia.

E' um magnifico programma financeiro, cuja execução se vai assim completando: — reducção do papel em circulação, a 1.500.000:000$, e augmento incessante do fundo metallico de garantia. O actual Governo deixará o Thesouro com um fundo de garantia correspondente a um terço do valor da circulação, o que já é uma proporção sufficiente para valorisal-o, provocar a deflação, estabilisar toda a situação financeira e melhorar definitivamente o cambio. A disposição orçamentaria a que nos referimos autoriza o Poder Executivo, a emittir apolices na proporção necessaria para resgatar o que no meio circulante exceder de 1.500.000:000$, prefixados. Todo o mundo que entende de finanças sabe que o papel moeda é um emprestimo forçado, um emprestimo a que ninguem pode fugir, um emprestimo do Estado e, na opinião dos economistas, o peor de todos.

Incinerar notas e converter a sua divida em divida consolidada é, portanto, uma feliz operação de conversão. Desapparecerá assim da circulação uma massa de papel que

a tudo desvalorisa e encarece ao mesmo tempo, fazendo subir as despezas do Estado e gerando *deficits* sobre *deficits*, conforme attesta a experiencia secular de todos os povos.

O saneamento do meio circulante pelo accumulo gradual do ouro e pela retirada de notas até o limite de réis 1.500:000$ será uma grande operação, que influirá em toda a nossa economia, fazendo subir o cambio e facilitando a intensificação do trabalho em todo o paiz.

O dispositivo da lei da despeza que autorisa a emissão de apolices para retirar correspondente valor em notas encerra, portanto, um serio programma financeiro, que tornará notavel na historia economica do Brasil o governo que o executar. As apolices resgatarão o papel-moeda, e depois, o saldo ouro resgatará as apolices. O esforço na administração de 1919-1922 foi maior do que o dos governos anteriores e a elevação do fundo de garantia de 1.592.000 libras a 4.021.524 libras, no quadriennio Rodrigues Alves, só póde provar que na presidencia actual se fez muito mais em relação ao exemplo citado e numa época de maiores difficuldades no mundo inteiro.

O impulso decisivo, para o saneamento do meio circulante e para a circulação já foi dado; tudo depende agora de continuidade, do proseguimento da politica iniciada. O Brasil não deixou portanto de aproveitar das circumstancias e dos ensinamentos da guerra. Quando a guerra começou não tinhamos mais fundo de garantia, e assim o que accumulamos depois honra sem duvida a nossa administração. A taxa do augmento do nosso encaixe tem sido explendida. O Banco da Inglaterra tinha em 1914 um encaixe de 25.000.000 de libras e no ultimo balancete de maio esse lastro subio a 145.000.000 para os 22.000.000 de notas e 1.800.000 libras do departamento bancario. O Thesouro inglez possue para garantia das notas em cir-

culação, 28.500.000 libras em ouro e 19.450.000 em notas do Banco da Inglaterra.

Os Bancos de Reserva Federal dos Estados Unidos tinham na ultima data uma reserva total de ouro de 3.007.690.000 dollars contra 1.939.720.000 em 1920. A circulação passou de 3.085.200.000 dollars a 2.128.230.000.

O Banco da França registrava um encaixe de ouro e prata de 3.730.625.000 francos em 1914, para uma circulação de 5.811.875.000 francos.

Em 1 de junho o encaixe era de 5.527.811.000 francos, para 1.948.367.000 francos no extrangeiro, para uma circulação de 35.982.101.000 francos.

O Banco de Hespanha accusava em 1914 um lastro ouro de 521.775.000 pesetas e uma circulação de........ 1.901.550.000 pesetas, a 27 de maio o encaixe era de 2.522.266.000 pesetas e a circulação de 4.160.518.000.

O Banco do Japão tinha no anno de 1914 uma reserva metallica de 218.670.000 yens para uma circulação de 327.227.000.

A 27 de maio de 1922 o encaixe subira a 1.274.656.000 yens, para uma circulação de 1.116.664.000.

O banco da Italia sommava em 1914 um lastro de 1.221.875.000 liras, para uma circulação de 1.556.325.000. Em abril o encaixe era de 1.484.524.000 e a circulação de 13.608.391.000.

O Banco Hollandez possuia em 1914 ouro no valor de 163.092.000 florins para 316.632.000 de circulação e em 1922 um encaixe de 805.889.000 florins para 994.112.000.

Só o Banco Imperial da Allemanha, o Reichbank, não accusa augmento.

Em 30 de maio de 1914 o seu encaixe era de...... 1.313.240.000 marcos e a circulação de 2.013.860.000.

A 23 de maio passado o ouro valia 1.002.864.000 marcos e o papel em circulação 144.138.326.000.

O que se conclue disso tudo é que os Governos, por intermedio de seus bancos de emissão, ou directamente, trataram todos de augmentar o seu encaixe metallico; e que a propria Allemanha vencida e cheia de extraordinarias obrigações, se diminuio um pouco o seu encaixe, pouco o reduzio em relação ao que era antes da guerra.

O Brasil seguio essa politica recommendada pelos economistas e applicada pelos governos; e podemos dizer que na America Latina somos, entre os grandes paizes, o unico que possue um apparelhamento capaz de conduzir a circulação metallica.

Para acudir ás despezas da guerra e para attender ás necessidades de trocos, o Governo Inglez emittio notas do Thesouro no valor de uma libra e dez shillings. Essa emissão attingio a 367.626.000 em 31 de dezembro de 1918.

Em 1919, para restringir essa circulação, promover a deflação e preparar o retorno á normalidade financeira, foi promulgada uma lei determinando a gradual retirada das notas e a simultanea accumulação de um encaixe em ouro e em notas conversiveis do Banco da Inglaterra.

A lei estipulou que todos os annos se marcasse o maximo a que poderia ficar o valor da circulação sem garantia em ouro ou em notas conversiveis.

Assim o maximo das notas fiduciarias foi fixado para o anno de 1920 em libras 320.600.000, para 1921 em 317.555.200 e para 1922 em 309.988.400.

O Governo formou um encaixe de 28.500.000 libras ouro e de notas conversiveis no Banco da Inglaterra no valor de 19.450.000 libras.

Ao de mais ha 5.000.000 de libras em prata amoedada e o Governo reserva, guarda, para incineração uma parte das notas emittidas, fazendo uma cremação semanal. Em fins de dezembro de 1921, a circulação total era de libras 325.584.000, menos 42.000.000 do que em dezembro de 1920.

O Governo reservava, ficando fóra da circulação 14.658.000 libras, tinha prata no valor de 3.000.000 de libras, ouro no valor de 28.500.000 libras e 19.450.000 libras em notas conversiveis do Banco da Inglaterra.

A circulação sem outra garantia senão a do Estado passou a ser de 289 milhões de libras, abaixo do limite estabelecido para resgate gradual, que para 1921 fôra de 317.555.200 libras.

Para 1922 esse limite foi de 309.988.400 libras. Pois, a 31 de maio do corrente anno, a circulação sem encaixe era de 258.000.000 de libras.

O total das notas em circulação já está abaixo do limite estabelecido, pois era em maio de 311 milhões de libras, incluindo 296 milhões realmente nas mãos do publico, 13 milhões de reserva e 1.617.068 já recolhidos e ainda não incinerados. As notas ainda sem encaixe sobem a 258 milhões de libras, menos 85.000.000 do que em 1919 e o lastro consiste em 28.500.000 libras em ouro em barra e amoedado, 5.000.000 de libras em moeda de prata recolhidas, 19.450.000 libras em notas conversiveis do Banco da Inglaterra.

Assim o Governo Inglez pretende ir reduzindo a circulação fiduciaria, emquanto augmenta o encaixe. O encaixe de prata não representa garantia permanente, mas no caso ha razão para estar escripturado como tal.

O Governo recolheu as peças de prata e no momento opportuno as lançará em circulação como moeda divisionaria resgatando e incinerando então quantia correspondente em notas fiduciarias do Thesouro.

As notas do Banco de Inglaterra serão tambem lançadas na circulação logo que pareça opportuno o resgate de quantia equivalente. O ouro entrará tambem em giro, e em ultimo logar, para definitivo resgate das ultimas notas emittidas durante a guerra.

A necessidade de fazer economia no orçamento retardou a liquidação dessa operação de resgate que só póde durar muitos annos; mas não a interrompeu estando em plena actividade o mecanismo de recolhimento e incineração de notas e de simultaneo augmênto do encaixe.

Tudo depende da organisação financeira e monetaria› base do custo da producção, e das cotações cambiaes. As despezas excessivas da guerra obrigaram os Governos a grandes emissões directamente ou por intermedio dos bancos centraes, e se os vencedores e neutros ainda puderam as suas reservas metallicas, os vencidos perderam a maior parte das que tinham ou que conquistaram durante a guerra.

O Banco da Hespanha tinha 645.100.000 pesetas ouro e 729.675.000 em prata, antes da guerra, para uma circulação papel de 1.938.925.000.

O encaixe augmentou em proporção maior do que a circulação. Em julho de 1920 e ouro depositado valia 2.452.554.000 pesetas e prata 614.528.000, fazendo um total de 30.067.082.000; o papel em circulação 3.905.875.000 pesetas.

Em julho de 1922 o deposito em ouro subio 2.522.911.000, em prata a 648.871,000, num total de 3.171.782.000 e a circulação era de 4.144.775.000.

No Banco da Suecia, o ouro do encaixe valia, em 1914, 102.906.000 coroas com uma circulação de 241.726.000.

Em julho de 1920, a circulação era de 730.530.000 e o ouro representava 261.234.000.

Em julho ultimo, a reserva subiu a 273.985.000 coroas, para uma circulação de 594.183.000.

A situação melhorou.

A inflação da Allemanha é formidavel. Os francezes accusam mesmo os dirigentes germanicos de accentuarem a inflação para provocar a bancarrota financeira do Reich

e impossibilitar os pagamentos internacionaes. Os allemães não abandonaram, porém, o ideal de saneamento da moeda. Tanto que quando os francezes pretenderam requisitar o que resta de ouro no Reichbank todos na Allemanha se oppuzeram com violencia a tal entrega; e a impressão foi que os allemães preferiam uma nova guerra a ficar sem o seu ouro. O projecto de confisco foi abandonado. As difficuldades financeiras obrigam os allemães a emissões continuas por intermedio do seu grande banco central. A Commissão de Reparações pediu ao Sr. Hermes, ministro das Finanças do Reich, que a circulação do Reichsbank não excedesse ao total de 31 de março, que era de 130 billiões de marcos. Tudo que ultrapassasse esse limite seria resgatado. O Sr. Hermes prometteu mas já tinha dado autonomia ao Reichsbank.

Em junho de 1914, o Reichsbank tinha uma reserva de ouro no valor de 1.356.860.000 marcos. Além disso possuia um "stock" em prata de 334.540.000 fazendo um total de 1.691.400.000 marcos. A circulação era de 1.890.900.000.

Só a situação do Banco da Inglaterra, por um regimen especial, se poderia considerar melhor.

Em junho de 1920, o ouro, depois de ter augmentado durante a guerra, baixou a 1.091.672.000 marcos e a prata a 3.312.000, num total de 1.094.984.000.

A circulação já se elevara a 53.925.178.000. Em junho de 1921, o encaixe ouro era de 1.091.563.000 e o de prata de 11.205.000, sommando 1.102.768.

A circulação já subia a 75.321.095 marcos.

Em 23 de junho do corrente anno, o ouro representava um pouco menos, 1.003.860.000, a prata um pouco mais, 19.340.000, num total de 1.022.200 marcos. A circulação attingia a 157.935.228.000 marcos, muito acima das exigencias da Commissão de Reparações. A 30 de junho, o

encaixe ouro permanecia quasi o mesmo, 1.003.859.000 marcos, o de prata subira muito pouco valendo 19.743.000, num total de 1.023.602.000 marcos. A circulação papel chegara, porém, a 169.211.792.000 ! E' a causa principal da depreciação do marco. O Japão conservou os seus recursos e a proporção do ouro subiu. O Banco Imperial tinha em 1914 uma reserva ouro de 218.670.000 yens, para uma circulação de 327.224.000 papel. Em junho de 1920, o ouro valia 935.951.000 yens e o papel 1.174.468.000. Em junho de 1922, o ouro se elevou a 1.171.744.000 yens, para uma circulação papel de 1.174.468.000 yens.

A obra financeira realisada pelo Governo na presidencia Epitacio Pessôa, emprehendida no meio das difficuldades de uma época anormal que ainda soffre as consequencias da guerra, é de alta significação.

O essencial está feito; basta agora continuar para dotar o Brasil do apparelho monetario de que carece.

CONCLUSÃO

Formulas novas. A influencia dos economistas no movimento da Independencia

A HISTORIA do Brasil está por fazer. Assim, para formular alguns principios da colonização e da formação economica do Brasil tive de estabelecer novas relações, de crear noções e estabelecer doutrinas, como a da differenciação americana. Tive tambem necessidade de destacar a importancia de factores economicos nas luctas pela Independencia. O estudo das doutrinas economicas levou tambem a provar a relação entre o que se pensava na Europa com o que se fazia na America.

Defendi tambem os nossos maiores de accusações infames de reputados autores nacionaes. Aquelles homens vieram com os suas concepções. Não eram precursores de idéas, e sim de nações. Portuguezes, habituados a luctar na Africa, em contacto permanente com os arabes, não lhes poderia repugnar a escravização dos negros que obtinham muitas vezes como resgate dos seus reis vencidos. A escravidão não os indignava. Trataram de prender e

escravizar os indios, o que não foi facil, porque as suas tradições eram diversas das dos negros. Trouxeram depois o que havia de melhor na Europa, nas ilhas atlanticas, na India, em todo o Oriente, para o aproveitamento das terras conquistadas.

Pela primeira vez appareceu tambem a justificação do regimen colonial pela definição das idéas do tempo. Mostrei pela primeira vez como as theorias mercantilistas indicavam á metropole um proteccionismo que se traduzira aqui por um rigoroso regimen de prohibição. Os mercantilistas procuravam tudo regulamentar, protegendo uns, anniquilando outros.

Provei tambem, sem ter precedente, que, tratando de garantir os mercados das colonias ás producções das metropoles, os governos da Europa obrigaram as jovens nações a differenciarem as suas plantações e industrias. Mostrei, assim, que o mercantilismo apressou o progresso da America, fazendo-a differente. Até agora, a nossa historia critica e sociologica não tocara de leve nessa influencia.

Entretanto, como provei, essa influencia foi grande. No primeiro seculo da conquista houve mais liberdade, mas no seculo XVII e no seculo XVIII, até que a repercussão dos physiocratas se fizesse sentir, predominaram as idéas mercantilistas. Todos os dirigentes do Brasil, na metropole ou na colonia, rei, ministros, governadores, magistrados, se cingiam ás doutrinas de systematizar a producção pela intervenção do Estado.

Tarde chegou a influencia dos physiocratas e mais rapidas se alastraram as idéas dos liberaes classicos.

Mostrei, tambem pela primeira vez, como as doutrinas de Adam Smith (1725-1790) e Jean Baptista Say (1767-1832) precipitaram a independencia do Brasil, como de toda a America.

O mercantilismo justificava os monopolios, as prohibições, os exclusivismos. As idéas de liberdade prégadas por Gournay — *Laisser faire, laisser passer* — desenvolvidas por Adam Smith e Jean Baptiste Say mostraram como era odioso e prejudicial o regimen colonial.

Penso que o mercantilismo foi util porque apressou e systematizou a differenciação americana; mas no fim do seculo XVIII e no principio do seculo XIX as novas concepções economicas faziam ver a todos os homens cultos que o regimen de monopolio impedia o desenvolvimento da vida economica, que a propria differenciação ajudara a principio a tomar vulto e a impor-se. Assim, o mercantilismo exerceu uma missão util, como a escravidão. Mas quando a riqueza já estava consolidada, as novas idéas liberaes evidenciaram de um modo que dantes não se comprehendia os prejuizos da submissão á Metropole. Quando os homens politicos e os livros aconselhavam a regulamentação de tudo, era mais justificavel o regimen imposto pelo governo de além-mar; mas quando os pensadores provavam as vantagens da liberdade, nos paizes já amplamente productores, o systema de monopolio metropolitano e de prohibições se tornou aos olhos de todos, homens de gabinete, proprietarios de terras, profissionaes e negociantes, estabelecidos no Brasil, inteiramente iniquo e lesivo. Assim, as idéas de Adam Smith, e Jean Baptiste Say, ajudaram a fazer brotar nos cerebros americanos as idéas de liberdade commercial e de independencia politica.

Si alguns eram fieis á antiga Corôa, todos os moradores eram interessados na prosperidade geral, e assim a independencia appareceu como um instrumento da liberdade commercial necessaria.

Todos os documentos que tenho lido, datados de 1800 a 1807, demonstram a influencia da escola liberal clas-

sica. Em 1807 a 1808, José da Silva Lisboa é bem o representante mais culto e technico dessa corrente que se avolumava. Si D. João fugindo de Portugal e já compromettido pelo tratado secreto de Londres, de 27 de outubro de 1807, a abrir os portos do Brasil ou a crear, em caso contrario, portos francos; si D. João não tivesse vindo para o Brasil em 1808 com essas disposições, a Independencia teria se realisado mais cedo. Todas as reivindicações economicas então se satisfizeram com a trasladação da Côrte para o Rio de Janeiro.

O Conde de Ponte, o homem a quem foi dirigida a celebre carta régia de 1808, abrindo os portos ás nações amigas, estadista enthusiasta da sciencia economica, promoveu em 1807 um inquerito para saber das condições economicas da Bahia. Pois todas as respostas aos seus quesitos, impressos depois, em 1821, em Lisboa, pedem liberdade, mostram a necessidade de applicar as idéas de Adam Smith e Jean Baptiste Say. Todos os documentos da época fallam com enthusiasmo dos dois grandes economistas.

José da Silva Lisboa, no seu livro sobre *Economia Politica*, formulou a doutrina da evolução da independencia, ampliando a celebre divisa de Gournay— *Deixai passar, deixai fazer, deixai vender*, exclamava José da Silva Lisboa em pleno regimen colonial, com todas as prohibições do tempo, com todos os monopolios da exportação e importação e privilegios de zona, peiagem á travessia, que impediam a livre concorrencia e o progresso.

O que tinha sido util até os meiados do seculo XVIII tornou-se prejudicial nas ultimas decadas.

O que o monopolio, as prohibições haviam feito prosperar exigiam, então, liberdade, para aproveitamento de toda a sua riqueza. Para dar novo impulso ao apparelhamento da producção era indispensavel importar, e o regimen mercantilista da metropole não o permittia. As novas

idéas liberaes evidenciaram aos olhos de todos os inconvenientes do systema colonial.

O desenvolvimento do commercio universal reclamava novos methodos, que a Inglaterra ia applicando com grande exito. O livro de Say, citado por todos os proceres da Independencia, é como que um hymno á relativa liberdade commercial instituida na Inglaterra, graças á propaganda dos seus grandes economistas.

Creando uma cadeira de economia politica e entregando-a a José da Silva Lisboa, tornando publica e official a versão da influencia do economista brasileiro na carta de abertura dos portos, o governo da Regencia mostrou comprehender as necessidade da situação.

Portugal não poderia guardar os monopolios, e a diplomacia ingleza já pedira a abertura dos portos. Mas, ao par desses "factos", havia as idéas, dàs quaes o maior propagador, transmissor, vulgarizador e formulador foi, em duvida, José da Silva Lisboa.

Prégando numa grande colonia as vantagens economicas da liberdade, naturalmente se patenteava o odioso de um regimen prohibitivo para dar lucros coercitivos á Metropole.

As idéas magnificas dos grandes fundadores da escola liberal classica, os quaes, aliás, a começar por Smith, fallaram sempre com tanto carinho e confiança do Brasil, illuminaram todos os cerebros instruidos da America. No Rio, na Bahia, em Pernambuco, em S. Paulo, no Maranhão todas as manifestações de pensamento revelaram então a influencia dos economistas.

A Independencia teria sido promovida mais cedo si D. João VI não viesse trazer, em 1800, a liberdade commercial. Quando o desvario das Côrtes de Lisboa pretendeu recolonizar, todos os homens influentes do Brasil protestaram. Era preciso a independencia politica, porque

não seria mais possivel discutir nem de leve ou de longe a possibilidade de uma limitação da liberdade commercial e industrial. As idéas da escola liberal brilham nos discursos, livros, relatorios, apartes parlamentares, artigos dos jornaes de toda a geração da Independencia. Cayrú, o mestre, Gonçalves Ledo, Martim Francisco, Januario, etc., eram enthusiastas dos principios novos.

Com as contingencias da época, de accôrdo com as necessidades e as conveniencias da politica, sempre prevaleceram nas questões de principios os ideaes do liberalismo economico nos proprios ministros que succederam a Martim Francisco, Tinoco, Maricá, Barbacena, Baependy, Queluz, Abrantes, Albuquerque e Borges. As idéas novas despertaram as consciencias americanas, e os que se preoccupavam com as questões agricolas, industriaes e commerciaes receberam como que outra força com a vulgarização na Europa dos principios liberaes.

Assim a influencia dos economistas foi grande no movimento que promoveu a independencia. José da Silva Lisboa teve a gloria de ver consagrada pela prosperidade a repercussão de suas idéas numa carta régia.

E' preciso, porém, que nos livros de historia se explique a significação da ligação do nome do economista brasileiro á abertura dos portos.

E' a repercussão de idéas novas e é o reconhecimento official da influencia dos brasileiros, dos principios formulados pelos brasileiros na administração do Brasil. O *Fico*, ou a *Ficada*, como se dizia na época, toda a resistencia triumphante, as fantazias dos recolonizadores, o impulso para a liberdade, a independencia e a separação de Portugal e para a unidade de todo o Brasil são, afinal, consequencia da formação de uma nova mentalidade, para a qual contribuiram forte e decisivamente os primeiros economistas brasileiros.

A historia tem sido feita erradamente, porque em geral os auctores não procuram definir as concepções da época. Vêem homens, regimen, luctas, mas não vêem idéas, principios.

Os nossos maiores portuguezes agiram sempre de accôrdo com as concepções de seu tempo. Havia então servos na Europa e escravos por toda a parte. Trazendo escravos para o Brasil estavam dentro de todas as concepções de seu tempo. Foram tambem mercantilistas, como todos os governantes da Europa naquelle periodo historico. Assim não é critica sociologica e scientista accusar homens porque não procediam de accôrdo com principios que só mais tarde, pelo desenvolvimento das sciencias biologicas e sociaes, foram elaborados e formulados.

E' um erro attribuir-se, como em todos os compendios se attribue, exclusivamente, ás guerras napoleonicas a liberdade dos povos americanos. As guerras crearam facilidades politicas, mas as revoluções pela Independencia foram levantadas pelos brancos movidas pelas idéas novas. As concepções eram outras, a politica tinha de mudar. Como sempre, a uma mentalidade nova correspondia novo regimen politico.

INDICE

CAPITULO I

COMO E PORQUE OS HOMENS DA EUROPA VIERAM PARA A AMERICA

CAPITULO II

A TRANSPLANTAÇÃO DOS INGLEZES

CAPITULO III

A TRANSPLANTAÇÃO DOS HESPANHOES

CAPITULO IV

FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

CAPITULO V

O MEIO GEOGRAPHICO E O MEIO ECONOMICO

CAPITULO VI

TRANSPLANTAÇÃO DOS PORTUGUEZES. PRINCIPIOS DA COLONIZAÇÃO PORTUGUEZA

CAPITULO VII

PROGRESSO ECONOMICO E FINANCEIRO DO BRASIL NO PERIODO DA FORMAÇÃO NACIONAL

CAPITULO VIII

FACTORES ECONOMICOS E FINANCEIROS DA INDEPENDENCIA

CAPITULO IX

A TRANSFORMAÇÃO ECONOMICA E FINANCEIRA

CAPITULO X

EVOLUÇÃO ECONOMICA E FINANCEIRA. AS FINANÇAS DA INDEPENDENCIA

CAPITULO XI

A ORGANISAÇÃO DO MEIO FAVORAVEL. OS PROBLEMAS DA CIRCULAÇÃO E DO COMMERCIO

CONCLUSÃO